

tempo presença

publicação mensal do CEDI
número 184
julho de 1983



Este selo representa o nosso protesto contra a ameaça iminente de intervenção militar dos EUA na Nicarágua.

encarte
**O Socialismo em
Angola e as Igrejas
Protestantes**

**80 anos de Igreja
Presbiteriana
Independente**

cantores do braço

**O ZERO E
O INFINITO**

**Comunidades
de Base na Itália:
dois caminhos**

**A
LIBERTAÇÃO
DA
LITURGIA**

**umbanda:
um desafio
à reflexão
ecumênica?**

**FAZER
O POVO
PARAR...**

15 de junho de 1983

Recebi com alegria a publicação do Tempo e Presença Editora, promovida pelo Centro Ecumênico de Documentação e Informação — CEDI.

O livro "A Celebração da Vida", produzido pelo Conselho Mundial de Igrejas como material preparatório para sua VI Assembléia que se realizará no mês de julho, desperta para o problema da Vida tão ameaçada em nossos dias, buscando o seu profundo significado no Evangelho.

Agradeço por este trabalho que vem nos iluminar e abrir para a esperança de melhores dias.

Farei o possível para divulgar o material recebido.

Respeitosamente.

Dom Miguel Fenelon Câmara
Arcebispo de Maceió

São Mateus, 18 de junho de 1983

Prezado Senhor,

Quero agradecer o interessante e, de algum modo, muito precioso documento "A Transnacionalização da América Latina e a Missão das Igrejas" que acabo de receber, dentro da documentação do CEDI.

Coloca-se bem dentro das linhas de nossas preocupações pastorais, tornando-se incentivo a continuar, mesmo com as críticas super-diretas de algumas Igrejas, incrivelmente alienadas.

Simplesmente queremos ser Fiéis ao Senhor que nos chama a proclamar Sua Palavra hoje e nestas terras.

Desejando que o vosso Centro continue sua missão, envio cordiais saudações,

Dom Aldo Gerna
Bispo de São Mateus, E.S.

Campinas, 29 de junho de 1983

Prezados Senhores,

Desejo nesta data comunicar que recebi os pacotes que continham os livretos: A Celebração da Vida de John Poulton, tradução de Rubens Alves.

Obrigado pelas remessas, quero dizer aos irmãos que achei o material de excelente qualidade.

Rogo a Deus para que os irmãos sejam inspirados para escreverem mais sobre assuntos tão relevantes de promoção da vida.

Sendo só por hora,

O irmão em Cristo

Bispo Messias Andrino
Igreja Metodista
Conselho Geral — 5ª Região

LEITORES AMIGOS,

As publicações do CEDI (Centro Ecumênico de Documentação e Informação) até aqui editadas por TEMPO E PRESENÇA Editora Ltda. passarão, do dia 15 de setembro (1983) em diante, a ser editadas por ÁGAPE Editora Ltda.

Tudo — compromissos de assinantes, periodicidade, linha editorial — tudo permanece o mesmo. O nome da revista e das demais publicações permanece também. O que muda? Apenas a editora. Por motivos de reorganização das bases comerciais, desaparece a primeira editora e é substituída pela segunda.

Novos pedidos de assinaturas, de publicações antigas, de outros títulos até aqui editados por Tempo e Presença Editora, deverão ser endereçados para:

ÁGAPE Editora Ltda.
Caixa Postal 16082
CEP 22221
Rio de Janeiro, RJ

Publicação Mensal do CEDI
Número 184
julho de 1983

Tempo e Presença Editora Ltda.

Diretor
Domício P. de Matos

Conselho Editorial
Elter Dias Maciel
Rubem Alves
Jether Pereira Ramalho
Heloísa Martins
Luiz Roncari

Composição
Prensa
Rua Cte. Vergueiro da Cruz, 26
Tel. 280-8507

Fotolito e Impressão
Clip — Rua do Senado, 200
Telefone 252-4610

Pedidos em cheques para
Tempo e Presença Editora Ltda.
Caixa Postal 16082
22221 — Rio de Janeiro — RJ

CEDI
Centro Ecumênico
de Documentação e Informação

Rua Cosme Velho, 98 Fundos
Telefone 205-5197
22241 — Rio de Janeiro — RJ

Av. Higienópolis, 983
Telefone 66-7273
01238 — São Paulo — SP

Editor-Geral
Elter Dias Maciel

Editores
Carlos Cunha
André A. Toral
Luiz Roncari

Programação Visual
Anita Slade
Martha Braga

Produção Gráfica
Roberto Dalmaso

Assinaturas e Expedição
Valéria Carrera Roura

“Expulsos para a fome e a beira das cidades, perdem a armação solidária de uma vida popular.”

As palavras do Carlos trazem de volta, em perspectiva apropriada, elementos de reflexão que suscitam atitudes mais ligadas aos interesses daqueles a quem nos propomos servir.

Curiosamente o período da história que estamos vivendo no País tem trazido à tona reflexões que são, no mínimo, estranhas. Há revisões de partidos, revisões de vida, revisões de teorias, de posturas e assim por diante. Até aí, tudo bem. Em termos de uma atitude dinâmica face à vida e à conjuntura é compreensível e desejável que as revisões apareçam e tragam modificações para as práticas que se esterilizam, e pensamentos que se dogmatizam fugindo às novas influências e às novas descobertas.

No entanto não se podem perder de vista os objetivos propostos como opção de vida: o da libertação do homem de tudo aquilo que o esmaga, massacra e impede seus atos criadores. Antes de mais nada não se podem perder de vista os deserdados de todos os matizes e em todos os recantos da terra.

Por isto mesmo temos que abordar as ameaças à liberdade, o renascimento dos fascismos e as voltas ao autoritarismo. As democracias condicionadas e controladas e as religiões que colocam a instituição à frente da plena realização do homem, são elementos a mais no quadro geral da opressão.

O sentido específico de nossa tarefa ecumênica é a ampliação do espectro da luta; exatamente não deixar de lado nenhum aspecto essencial à plena realização do homem. Por isto é preciso ir fundo. Que forças retiram o homem de sua terra? Que razões de estado impedem o homem de adorar seu Deus? Que progresso é aquele que menospreza a fome?

Desvendar estas forças e estes interesses é a tarefa. Lutar a favor do homem é lutar contra todas as formas de exploração.

Suponho que é disto que o outro Carlos (o Cunha) fala. A utopia é também uma definição de luta e de compromissos e não o cruzar de braços à espera de um mundo melhor.

O ZERO E O INFINITO

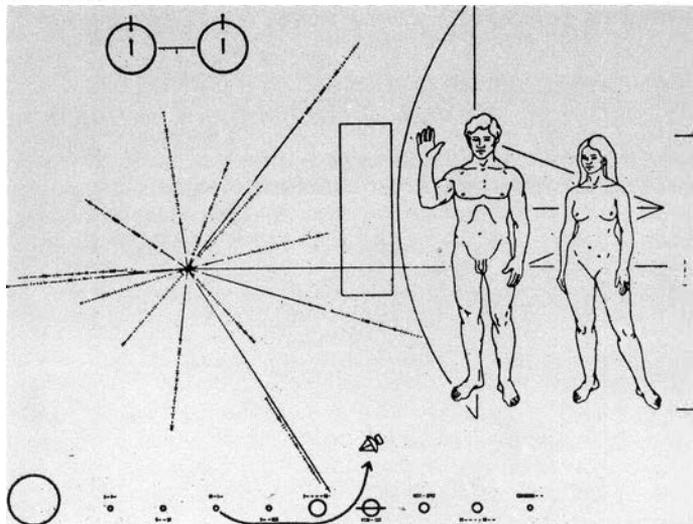
Desenvolvimento tecnológico e as possibilidades de vida e de morte

Aluízio Mercadante Oliva

No dia 13 de junho, a sonda espacial Pioneer 10 cruzou a órbita de Netuno e, após onze anos de seu lançamento, permitiu que o primeiro objeto produzido pelo homem transpusesse o sistema solar. Jamais em toda história da humanidade uma aventura como esta foi realizada. A Pioneer 10 deverá vagar pelo espaço infinito do Cosmos cerca de 5 bilhões de anos, até se desintegrar, e levará uma placa com alguns sinais de quem somos, onde estamos e em que época vivemos. Provavelmente ela continuará a existir quando já não houver mais vida na Terra.

Hoje, a dezessete anos do terceiro milênio, somos cerca de 4,5 bilhões de seres humanos capazes de produzir um objeto como a Pioneer 10 e, ao mesmo tempo, manter mais da metade de nossa espécie em estado de subnutrição. Que tempos são estes?

A Pioneer leva uma placa dizendo quem somos, onde estamos e em que época vivemos.



Aluízio Mercadante Oliva é professor da PUC-SP, Vice Presidente da Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior (ANDES) e assessor do CEDI.

A ciência é por sua própria natureza dogmática. Neste sentido, ela exige uma ciência que determine suas possibilidades, seu alcance, seus limites: a crítica.

E. Kant

Crítica à Razão Pura — Introdução

Apelamos como seres humanos a seres humanos.

Lembrem-se de sua humanidade e esqueçam-se do resto.

Albert Einstein

O HOMEM NO SEU DEVIDO LUGAR

Vivemos todos, com maior ou menor intensidade, um tempo de perplexidade. As mudanças são extremamente rápidas, o progresso tecnológico assustador, a ponto de não estarmos conseguindo elaborar a intensidade e as possíveis alterações que poderão acontecer. Nossa geração conhece muito mais que as anteriores, acumulamos um volume incrível de informações e, nem por isso, somos mais livres e felizes. A ingênua intenção deste artigo é mapear superficialmente as fronteiras tecnológicas e discutir as possíveis repercussões sobre a vida. Algumas especulações que não têm espaço nos labirintos das discussões acadêmicas esotéricas ou nas preocupações partidárias. Em resumo, o que será da vida coletiva, em todas as suas formas se permanecer esta voracidade de crescimento da sociedade industrial moderna?

Talvez o início pudesse ser uma tentativa de se localizar no espaço e no tempo esta forma superior da vida conhecida que é a humanidade. O que é a humanidade no espaço? Uma forma de vida localizada no planeta Terra. A Terra? Apenas um lugar. De forma alguma o único lugar, nem mesmo um lugar típico. Não há planeta, estrela ou mesmo uma galáxia típica, pela própria dimensão do Universo. A visão dos homens sobre o Universo cresceu, se não em qualidade, pelo menos em extensão. E o que descobrimos? Que a idade e o tamanho do Universo estão muito além da compreensão humana.

A maior aventura no espaço talvez tenha sido a ousadia das espaçonaves “Vikings”, que desceram por duas vezes em Marte. Em toda história do homem, jamais fomos capazes de criar ou produzir nada que tenha saído do sistema solar. Pela velocidade da luz vamos até o sol em oito minutos (300.000 quilômetros por segundo). Em um segundo daríamos sete voltas em torno da Terra. Hoje, há distâncias “conhecidas”, ou melhor, estimadas, de bilhões de anos luz, como revela a descoberta dos “Quasares”, corpos celestes que estariam nas fronteiras do Universo “conhecido”. Já foram descobertos cerca de 10 mil Quasares.

Voltando à localização da Terra no espaço, a probabilidade de estarmos neste planeta chamado Terra é de um milhão de trilhão de trilhão (10 elevado a 33). Isto porque o Cosmos conhecido é formado de bilhões de galáxias, que por sua vez são formadas de bilhões de estrelas e planetas. Como dizia Galileu, não somos o centro do Universo, nem a Terra, nem os homens. E por seu tamanho e idade, o Universo está repleto de vida, que a nós seres humanos não foi dada a oportunidade de conhecer.

Mas qual o tempo da humanidade na história da vida na terra? Há quanto tempo nos foi dada a oportunidade de existir sobre a face deste planeta?

A Terra se formou a partir da condensação de gás e poeira inter-estelares, há menos de 4,6 bilhões de anos. As primeiras formas de vida surgiram nas águas da Terra, há aproximadamente 4 bilhões de anos. A vida era apenas uma molécula, produto de uma química incipiente, mas capaz de se reproduzir enquanto tal. Este foi o ancestral do ácido desoxirribonucléico, o DNA, que é a molécula principal da vida na Terra.

A evolução se processava através da reprodução, mutação e eliminação seletiva. E na história da vida se formou a primeira célula a partir da agregação de coletividades moleculares. E o tempo foi passando, até que há aproximadamente três bilhões de anos alguns vegetais unicelulares se uniram, formando os primeiros organismos multicelulares.

O sexo apareceu há mais ou menos dois bilhões de anos. Antes dele a evolução só se processava através do acúmulo de mutações fortuitas, instruções genéticas passo a passo. Uma evolução marcada por uma monotonia que nós seres humanos somos incapazes de comensurar. Com o sexo, dois organismos podiam trocar instruções, alterar combinações do código de DNA. Apenas os interessados na vida sexual sobreviveram e se transformaram, para que, há bilhão de anos, surgissem os primeiros vegetais. E começou uma transformação espantosa na Terra com a produção do oxigênio, até então os organismos dominantes eram algas azuis-esverdeadas que cobriam e preenchiam os oceanos. Com o oxigênio, três bilhões de anos após as primeiras formas de vida, explodiu a revolução cambriana. E os oceanos foram inundados com novas formas de vida. E há 500 milhões de anos, as trilobitas proliferavam no planeta Terra. Há 200 milhões de anos, as trilobitas desapareceram da face da Terra, como tudo mais na história, dando lugar às novas formas de vida. Surgiram então os primeiros peixes e vertebrados. A vida migra dos oceanos para a terra firme, o início de uma nova colonização. E os insetos se desenvolvem como forma de vida pioneira na colonização

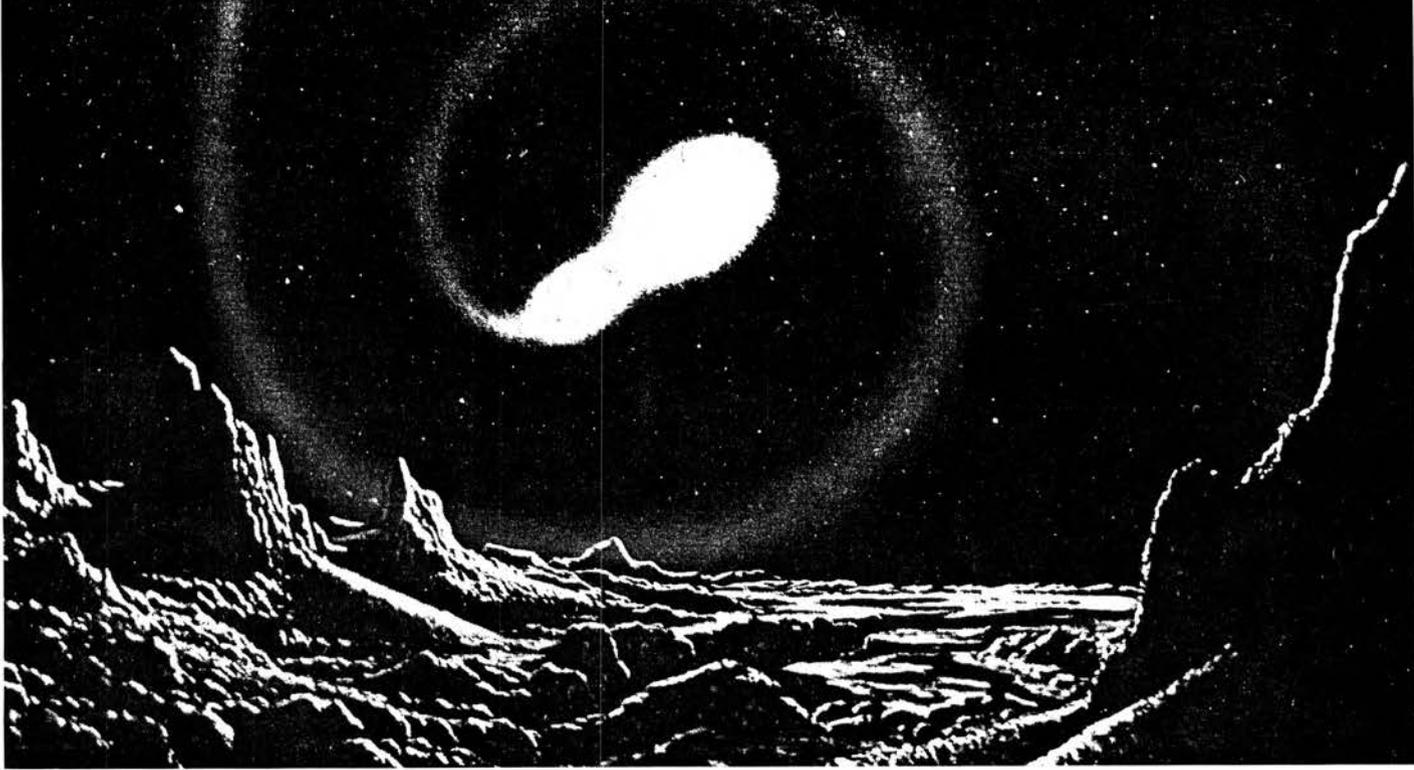
da terra seca. Apareceram as primeiras árvores e os dinossauros. Os dinossauros evoluíram, apareceram os mamíferos e os primeiros pássaros. Os dinossauros desapareceram. E evoluíram os cetáceos, ancestrais dos golfinhos e baleias. E chegou o tempo dos primatas, antepassados dos macacos, gorilas e, posteriormente, dos homens. Há menos de dez milhões de anos apareceram as primeiras criaturas semelhantes ao ser humano. E então, somente há alguns poucos milhões de anos, nós homens habitávamos este planeta repleto de tantas e variadas formas de vida. Sabemos hoje, que há dez milhões de tipos conhecidos de moléculas orgânicas, e apenas cinquenta são utilizadas nas atividades essenciais à vida.

A vida, este processo complexo e belo tem uma longa história na Terra. E nós seres humanos somos apenas um momento recente, nada mais que alguns poucos milhões de anos, numa trajetória de quatro bilhões de anos na evolução das espécies.

A evolução urbana começou há apenas 3.500 anos A.C., com as primeiras cidades da Mesopotâmia — Eridu. Seguem-se as cidades ao longo do vale do Nilo — Tebas e Mênfis —, estendendo-se ao Indo-Harappa e Mohejo-Daro, para chegar ao Mediterrâneo e finalmente a China-Anyang e Chengchou em 1.500 A.C. As cidades nascem e morrem mas a vida urbana jamais deixou de existir, desde então. No entanto, até 1850, nenhum país era predominantemente urbano; em 1900 apenas a Inglaterra. Hoje, mais da metade da população mundial vive nas grandes cidades. Nos EUA, cerca de 53% da população vive em 213 áreas urbanizadas que ocupam apenas 0,7% do território nacional. A humanidade caminha em direção das cidades e estas excedem, em dimensão, as comunidades de qualquer outro animal de porte; sugerem mais o comportamento dos insetos do que dos mamíferos.

As imensas aglomerações humanas nas grandes cidades acarretam novos e graves problemas às relações humanas, e com uma rapidez incrível geram uma certa *incapacidade do homem decodificar a natureza*. Em menos de 100 anos, que nada é da história da vida e muito pouco na trajetória do ser humano, abandonamos o contato direto com a natureza.

Se alguma possibilidade há de procurarmos entender o que está se passando nestes tempos, está exatamente na capacidade de trazermos ao presente todos os tempos. Pararmos para olhar a história, e tentar visualizar as possibilidades do futuro. E quais as fronteiras tecnológicas que começam a definir as condições de vida no futuro. Imagine um computador capaz de operar 500 bilhões de informações por segundo. Uma bateria capaz de armazenar toda energia consumida pela cidade de São Paulo ou mesmo um trem suspenso por um colchão magnético e com uma velocidade de 500 km por hora. O desenvolvimento da supercondutividade de algumas ligas metálicas, como o nióbio, a platina e o mercúrio, através do resfriamento, começa a viabilizar estas e outras incríveis possibilidades tecnológicas. Os primeiros computadores trabalham com uma velocidade de operação de milissegundos. Com o desenvolvimento dos transistores, esta velocidade se acelerou para microssegundos, ou milionésimos de segundos. A terceira geração trabalha com o circuito integrado, a velocidade se acelera ainda mais para



a ordem dos nanossegundos, escala de bilionésimo de segundo. Atualmente estamos na quinta geração, operando com circuitos de integração em escala elevada (VLSI), mas a velocidade de operação permanece na mesma faixa. A nova geração de computadores que já começa a ser desenhada trabalhará com uma velocidade de picossegundos, um trilionésimo de segundo.

Poderíamos desenvolver a imaginação em todas as áreas de atividade, os projetos pilotos já estão em funcionamento e sendo testados. Com a robotização, grandes transformações estão ocorrendo também ao nível do processo de trabalho. O homem começa a ser dispensado na produção, os robôs industriais substituem a força de trabalho humana com maior produtividade e a custos mais baixos. As repercussões serão radicais, ou o desemprego em escala crescente como já está ocorrendo, ou a possibilidade do homem se dedicar a outras atividades, como a pesquisa, a cultura, o lazer ou as guerras.

Poderá ocorrer algo semelhante às transformações da agricultura nos países avançados. Nos EUA, a agricultura emprega quase a mesma porcentagem de força de trabalho que o setor pesquisa, cerca de 3% da população. Mas há outras áreas de desenvolvimento tecnológico tão importantes quanto a energia nuclear, como, por exemplo, a engenharia genética ou DNA recombinante. O que vem a ser isto, exatamente? De uma forma simplificada, trata-se de uma nova tecnologia, que se iniciou a partir do trabalho clássico de Francis Crick e James Watson, de 1953, que consiste basicamente na possibilidade do cientista retirar o DNA de um organismo e enxertá-lo no DNA de outro. Este DNA recombinado, representa uma alteração no código genético, portanto a criação de algo totalmente novo, novas moléculas, novos genes, e, conseqüentemente, uma nova vida. A engenharia genética se encontra em um momento de transição, onde os cientistas já estão dispostos a

deixar para trás os Admiráveis Germes Novos e começar a criar o Admirável Homem Novo. Os conhecimentos que podem permitir a criação de uma nova vida são os mesmos que propiciaram a alteração das antigas, na história da evolução das espécies.

O homem passa a ser o único animal, na história da vida na Terra, capaz de dirigir e "planejar" a evolução conforme o seu desejo. A evolução das outras espécies se fundamenta em mutações aleatórias, e condições fortuitas. O homem começa a dominar o seu próprio destino enquanto espécie ao manipular através da engenharia genética o código da vida.

Os primeiros passos já foram dados, não falo apenas da fertilização de um embrião numa proleta e seu reimplante no útero materno. Foram criados vírus, capazes de criar tumores no homem. Foram sintetizados artificialmente genes e implantados numa bactéria, ou seja, somos capazes de estabelecer um processo químico em uma célula viva enviando-lhe uma nova ordem genética. Podemos fabricar uma "coisa" ou um novo ser vivo.

O embrião de uma fêmea de babuíno foi retirado do útero materno e implantado no útero de outra fêmea; nasceu e passa bem. No Japão, há informação de que está se desenvolvendo uma experiência de cruzamento de uma mulher com um primata, na perspectiva de se criar um híbrido.

O homem começa a viver um tempo em que se desvendam os segredos da vida, transformando-nos no mais poderoso agente da evolução das espécies. As perspectivas são estimulantes, desafiadoras e assustadoras.

A Revolução Industrial que se inicia, neste final de século, a apenas 17 anos do terceiro milênio, tem algumas outras fronteiras tecnológicas e estratégicas. Uma que já é de am-

plo domínio público é a *energia nuclear*. Sem dúvida alguma, uma fonte de energia com imensas possibilidades, inclusive no campo da saúde. Mas neste momento ater-me-ei a um tipo de aplicação do desenvolvimento da energia nuclear: a corrida armamentista. Vivemos um tempo em que a tragédia de Hiroshima representa pouco, não mais que um pequeno exemplo, diante da situação em que se encontra a humanidade. As superpotências juntas conseguiram acumular um potencial nuclear destruidor superior em um milhão de vezes a bomba atômica de Hiroshima. De 1945 a 1978 foram detonadas 164 explosões atômicas.

O armamento bélico nuclear, artefato humano de uma inutilidade jamais imaginada, é suficiente para destruir toda a forma de vida na Terra cerca de dez vezes.

Em 1981, os gastos com armamentos atingiram a soma de cento e vinte dólares para cada habitante do planeta; gasta-se um milhão de dólares em armamentos por minuto. Dezesseis milhões de crianças nos países em desenvolvimento gastam durante um ano de atividades escolares o correspondente ao custo de um único submarino *Trident*. O custo de um só tanque de guerra daria para equipar em média quinhentas e vinte salas de aula.

Nesta virada de século, Esparta e Atenas poderão se defrontar pela última vez na história da humanidade. Permanecendo a mesma perspectiva belicista e na eventualidade de uma guerra nuclear, a Terra se transformaria numa grande bola de fogo que incendiaria casas e edifícios, fundiria estradas e veículos e espalharia a morte de devastação. A nuvem tipo cogumelo que se alastraria, através do vento, teria radioatividade tóxica e letal para todas as áreas da Terra. Caso algum mutilado, queimado e emocionalmente desesperado sobrevivesse, esta nuvem o condenaria na forma de efeitos de sínopes, vômitos severos, diarreia sanguinolenta, quebra da resistência a infecções, distúrbios neurológicos e malignidade do fígado e gastro-intestinal. Todas as formas de vida futura formariam grupos geneticamente anormais.

Estamos de forma definitiva frente a duas possibilidades. No final de uma não há qualquer esperança. A perda da capacidade de decodificar a natureza e de valorizar a vida poderia nos levar a uma situação coletiva de perda do próprio instinto de preservação da espécie. Toda história da vida deste planeta, com seus quatro milhões de anos em evolução, está ameaçada. O crescimento do poder destrutivo da humanidade tem se expressado na poluição dos mares e do ar, no esgotamento de recursos vegetais e minerais

não renováveis, e na eliminação de outras espécies de vida animal. Mas agora o poder de destruição não está só na voracidade de apropriação da natureza. O armamento bélico nuclear acumulado é suficiente para eliminar todas as formas de vida na Terra, por um período incomensurável.

Mas há uma outra possibilidade, onde resta alguma esperança. Cercada de ameaças e marcada pela incerteza. Uma esperança que começa a se expressar politicamente nos partidos verdes, nas manifestações pacifistas, e no posicionamento de parte expressiva da sociedade civil em inúmeros países. A ecologia enquanto uma reivindicação social tem conquistado adeptos e simpatizantes. A subversão pela vida está se processando inclusive na alimentação, com o crescimento das propostas naturalistas e de alimentação alternativa. De repente se discute se o homem é vegetariano ou frugívoro. O chamado espaço "alternativo" que vai da alimentação à arte, passando pela imprensa, começa a se desenvolver nos grandes centros urbanos, e transcende os pequenos grupos pioneiros que lhes deram origem.

Uma modificação no padrão alimentar que representa e reflete uma opção política pela vida.

Este novo ciclo tecnológico poderá levar-nos a refazer no Cosmos as "grandes navegações" de nossos ancestrais. Acumulamos condições para "começarmos" a pensar em atravessar os grandes oceanos vazios do Cosmos e "descobrirmos" novos mundos. Entramos em um tempo em que o contato direto com as infinitas possibilidades de vida no Cosmos já é teoricamente possível.

Os conhecimentos genéticos acumulados pela ciência poderão contribuir decisivamente para a preservação de inúmeras formas de vida, inclusive para o enfrentamento da fome em escala global. Podemos prolongar, e em melhores condições, a vida neste planeta jovem de apenas 4,6 bilhões de anos. Mas para isto é preciso desenvolver as ciências humanas, a política e a crítica. E pensar o político, enquanto ações que intervêm no interesse geral da sociedade. *de* um projeto *político-histórico* que viabilize a vida coletiva. Viabilizar a vida coletiva, hoje, é muito mais do que assegurar emprego, saúde e alimentação para todos. Viabilizar a vida é desmilitarizar a humanidade e possibilitar o desenvolvimento da arte, da cultura e do lazer em uma sociedade utópica que realize a incrível dimensão de nossas menores fantasias.

Outono, a dezessete do terceiro milênio.





Carlos Rodrigues Brandão

cantores do brão

poesia, mistério e trabalho, rara mistura, num mutirão em São Luís do Paraitinga

As mulheres — a mãe, as cinco filhas, as tias, *cumadres*, vizinhas de outras roças — mexiam nas panelas o arroz e o feijão, carnes com batata que na região se chama de *afogado* e é o prato que mais se gosta de comer. Mexiam receitas, músicas, lembranças de outras mães e mulheres mortas e enterradas no cemiterinho da cidade.

Aos poucos, entre a manhã e o meio-dia, iam chegando a um dos sítios de Santa Cruz do Rio Abaixo, em São Luís do Paraitinga, as equipes de lavradores do mutirão. Sim, eu falo dos acontecimentos de um mutirão, uma coisa que sempre se diz que está acabando, mas que o mundo camponês teima em preservar enquanto pode. Enquanto há como convocar parentes, *cumpadres*, vizinhos e *cumpanheiros* a um trabalho comum pelo qual ninguém recebe dinheiro, mas para o que se diz em todo o São Luís que o “dono do serviço” acaba gastando mais dinheiro na comida que distribui e na festa que faz, do que se afinal contratasse por quinze dias o trabalho de dois ou três *camaradas* diaristas. Pois as equipes chegavam de perto ou de longe. Dali mesmo do “bairro”, de São Luís, de Catuçaba, de Lagoinha e até de Cunha. Chegavam para o trabalho, mas com alegria de gritos, cantos e risos que não usam nos dias do *eito* costumeiro. O dono da casa e do *serviço*, um Zé Leite, mineiro, migrado com a família e a tralha faz muitos anos, vinha receber cada equipe na porta do sítio. Já meio tocado de pinga, gago na fala, preciso no canto, Zé Leite servia a alguns a pinga que depois colocou — três de cada lado — em seis garrafas no lombo do cavalo com que subiu o morro onde as equipes do mutirão se espalharam e *batiam o pasto*.

Na porta do sítio cantava com um parente pontos de *brão* com que festejava os chegantes. Uma vez ou outra, quando havia ali uma outra dupla de iguais cantores do brão, eles se armavam de duas vozes e cantavam também. Então uma dupla saudava quem chegava com vivas e boas-vindas e a outra se apresentava *com alegria*, saudando o *patrão* e perguntando pelo serviço. Com falas de farra, chegantes e *da casa*, os homens se mexiam uns com os outros. Faziam a alegria de um dia em que o trabalho se faz como festa, entre cantórios e comilanças. Zé Leite levava os *homens do eito* pra sala do rancho e oferecia café preto com um biscoito duro que as pessoas derretem no café e tomam com a ajuda de colheres.

No *eito da limpa do pasto* os homens se dividem em equipes e na linha de trabalho *batiam* as pragas do capinzal. Usavam no eito os *penados*, empenados — irmãos mais pesados das foices — que manejavam o dia todo, entre falatórios de festa e cantos de brão.

Explico o que é o brão, uma jóia rara do mundo camponês que existe na memória de poucos. O brão é um trabalho que vira canto. No meio do exercício do lavar o pasto, daqui e ali duplas de cantadores paravam juntos, “a seco”, vazios de instrumentos que não a voz, entoavam o seu brão. Primeiro as duplas que sabiam o ofício de cantar se alternavam entoando quadras de saudação e anúncio de chegada. Saudavam os outros, nomeavam companheiros que não viam faz tempo pelo nome. Falavam da alegria de rever amigos; diziam palavras como *saudade* e *coração*. Cantavam. Outras duplas respondiam de longe, às vezes de tão longe no *serviço da bateção*, que era difícil ouvi-las. Se saudavam. Alegrias e honras com que o campesinato solidário aprendeu a conviver por muitos anos; coisa do *tempo dos antigos*, se diz por lá.

Mais tarde um pouco, encerrados os cantórios de chegada e saudação, uma dupla entre outras podia lançar uma *linha*. Uma linha é um canto do trabalho sob a forma de um enigma. Em cima de um fato qualquer, comum, corriqueiro, um acontecido vulgar, mas pitoresco, da vida de alguém dali ou de perto, uma dupla podia fazer os versos misteriosos que, ao mesmo tempo, anunciavam e escondiam o fato. As outras duplas podiam também lançar suas linhas, ou todas podiam aceitar a linha de uma qualquer, e o trabalho do dia no pasto seria entremeado de um outro trabalho: o de cantar com perguntas e respostas e meias, até que, de repente, alguma dupla cantasse *desatando a linha*, ou seja, decifrando o enigma proposto no cantório.

Pois naquele dia inteiro de mutirão no *bairro* de Santa Cruz do Rio Abaixo, uns sessenta homens lavraram um pasto morro acima e pelo menos oito duplas cantaram, fazendo ecoar entre morros e pastos, muito longe, o som seco e triste do brão. E ninguém adivinhou a linha que uma dupla do *bairro* de Santa Rita, em Lagoinha, trouxe e cantou.



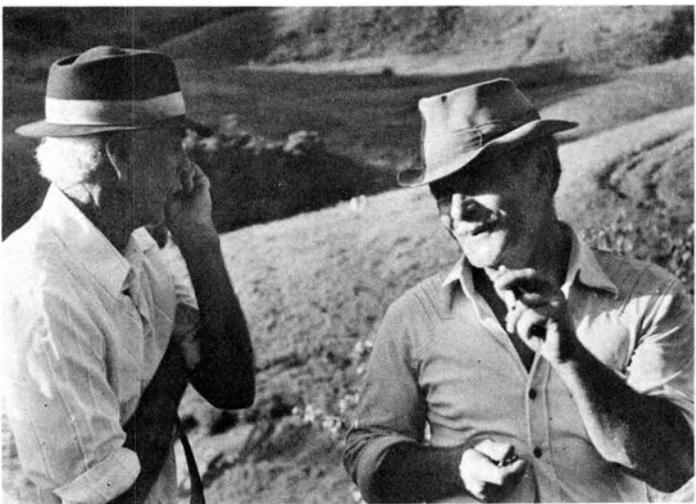
Na hora do almoço Zé Leite convocou todos a que voltassem ao rancho. Descemos numa longa linha de homens com *penados* nas costas. Mesmo no caminho de vez em quando alguma dupla de lavradores parava e entoava uma nova quadra de brão. Se ela era de pergunta sobre o enigma, a dupla que o propôs respondia, dando com mistérios dos símbolos do mundo camponês do lugar, mais alguns elementos sobre o mistério do cantado. Cantou-se também durante o almoço, enquanto os outros, entre copos de pinga e grandes pratos de comida roceira e farta, recriavam forças pro eito da tarde.

E de novo se trabalhou até de noite. Não quero esquecer o fim do dia, quando na direção de outros mundos sertanejos o sol fez riscos e colchas de laranja, vermelho e roxo. Havíamos terminado o *eito* um pouco antes e, aos poucos, um bando de lavradores se reuniu num canto de declive mais suave do morro onde as duplas do brão, agora sem o peso do trabalho com os penados, cantavam e cantavam. No cair da noite a música tão cheia de palavras alegres parecia ao longe o som de um cantório triste, quase amargurado.

Na janta do rancho homens e mulheres comeram de novo. Como ninguém conseguiu descobrir o enigma da dupla de Santa Rita, eles contaram a todos o segredo. E até tarde da noite uma sanfona animou um pagode de moços e moças. Os velhos, muitos dejes chegados do *eito no pasto* não dançaram. Preferiram ficar entre rodas de casos e copos de pinga. Zé Leite fez força para não chorar quando despediu uma a uma as duplas do mutirão. Os de perto saíram a pé pelo caminho, no escuro da noite. Os outros montaram cavalos ou garupas de caminhonetas. Antes de saírem ouvi os mais velhos combinando entre eles outros eitos de mutirão.

Às vezes os relatórios que dão conta do que acontece com os homens do campo do Sul ao Norte — como esquecer os acontecimentos de Ronda Alta? como esquecer os de Conceição do Araguaia? — falam de números. Família de lavradores — proprietários de sítios, parceiros, posseiros — perdem alqueires de terra; perdem direitos de uso da terra *na meia*, perdem posses de terra para empresas que semeiam desertos de gado nos lugares onde havia vida e lavouras antes.

Não é só isso o que perdem. Expulsos para a fome e a beira das cidades, perdem a armação solidária de uma vida popular, que a memória dos velhos recorda com lágrimas. As mesmas coisas, por certo, que um progresso humanizador haveria de modificar também. Não se atravessa os séculos cantando as mesmas canções e um dia, até mesmo as mulheres mais cheias de saudades haveriam de compreender que não é mais o tempo de fogões de lenha e receitas *dos antigos*. Mas a mudança pela qual o próprio povo dos sertões do País aspira, há de ser o contrário daquela que silencia sons de penados em mutirões solidários e cantos de brão que festejam, sem precisar falar, as palavras do Evangelho, tudo o que o Evangelho diria, se soubesse cantar um brão.



Estas reflexões foram apresentadas para discussão no encontro da Equipe Nacional da Área de Assessoria à Pastoral Protestante do CEDI, dias 29 e 30 de abril de 1983. Tratam dos processos pedagógicos e dos mecanismos desenvolvidos pelos inovadores da vida protestante, e de suas conseqüências.

REFLEXÕES SOBRE A PASTORAL PROTESTANTE DO CEDI

Nosso problema de evangélicos latino-americanos não é ter sido demasiadamente bíblicos, demasiadamente cristocêntricos, demasiadamente evangelizadores, mas sim de o termos sido insuficientemente, por nossa cristologia empobrecida, por nosso uso relativo da Bíblia, por nossa estreiteza do Evangelho.

José Miguez Bonino

Jesus Cristo: Vocação comprometida com o Reino.   procura de uma interpretação do CLAI.

Um dos graves problemas que se colocam para a pastoral protestante está na impossibilidade efetiva que tiveram (e ainda têm) os agentes de se comunicar com a "massa", as congrega es, enfim, o crente que ocupa, o banco das igrejas.   sabido que as idéias que circularam no final dos anos 50 e na década de 60 atingiram somente alguns líderes que, ou foram excluídos ou se afastaram desanimados.

Em parte, estes fatos já foram explicados e alguma experiência acumulada. O que interessa no momento   fazer avançar as reflexões nesta direção para estabelecer bases que fundamentam uma a o mais construtiva e eficaz.

Em artigo publicado em 1971 (Boletim do CEI), mencionei de forma ligeira o que considerava importante na análise de uma religião, enfocando-a

como a tentativa empreendida pelo homem de dar sentido, significado   própria existência. Trata-se, como aponta Peter Berger, de reunir os fragmentos do cotidiano em um todo significativo. Na verdade, o que se d    que os indivíduos, por diferentes motiva es e em diversos momentos de sua vida, necessitam, para si e para os circunstantes, explicar o mundo. Transformar o caos em cosmos (Eliade).

E aqui vale examinar com mais vagar o primeiro erro de aproxima o ou de atitude pastoral mencionado naquela reflexão: como se d  esta escolha, esta elei o em termos de uma religiosidade com características populares, embora atingindo grande contingente da camada média da popula o?   ato puramente intelectual ou algo mais complexo? (Gramsci)

Em rela o ao protestantismo brasileiro, o que aconteceu, a partir dos anos 50 foi que os "inovadores" partiram dos pressupostos da magia da palavra e de seu poder de transforma o; tanto assim que se apresentava às congrega es desprevenidas um discurso pronto que ignorava as elabora es das "massas" ou simplesmente demolia as formula es existentes. Esse discurso estranho (tentei demonstrar isto na discussão anterior) provocou rea es fortes que culminaram por jogar essas congrega es na perspectiva da segurança conservadora, já contida nos pressupostos de sua fé e prática. Não houve contato com o homem simples da igreja e nem respeito pela experiência de diversas gera es.

Baseados, em sua maior parte, em teólogos europeus e nas reflexões de cientistas sociais, aqueles que procuravam inovar acabaram por criar dentro deste discurso uma condena o total do pietismo. O que parecia fácil — a destrui o da prática e da prédica pietista — do ponto exclusivo da inteligência, mostrou-se ineficaz em sua aplicabilidade. Não se procurou entender em que consistia a lógica popular da grande maioria das congrega es. Foram esquecidos os fortes elementos de coesão e fraternidade contidos na formula o da religiosidade do cora o, para mencionar apenas um dos aspectos. Para fazer um pouco de caricatura diria que não se pode, de um momento para outro, transformar piedosos missionários em agentes do imperialismo, embora seja evidente que estes jamais conseguiram separar a prega o do Evangelho da "excelência" da vida americana (Christian Lalive D'Epina, O Refúgio das Massas — Paz e Terra).

O que pretendo propor, hoje,   uma reflexão que deveria abarcar três momentos do problema em fun o da experiência acumulada que, a meu ver, mostra mais descertos que  xitos, e que poderiam ser equacionados da seguinte maneira:

Análise dos elementos que propiciaram a adesão ao protestantismo.

Elabora o conjunta com as congrega es.

Tornar crítica uma atividade já existente.

Na verdade, com exce o do primeiro item (também apenas em parte) está  

uma tarefa que a pastoral, de uma forma ou outra, tem que enfrentar. Aqui vão apenas algumas linhas para um ponta-pé inicial.

ANÁLISE DOS ELEMENTOS QUE PROPICIARAM A ADESÃO AO PROTESTANTISMO

Este momento poderá ser dividido em duas partes. A que se relaciona com a análise científica dos componentes da crença e aquela que se pode pensar a partir da proximidade existencial entre o agente (teólogo) e o crente que ocupa o banco das igrejas.

a) Quanto à análise sistematizada, convém mencionar algo que muitas vezes tem sido esquecido: em certo sentido, os estudos existentes sobre o protestantismo brasileiro, em sua maior parte abrangentes, mostram, ora os elementos constitutivos do corpo de doutrina, ora aqueles da prática religiosa, conforme a ênfase do autor. Não existem ainda os estudos mais detalhados que implicam em conhecer as diferentes combinações de uma religiosidade diluída (pietismo) com as forças culturais do País. Embora haja menções, faltam as análises minuciosas que expliquem em que consiste o "saber" protestante de determinados grupos ou congregações.

Quando se examina um corpo de doutrinas, podem ser destacados vários elementos que, teoricamente, compõem o discurso de um grupo religioso, mas as combinações diversas com o lastro cultural existente podem ficar esquecidas. Poder-se-ia até dizer que os cientistas caíram no logro da própria prédica pietista. Como pregavam uma separação radical de todas as formas religiosas do País, e como defendiam a cultura norte-americana de uma forma tão acentuada, quase conseguiram. É preciso estudar o "quase".

Apenas lembrando que a teologia não chega a ser uma preocupação maior no contexto das igrejas brasileiras, convém estar atento à predominância das meditações piedosas e moralistas que respondem em grande parte pela prédica e comunicações do púlpito evangélico.



Um dos graves problemas que se colocam para a Pastoral Protestante é a impossibilidade efetiva que têm os agentes de se comunicar com o crente que ocupa o banco das Igrejas.

Os aspectos formais e organizativos do dia-a-dia não mereceram ainda exame mais cuidadoso por parte dos estudiosos. Até onde estou informado, ainda não foi feito um diário de uma congregação que nos fornecesse uma idéia mais nítida de seu cotidiano. Então, o que temos até agora são análises de tipo macro com grande descuido para os de tipo micro, mesmo quando se trata de um estudo sobre uma instituição. No caso da dissertação de mestrado de Edny Schröder, o Instituto de Porto Alegre é mais o pano de fundo para a análise das instituições de ensino protestantes do País, como é o caso do trabalho de Jether Ramalho.

No caso da pastoral protestante e para uma formulação mais adequada de uma pedagogia, seria interessante incentivar estudos que procurassem descrever as diferentes mesclas obtidas pelo protestantismo brasileiro. Como cresce a necessidade da titulação na vida acadêmica e como os cursos de pós-graduação atraem número cada vez maior de candidatos, talvez um intercâmbio mais acentuado com esta área pudesse produzir bons frutos.

De qualquer forma, é possível dizer que não adianta analisar simplesmente o discurso protestante (o que equivale dizer, seu corpo de doutrinas, mais ou menos elaborado) mas trabalhar minuciosamente seu universo conceitual, suas categorias e dissecar sua prática descobrindo com mais clareza como se combinam.

Na melhor das hipóteses, a discussão dentro do corpo de doutrinas de um credo consegue mobilizar apenas parte de um grupo (o que, aliás, foi feito) que, como um todo, age e pensa, na maior parte das vezes, de modo arbitrário e incoerente.

Se não fosse assim, não teríamos presenciado o que aconteceu nos períodos de crise, tanto com metodistas como com os batistas e presbiterianos. O livre arbítrio, a livre interpretação das escrituras, a justificação pela fé e os esquemas de representatividade foram facilmente quebrados. No caso do presbiterianismo, por exemplo, falhou até a concepção liberal mais ampla e geral quanto aos professores dos seminários do Sul e do Norte.

Mas o que se deu nos anos sessenta foi o quadro do confronto de um intelectual com uma congregação no sentido de "renová-la", torná-la radical e comprometida com os problemas sócio-econômicos, isto, é, a tentativa de "fazer a cabeça" dos crentes a partir do próprio discurso. Houve uma inversão de ardor proselitista. Dá-se então o embate entre uma ordem intelectual elaborada e coerente e a religiosidade de senso-comum com propostas completamente desvinculadas uma da outra.

b) Quanto aos teólogos (agentes) parece-me que duas questões importantes foram esquecidas:

A primeira se relaciona com o fato de que a alteração do discurso implicou

no rompimento das relações pessoais e afetivas. Em termos da vivência pietista, o pastor ou pregador é um amigo, um irmão, alguém que “pertence à seara”. É um comensal a quem se confiam os problemas familiares e domésticos; é aquele que está à cabeceira dos doentes da igreja, ao mesmo tempo que acompanha as atividades sociais dos paroquianos.

Como o compromisso agora é de outra natureza e a categoria é mais ampla (classe social), o pregador está mais empenhado em atividades que lhe roubam todo o tempo disponível como reuniões de sindicato, alfabetização de adultos e contatos com pessoas e grupos que não pertencem à comunidade dos fiéis. E como estes contatos não são mais realizados na perspectiva proselitista, repercutem, na igreja, como atividades mundanas ou seculares. Não se compreende porque o líder emprega tanto tempo em trabalhos que não são o cuidado com os membros da congregação e nem voltados à busca de novas conversões.

A segunda questão a ser observada é que este rompimento implicou numa alteração da moralidade vigente na maneira de viver das igrejas. É óbvio para qualquer observador externo que a moralidade pequeno-burguesa do protestante brasileiro típico é uma infantilização (Thomas O’Dea — Sociologia da Religião — Pioneira/1969) da introdução original da Reforma, quando não uma degenerescência. Também é facilmente perceptível que uma nova formulação teológica não poderia existir conjuntamente com regras de comportamento tão restritas.

O que falhou, no entanto, na estratégia (ou falta de) dos inovadores foi a percepção de que o abandono dessas regras iria criar um fosso profundo entre eles e suas congregações. Sabemos que na descrição das crises nos seminários os conservadores fazem várias alusões ao desregramento dos costumes dos seminaristas quando fumavam ou bebiam, principalmente em função dos abusos dos neófitos (em vinho) uma vez que só estavam acostumados ao uso do suco de uva da Santa Ceia.

Na verdade, o que se sucedeu é explícito. Ao mesmo tempo em que assimilava o pensamento dos teólogos eu-



O Muro da Reforma em Genebra, Suíça.

ropeus e norte-americanos, o jovem pregador sentia a necessidade de buscar sua libertação da estreita moralidade pietista. Como se alterava o cerne de sua visão-de-mundo, era natural que procurasse uma nova ética mais coerente com a nova concepção. Mas nesta ânsia não levou em conta o fato de que ao atacar um dos pontos mais fortes da prática pietista, provocaria reações tão marcantes.

Com tudo isto dá-se o rompimento. Aconteceria, na perspectiva dos mais velhos da igreja, a “mundanização” da vida eclesiástica, ameaçando e comprometendo a identidade pietista. Daí a resistência e, posteriormente, o combate. À perplexidade inicial seguiram-se as medidas de eliminação gradativa dos inovadores, atitude que, em certo sentido permanece até hoje.

Seria interessante observar que a substituição do discurso religioso por uma formulação científica foi um erro. As incertezas características das ciências diferem em natureza da segurança dos símbolos religiosos. Numa religião estabelecida e de várias gerações, há inevitavelmente a predominância das fórmulas seguras e das regras de comportamento. À destabilização da intuição original, sucedem-se

os quadros repetitivos das formulações dogmáticas. Tudo bem, isto é o que normalmente acontece, mas é bom recordar que aqui se trata da vida e da “salvação” do indivíduo. Quando, de forma abrupta é introduzido um discurso novo que questiona a totalidade das formulações existentes, o que se segue é o pânico e a desconfiança.

Os intelectuais (no sentido gramsciano) da teologia nacional abandonaram o discurso anterior e pouco fizeram no sentido de ampliar os elementos proféticos contidos (em escala menor, é verdade) na formulação religiosa anterior. Mesmo que a Bíblia tenha sido utilizada nas aproximações iniciais (o tempo das “raízes bíblicas da preocupação social”) foi logo abandonada como base das reflexões. As citações frequentes de teólogos que vinham de outro mundo (literalmente) em substituição ao pregador avivalista norte-americano trazia permanente desconforto às congregações.

Aqui um problema da influência e da recepção: acostumados a meditações piedosas que pareciam sair diretamente do texto bíblico os pietistas reagiram a uma pregação que se faz por vários intermediários (exegetas, antro-

pólogos, teólogos, etc.) e que colocava a própria Bíblia sob perspectiva crítica. Para eles, sem dúvida, isto foi um afastamento da “única regra de fé e prática”.

Concluindo esta parte, uma última consideração: a legitimidade para a contestação de um discurso religioso deverá ser encontrada por alguém de dentro da casa, isto é, são os teólogos munidos de um discurso teológico e com uma prática religiosa patente em suas vidas que deverão elaborar esta pedagogia no interior da pastoral. O sociólogo, o antropólogo e o historiador poderão oferecer análises e auxiliar na formulação dos problemas, mas o discurso científico não deve, a nosso ver, ser exclusivo e nem pretender a substituição pura e simples do discurso religioso.

ELABORAÇÃO CONJUNTA COM AS CONGREGAÇÕES

Passamos então ao segundo momento desta reflexão: a elaboração conjunta de agentes e paroquianos na busca de uma nova visão de mundo, uma nova teologia.

Mesmo com as diferentes congregações das comunidades eclesiais de base uma coisa importante aconteceu no mundo católico. Os grupos procuravam e procuram descobrir qual é a vontade de Deus e elaborar a resposta a este chamado. Seu grande mérito está na elaboração conjunta dessa teologia (chame-se a isto popular ou não).

É preciso que não se entre na perspectiva de apresentar *ex novo* uma linguagem religiosa alheia às experiências das congregações. Não há como pensar em formulações adequadas se não se partir de onde a Igreja se encontra. Se o objetivo é buscar uma formulação autenticamente nacional e despida de sua roupagem estrangeirizante, no rumo da implantação de uma nova sociedade, há que buscar no interior do sistema de crenças os postulados que possam propiciar avanços, sempre no ritmo das congregações. Na verdade, aí está um ponto crucial: como é que se faz para que, numa atitude de respeito à fé (conjunto de crença e atitudes) sejam possíveis as formulações que reflitam o enfrentamento com os problemas atuais?

Creio que parte do problema está formulado pelo trecho do Bonino que utilizei como epígrafe. Por incrível que pareça o protestante brasileiro foi insuficientemente bíblico na medida em que assimilava seu conteúdo em intervenção literal de traduções precárias, sem a utilização de instrumental mais adequado para seu estudo. Insisto no fato de que a alteração destes procedimentos é possível no interior do discurso religioso. De uma certa maneira Erasmo Braga o fazia quando tentava tornar mais dinâmico o estudo da Bíblia através de informações antropológicas, arqueológicas, etc. (é só verificar as lições de escola dominical que preparava). É preciso, de alguma forma, retomar estas atividades sem o menosprezo que, de certa maneira, existiu na contestação dos hábitos da igreja pietista. De resto é preciso ainda reconhecer que Braga contestava a configuração geral do pietismo, evidentemente, à sua maneira e a seu tempo.

Não tenho informações recentes sobre os mecanismos pedagógicos atuais da escola dominical, mas se ela mantém parte do ritmo e da força que tinha até uns 15 anos atrás, não há como ignorar seu potencial.

Considero este item chamando a atenção para a intuição sociológica dos conservadores quando se viram atacados em todas as direções: as propostas renovadoras traziam no seu bojo a destruição e o esfacelamento do pietismo como tal. Uma proposta totalmente nova, secularizada, ecumênica, politizada e de comportamento pouco diferenciado do “mundo” seria aniquiladora. Caminhava-se para o partido político, para o sindicato e até para o clube, mas não para uma nova Igreja.

TORNAR CRÍTICA UMA ATIVIDADE JÁ EXISTENTE (Gramsci)

Creio que este último elemento está, de certa forma, contido nas formulações anteriores mas é necessário que se reserve um espaço para sugerir um pouco mais sobre sua importância pedagógica. Na realidade deve-se muito a Gramsci nesta direção. Suas reflexões sobre a passagem do senso comum ao pensamento crítico mostra-

ram, de uma maneira clara, a necessidade de se formular a proposta pedagógica, a partir dos elementos contidos no senso comum.

Já mencionei antes que seria útil retomar os elementos potencialmente transformadores existentes, mesmo na formulação pietista. Sua veneração da escritura é um ponto que pode trazer elementos ricos em fundamentação para novas atitudes. Com o respeito ao conhecimento existente é possível lançar novas luzes sobre a leitura dos textos sagrados.

Por outro lado, não há por que combater a religião do coração, da afetividade e da aceitação mística através de uma fria proposta racional. Retomar os símbolos reenchendo-os de seu significado original é aceitar também os elementos afetivos e sensoriais contidos em qualquer simbologia. A análise puramente racional e lógica empobrece a religiosidade. E assim por diante. Deixo a tarefa aos teólogos.

Mas, a meu ver, tornar crítica esta atividade existente é fazer com que a religião se aproprie dos avanços culturais mais dinâmicos da sociedade. E aí sim, entram as formulações científicas e as análises que fazem da conjuntura com sua gama de imperfeições e injustiças. Esta apropriação, quando conjunta, pode representar o salto qualitativo que estamos procurando. Não se trata, pois, da distinção do discurso religioso ou de sua substituição pelo científico, mas de sua reformulação em perspectiva que possa retomar, hoje, a sede de justiça e de fraternidade que está contida em suas formulações.

Estas constatações implicam no reconhecimento da importância do discurso religioso e do permanente anseio de grande parte da humanidade por ele. Se isto não for percebido com a clareza necessária, a manipulação eletrônica e populista irá explorar, sem dúvida, com êxito, toda esta simbologia no sentido da alienação e da infantilização.

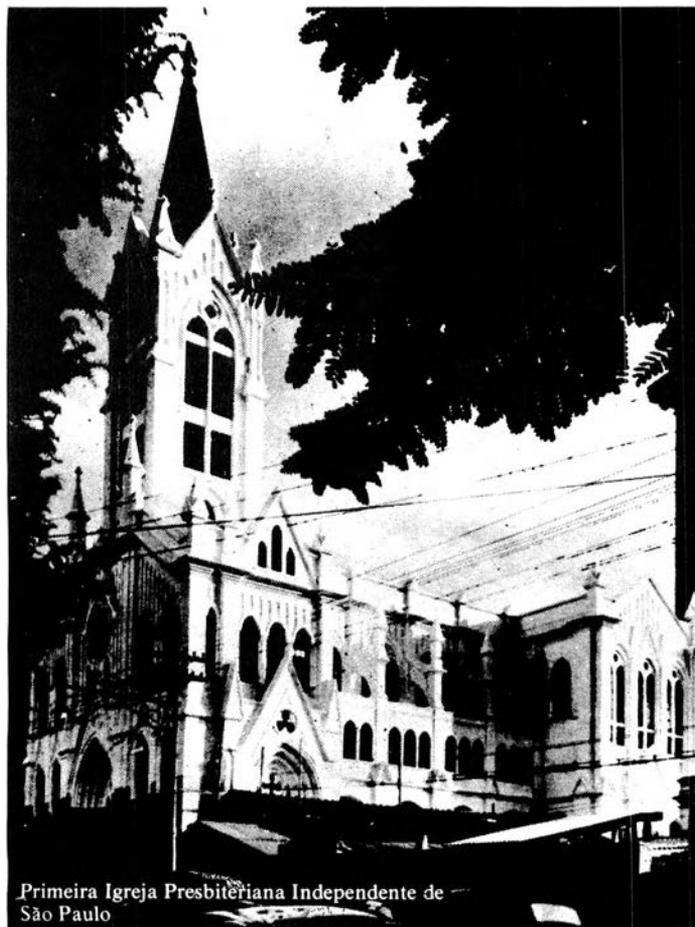
Elter Dias Maciel é sociólogo. É professor do Instituto de Estudos Avançados em Educação, da Fundação Getúlio Vargas.

80 anos de Igreja Presbiteriana Independente

Entrevista com Abival Pires da Silveira, presidente do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana Independente

Luiz Roncari e Edin Sued Abumanssur

Abival Pires da Silveira, além de presidente do Supremo Concílio da IPI, é pastor da Primeira IPI de São Paulo, professor de Filosofia e Filosofia da Educação no Instituto Mackenzie, membro do Comitê Executivo da Aliança Reformada Mundial, como delegado latino-americano, e vice-presidente da AIPRAL (Aliança de Igrejas Presbiterianas e Reformadas da América Latina). Nesta entrevista, faz um balanço das diferentes fases que viveu a IPI nos seus 80 anos e fala da atual orientação da Igreja: sair do isolamento e voltar a ser participante, como foi na sua origem, não fechando os olhos às questões que envolvem os homens e o mundo de hoje.



Presença: Acho que poderíamos começar a entrevista fazendo um balanço desses 80 anos.

APS: A Igreja Independente, nesses 80 anos, viveu talvez 3 momentos distintos: um primeiro, que marcou a gênese da Igreja, em 1903, e que evoluiu até a crise doutrinária de 1938. Foi um período marcante de uma Igreja participante, com uma grande presença no cenário nacional, uma Igreja missionária, com visão. Não apenas com uma nítida visão de sua missão interna, mas também participante a nível de missão no continente, decidida a dar uma contribuição à visão de uma Igreja evangélica em termos continentais. A IPI, nesse primeiro momento, foi realmente uma Igreja atuante. Penso que, de 1938 em diante, tivemos um novo período na vida da IPI, marcado profundamente por altos e baixos. A Igreja foi prejudicada pelo problema doutrinário, em 1938. Foi prejudicada fundamentalmente pela ausência de uma liderança pensante. Faltou de certa forma, o pessoal que ajudasse a Igreja a perceber os rumos que ela deveria tomar.

Faltou esse pessoal. Nós tínhamos bons elementos de campo, tivemos até muitos bons pastores, mas faltou uma liderança para a Igreja, a partir de 38/40. Tanto isso é verdade que o momento mais expressivo na história da IPI, nesse período, coincide com o grande despertar dos leigos, foi essa liderança que deu a tônica na própria vida da Igreja. Sinto que se isso, por um lado, se deveu às qualidades notáveis de algumas lideranças leigas, se deveu, por outro lado, a uma falta de liderança de clérigos, de pastores que assumissem a direção da Igreja.

Essa mudança posterior a 38 teve algo com o Estado Novo, esse alijamento dos intelectuais da Igreja?

Olha, eu não sei fazer uma avaliação correta disto, mas penso que deve estar vinculado a esse movimento, pois as pessoas que são desse período e com as quais a gente tem procurado conversar, mostram como o Integralismo teve alguma influência na Igreja, nesse momento, aparecendo até casos interessantes de pastores integralistas. Um deles veio até vestido "à la" integralista, numa reunião do concílio, e houve uma reação violenta por parte dos demais conciliares. Eu não sei fazer uma avaliação da extensão e da influência do novo momento político que a nação vivia, mas sem dúvida penso que a Igreja sofreu a influência do momento político e social que o Brasil estava vivendo.

Pressão direta do Estado sobre a Igreja, houve alguma coisa desse tipo?

Não. Penso que isso não se fez sentir tanto. Na minha maneira rápida de avaliar as coisas, penso que a Igreja não teve um peso significativo nos acontecimentos para que uma preocupação do Estado com relação à Igreja Evangélica se fizesse sentir nessa hora também. Esses altos e baixos se prolongaram até o movimento revolucionário de 64 que vai marcar um novo momento na vida da Igreja Evangélica no Brasil. Eu penso que a Igreja esteve muito identificada com a gênese desse movimento, através da sua liderança. E, para mim, a avaliação maior é que a Igreja nesse período todo, de uma certa forma, *perdeu a perspectiva da sua missão*. Esta para mim é a grande característica da vida da Igreja neste segundo período, profundamente marcado por altos e baixos. Uma Igreja sem visão, sem perspectiva, sem saber realmente o que queria, onde queria chegar, quais objetivos, quais os seus propósitos. Por causa da ausência de um programa de vida para a Igreja, não encontramos nesse período, quer na literatura em geral, quer nos órgãos oficiais da Igreja, quer nas decisões conciliares, uma postura da Igreja, seja com relação à sua vida interna, seja com relação aos grandes acontecimentos que estão marcando a vida do país e a evolução da nacionalidade.

Como você definiria essa missão da Igreja?

Eu definiria, como a defino para o momento atual: Uma Igreja preocupada em se redefinir como Igreja, a partir de uma visão e um fortalecimento interno e externo. A busca de uma visão interna da Igreja deve estar estreitamente aliada a uma visão externa, ou seja, do momento que ela está vivendo. Porque a Igreja não pode dissociar a visão de si mesma, da visão do movimento histórico que vive.

Essas duas coisas caminham juntas, não podem ser dissociadas uma da outra. Eu penso que isso que não existiu na 2ª fase. Estava presente no 1º movimento da vida da Igreja, perdeu-se depois e é isso que estamos tentando recuperar a partir do último Supremo Concílio da nossa Igreja, em janeiro de 81. Pelo menos esse é o nosso esforço. Se formos falar da Igreja, hoje, estaremos entrando exatamente num novo momento, onde esta preocupação está presente. Um reencontro da Igreja consigo mesma e um reencontro com a sua história ou com a História, vamos dizer assim. Aqui nós podemos dividir então o momento atual da Igreja numa dupla preocupação. Por um lado, estamos preocupados com alguns problemas internos da Igreja e por outro, com sua visão externa. A Igreja tem que se reestruturar, tem que se equipar, tem que se instrumentar capacitando-se para a missão. Mas essa missão tem que ser definida à luz do momento histórico que ela está vivendo e aí a Igreja tem que se voltar para além dela mesma, para fora de si mesma, para o mundo, para a sociedade, para o homem, e eu acho que aqui está o nosso grande desafio.

Queremos, uma Igreja mais participante e comprometida. E isso significa que nós temos que trabalhar internamente com a Igreja e temos que levá-la a uma exteriorização de sua missão, de sua presença.

Essa redefinição, a partir de 81, da IPI, teria alguma coisa que ver com a Teologia da Libertação ou com a nova

política da Igreja Católica, mais participante, optante pelos pobres?

Eu não diria nem que tem, que tenha um vínculo direto, porque não seria correto dizer isso — ou com a Teologia da Libertação ou com o novo momento que a Igreja Católica está vivendo. Mas eu diria que esta preocupação surge a partir das mesmas motivações que talvez tenham levado ao aparecimento e à gênese da Teologia da Libertação e a uma redefinição da Igreja Católica em termos de missão e de presença da Igreja hoje. Quer dizer, todo esse momento histórico complexo que nós estamos vivendo, levou, de um lado, ao surgimento de preocupações teológicas de natureza bem definida, como a Teologia da Libertação, que é uma preocupação típica do nosso continente e do nosso momento histórico. Ele levou a Igreja Católica a tomar consciência de que ela tinha que se atualizar, se tornar contemporânea da história e do homem de hoje. Eu penso que essas mesmas razões nos estão levando a fazer uma reavaliação da nossa história, e, é claro, que no cadinho da história isso tudo acaba sendo pesado junto, equacionado mais ou menos no mesmo tempo, no mesmo instante. O que nós podemos dizer é o seguinte, que como Igreja Independente estamos participando do mesmo momento que provocou grandes e profundas transformações na vida da Igreja Católica Romana, coincidindo isto com o aparecimento da Teologia da Libertação e de outras tendências teológicas típicas no nosso momento, e que obriga também a IPI a se repensar e a repensar a sua missão, a sua vida, o seu pensamento, a sua história.

A gente vê que de fato a IPI está procurando estabelecer alianças e pactos com vários organismos: ARM, AIPRAL, a Igreja Presbiteriana nos EUA, CLAI, etc. Mas por outro lado, existem também outros organismos como o Conselho Mundial de Igrejas, o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs. Qual é a política que rege a IPI que leva a se filiar e buscar relações com determinados organismos e outros não?

Olha, eu diria a você que nós estamos procurando um relacionamento que a Igreja possa no momento absorver, para o qual ela esteja receptiva e que de uma certa forma, signifique contatos, intercâmbios, troca de experiências, que fortaleçam a Igreja e venham a ajudá-la na sua caminhada histórica. Eu diria que nós estamos, assim, num estágio muito inicial nesse sentido. E os passos que nós estamos dando, estão sendo bem pensados e avaliados a nível das bases. Por exemplo, nós estamos querendo evitar que essa participação seja uma participação turística. Queremos que ela seja muito autêntica. E eu penso que na medida em que a Igreja por compreendendo, for entendendo — porque você imagina uma Igreja que está totalmente isolada, queira ou não, ela não absorve tudo de vez — tem que haver um processo nisso tudo e daí o nosso processo quase que pedagógico. Estamos começando com as Igrejas Presbiterianas e com as Igrejas Evangélicas, aqui do Brasil. Depois também as Igrejas Presbiterianas e Igrejas Evangélicas no continente. Penso que isso tudo está a depender de uma avaliação, de um trabalho mais sério e que só mais para a frente a Igreja Independente irá redefinir. A Igreja ainda é muito reticente nessa área e é natural que seja assim. Temos que fazer essa afirmação por que isso é real.

Se a direção da Igreja der qualquer passo nesse sentido corremos o risco de estarmos avançando o sinal e com isso prejudicando toda uma série de trabalhos que estamos fazendo para que a Igreja se redescubra e sinta necessidade de uma participação efetiva nesses foruns internacionais. Então o critério está sendo assim: levar a Igreja a uma redescoberta da dimensão ecumênica da fé. A uma reavaliação do que é o próprio ecumenismo, que hoje tem uma conotação muito pejorativa no nosso meio. Estamos tentando recuperar o próprio sentido de ecumenismo diante da Igreja. Não evitando a palavra, mas procurando levar a Igreja a trabalhar novamente este conceito como Igreja e a partir daí, então, ir definindo os seus passos. Sentimos que por razões de toda uma herança que vocês compreendem perfeitamente, a Igreja ainda tem resistência muito séria a qualquer aproximação com a Igreja Católica. E isso é perfeitamente compreensível. A história recente está aí para dizer por quê. Não há, no entanto, restrição a uma colaboração, a nível social. Aliás, o próprio Supremo Concílio tomou uma decisão nesse sentido, proibindo celebrações litúrgicas mas deixando aberta a possibilidade de cooperar na área social.

O Conselho Nacional de Igrejas nos EUA tem recebido muitas críticas por parte da direita americana, a "nova direita", por parte da revista Seleções do Reader's Digest, e pela rede de televisão CBS. E uma campanha orquestrada com o propósito de desacreditar tanto o Conselho Nacional de Igrejas quanto o Conselho Mundial de Igrejas, devido à política que esses Conselhos têm mantido com relação ao 3º Mundo, com relação à política de Reagan na América Latina e, principalmente, na América Central. Como que a IPI vê essa relação com duas Igrejas que fazem parte de um Conselho que defende uma política mais humanista de defesa dos direitos humanos na América Central, contra uma política intervencionista americana? Como a IPI está vendo isso?

Eu aproveito para nesse ensejo colocar também as perguntas que vocês fizeram sobre os problemas da Paz, dos Direitos Humanos, porque eu acho que nós podemos englobar tudo aí. Primeiro eu diria assim: que a nível de IPI, essas questões ainda se colocam muito periféricamente. Por uma razão muito simples: que nos últimos anos não houve preocupação nenhuma dessa natureza na vida da Igreja e agora que a Igreja está retomando a sua presença, a sua atuação numa esfera de relações onde esses problemas e essas questões são colocadas. Por exemplo: quando se trata de participar de encontros de nível continental, de nível internacional, essas questões afloram normalmente. E aí eu penso que é exatamente através da participação da Igreja nesses foruns, onde esses problemas são debatidos, e com as implicações na Europa, EUA, América Latina, que a Igreja tem que ir se situando, firmando posições, se definindo e, eu penso, que há de chegar o momento que a Igreja Independente irá elaborar documentos mais precisos, onde ela venha externar o seu pensamento e as suas idéias. E aproveito o ensejo para dizer, que no próximo Supremo Concílio, nós devemos ter um pronunciamento da Igreja sobre esses grandes temas de hoje (inclusive a própria Teologia da Libertação está em pauta), porque são os contornos do nosso mundo de hoje. E nessa medida, quando a Igreja é levada a se relacionar com os outros

organismos e com as outras Igrejas, é claro que de uma certa forma ela é chamada a participar dos problemas que estão envolvendo esses organismos e essas Igrejas. Podemos até discordar de posturas específicas. Mas não podemos ignorar de maneira nenhuma que esses problemas são nossos também. E devem nos preocupar, devem estar no horizonte das nossas preocupações e temos que trabalhar em cima deles. Eu faria aqui duas observações: uma que diz respeito então ao relacionamento da Igreja com esses organismos a nível continental, onde esses problemas afloram, a nível das Igrejas Presbiterianas e Reformadas da AIPRAL, tivemos uma assembléia recentemente em Bogotá, e no documento base, que resultou desse trabalho, o tema da Paz foi o tema dominante no sentido das Igrejas sentirem que estão sendo chamadas a dar um testemunho. Particularmente por causa dos problemas na área do Caribe que hoje são fundamentais, não podemos ignorar isto, sentimos que se como Igreja passarmos por cima disso estamos faltando com nosso próprio testemunho como Igreja nesse momento histórico. Então a Igreja é chamada e ela tem que se exercitar, ela tem que pensar seriamente, tem que se pronunciar teologicamente, bíblicamente, eticamente, a respeito dessas questões eminentemente políticas. E ela precisa dar seu testemunho nessa área também. Então nós não podemos ignorar isto. O que eu diria a vocês é que talvez nós não tenhamos estas questões bem trabalhadas no nosso espírito e muito menos bem formuladas no coração da Igreja, na consciência da Igreja hoje. Mas eu acho que é nossa responsabilidade, nosso dever trazer isto a nível de preocupação do horizonte da Igreja e ajudar a Igreja a refletir em cima desses problemas. Isto é uma primeira consideração. Eu penso que aqui está um grande benefício: a Igreja se exercitar nesses foruns mais internacionais. É que a Igreja descobre e para mim não tem sentido a existência da Igreja separada do Corpo Universal da Igreja. Eu acho que nós perdemos um pouco de nós mesmos e da nossa identidade, na medida em que teimamos ignorar esse corpo universal da Igreja, e teimamos em pensar que podemos buscar nossa identidade voltando-nos tão somente para nós mesmos. É como uma pessoa querendo se descobrir independentemente do outro. Nós sabemos que não existe o Eu a não ser no relacionamento com o Tu, no confronto com o Tu. É assim que nós pensamos a vida da Igreja e o momento da Igreja hoje.

Agora, quanto ao Conselho Nacional de Igrejas Cristãs nos EUA, esse é um problema bem específico que as Igrejas americanas enfrentam. Eu acho que as Igrejas Evangélicas tradicionais dos EUA, enfrentam uma guerra surda onde os grandes movimentos de direita procuram de todas as formas comprometer as Igrejas não fundamentalistas com o Comunismo Internacional, dando uma conotação ideológica a isso tudo. É uma música bem orquestrada que a gente conhece muito bem para comprometer a imagem das Igrejas perante a comunidade internacional. E todos nós conhecemos perfeitamente a contrapartida disso aí, na "moral majority", que é um grande movimento fundamentalista que tem dinheiro para investir e investe a rôdo em pessoal de direita em movimentos comprometidos com os movimentos de direita e contra-revolucionários por aí e que também estão tão envolvidos na política e no complexo político internacional tanto quanto aqueles que eles querem denunciar.

IGREJAS PELA PAZ

Com o apoio da Comissão de Assuntos Internacionais do CMI (Conselho Mundial de Igrejas) realizou-se no Rio de Janeiro, nos dias 17 a 19 de junho, o primeiro encontro que reuniu representantes do Conselho Britânico de Igrejas e do Conselho Consultivo de Igrejas Evangélicas Argentinas para explorar as possibilidades de colaboração conjunta das igrejas na busca de soluções para o conflito gerado pela Guerra das Malvinas. O encontro realizou-se no Instituto Metodista Bennett, sob os auspícios da 1ª Região Eclesiástica da Igreja Metodista, dadas as dificuldades de entrada para os representantes ingleses na Argentina. O CEDI foi convidado a participar como observador na pessoa do seu Secretário-Geral.

VISITAS AO CEDI

Em decorrência dessa reunião visitaram o CEDI, o Rev. Erich Weingärtner, membro executivo da Comissão de Assuntos Internacionais do CMI, e o Dr. Roger Williamson, diretor da Secretaria de Direitos Humanos do Conselho Britânico de Igrejas. Ambos estiveram durante horas informando-se do trabalho do CEDI e discutindo a respeito da VI Assembléia do CMI em Vancouver.

O Secretário-Geral reuniu-se com o Rev. Emílio Monti, um dos representantes do Conselho Consultivo de Igrejas Argentinas, e membro da Diretoria da Editora Tierra Nueva, a pedido deste, para discutir sobre algumas questões que afetam o movimento ecumênico latino-americano e, particularmente, alguns projetos dessa Editora.

CCPD REÚNE-SE EM GENEBRA

A Comissão de Participação das Igrejas no Desenvolvimento (CCPD), reuniu-se em Genebra, de 1º a 4 de junho do corrente. Os principais objetivos foram: a troca de experiências entre as diversas redes regionais (Latino-Americana, Asiática, Africana, Européia e E.U.A.), a posição de CCPD na Assembléia de Vancouver, linhas futuras de trabalho e possibilidades de uma reunião global no 2º semestre de 84. Jether Ramalho, do CEDI e Coordenador da Rede Latino-Americana de CCPD, esteve no encontro.

CEDI ASSESSORA JOINVILLE

Nossos assessores Jether Ramalho e Henrique P. Júnior, de 6 a 10 de junho, estiveram na Diocese de Joinville, coordenando um Seminário sobre a Pastoral Popular na atual conjuntura sócio-econômica do Brasil. Participaram cerca de 50 agentes de pastoral do Estado de Santa Catarina. Participaram também do encontro o bispo D. Gregório Werneling. A avaliação foi extremamente positiva, o que levou a Diocese a solicitar a repetição do mesmo para todo o clero no início de 84. Aproveitando a oportunidade, Jether visitou o Pastor Regional da IECLB, Meinrad Piske, que também solicitou ao CEDI o mesmo curso, para o próximo ano.

CEDI E OS SEMINÁRIOS

O Rev. Prof. Antonio G. Mendonça, Professor no Curso de Pós-graduação em Ciências da Religião do Instituto Metodista de Ensino Superior, Doutor em Ciências Sociais e Colaborador da área de assessoria à Pastoral Protestante do CEDI, ministrou um curso no Seminário Metodista César Dacorso Filho, que funciona nas dependências do Instituto Metodista Bennett, no Rio de Janeiro, sobre o tema: "O Fundamentalismo e sua função ideológica". Este curso fez parte da série "Fronteiras da Teologia", promoção da área de assessoria à Pastoral Protestante dirigida a Instituições de Ensino Teológico. O curso realizou-se nos dias 24 e 25 de junho.

O mesmo Seminário Metodista ofereceu-nos a Cadeira de Estudos Ecumênicos no 2º semestre do corrente ano. A área de assessoria à Pastoral Protestante irá assumir a responsabilidade.

SEMINÁRIO ECUMÊNICO

O Secretário-Geral foi convidado para participar de um Seminário promovido pela Associação de Favelados da cidade de Piracicaba — SP, quando se discutirá a relação Favela-Igreja. Este Seminário está sendo apoiado pela UNIMEP (Universidade Metodista de Piracicaba) e que realizará-se de 15 a 17 de julho. O representante católico será D. Paulo Evaristo Arns.

SEMANA JOSÉ DE CASTRO

O Secretário-Geral Rev. Zwinglio Dias e a Profª Neide Esterci, assessora do CEDI, participaram do encontro para a preparação da semana e comemoração do 10º aniversário de morte de Josué de Castro. Dela participaram diversas outras entidades.

LANÇAMENTO DO "CELEBRAÇÃO DA VIDA"

No dia 20 de junho no hall da Universidade Santa Úrsula, no Rio de Janeiro, foi lançado o livro publicado pelo CEDI, "Celebração da Vida", com tradução adaptada de Rubem Alves. Na ocasião de um debate sobre a temática da "Vida", do qual participaram professores de Teologia e Jether.

RUBEM ALVES FALA A JOVENS

No dia 04 de junho, representando a área de assessoria à Pastoral Protestante do CEDI, Rubem Alves, nosso colaborador, participou de um encontro com 400 jovens presbiterianos (da Federação Nacional de Igrejas Presbiterianas), na cidade de Vitória. O tema foi: "Uma nova visão teológica para as Igrejas no Brasil de hoje".

PROGRAMA DE TELEVISÃO SOBRE O CMI

A TV Educativa (Rio) com assessoria do CEDI, decidiu produzir um programa com 1 hora de duração sobre o CMI e a Assembléia de Vancouver. Deverão participar o bispo Paulo Ayres (presidente do CEDI), o missionário Manoel de Mello, Jether Ramalho, Claudius Cecon, Zwinglio M. Dias e o Rev. Jonas Rezende (apresentador da TV Educativa). O programa deverá ser retransmitido por todo o Brasil em doze canais no início do mês de julho.

ENCONTRO DE TEÓLOGOS E CIENTISTAS SOCIAIS

A Rede Latino-Americana de CAPP e a Comissão de Igrejas para o Desenvolvimento do CMI, sob a coordenação do DEI (Departamento Ecumênico de Investigações — Costa Rica), estará realizando um encontro sobre o tema dos avanços e os impasses das Ciências Sociais e da Teologia na América Latina. Representando o CEDI estará o nosso colaborador Prof. Carlos Rodrigues Brandão.

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

O projeto especial do CEDI, "Levantamento da Situação Atual dos Povos Indígenas no Brasil", acaba de lançar sua publicação ACONTECEU Especial — Índio/82. Encontra-se em fase de conclusão o Volume III — Amapá/Norte do Pará da série "Povos Indígenas no Brasil". Está sendo montado também o original do Volume VIII — Sudeste do Pará, segundo o plano final de obra.

O coordenador do Projeto, Prof. Carlos Alberto Ricardo, irá prestar assessoria pelo CEDI ao Curso de Indigenismo do CIMI (Conselho Indigenista Missionário) — regiões Nordeste II e Maranhão-Goiás, que realizará-se em São Luis do Maranhão de 05 a 20 de julho próximo.

PUBLICAÇÕES DO CEDI

Publicamos, por solicitação do CMI, os textos "Imagens da Vida", "Celebração da Vida" e "Missão e Evangelização" e temos enviado às Igrejas e diversas instituições eclesiais. Dentre as várias respostas que recebemos, destacamos algumas, na seção de Cartas.

PROTESTANTES APÓIAM PACIFISMO CATÓLICO

O Rev. George Knight, pastor presbiteriano em N.Y., fez pública sua aprovação à Carta Pastoral da Conferência Nacional dos Bispos Católicos dos EUA, acerca das armas nucleares. O pastor afirmou em sermão: "Leiam a carta. Nela vocês ouvirão uma voz da consciência moral, não dirigida apenas aos católicos mas falando a todos nós como americanos e como seres humanos decentes. Deus abençoe os bispos católicos". O Conselho Nacional de Igrejas, que reúne o maior grupo de protestantes fora da Convenção Batista do Sul e que representa 32 denominações protestantes e ortodoxas com 40 milhões de membros, aprovou formalmente a carta em um recente encontro nacional. Dera também sua solidariedade ao Documento a Igreja Prebiterana Unida dos EUA e a Igreja Luterana Americana.

FAZER O POVO

Jornal da Hora do Povo... Jornal da Hora do Povo...

A voz se demorava no A do jornal, e passava para o "a hora do povo" como se desse uma corridinha. A mão direita dizia suas coisas também: polegar fazendo um "O" com o indicador, os outros três esticados, gesto de advogado na tribuna, pra mostrar que tem convicção. Ou seria um palavrão? O braço ia para cima e para baixo, girando no cotovelo.

"Foi a gota d'água. Inflação de 120%. O povo derrotou o governo nas urnas." A veia do pescoço estufava e a voz já estava meio rouca. Era preciso gritar porque todo mundo parecia não ouvir. A moça, a dez passos, fazia o responso litúrgico. Dizia "amém" e acrescentava seus próprios comentários. "JORNAL A HORA DO POVO. Pacote que é um embrulho. Inflação de 200%. Dívida de 100 bilhões de dólares. Vamos mandar o senhor Delfim Neto para o FMI." A música era diferente. A letra era a mesma. Mais ao longe, outros acólitos, missal idêntico, para o mesmo dia litúrgico.

Uma mulher preta, havaianas, blusa vermelha desbeijada, pernas meio abertas, pés em ângulo de 90 graus, crianças no colo, mão estendida, pedia esmolas na porta da igreja. Outro pedinte, barbudo, estava assentado, desanimado. Uma mulher sem dentes, só aqueles dois caninos enormes que deixavam ver a língua, pediu ao barbudo uma caixa de fósforos emprestada. E riscou um traque. Ficou de longe, esperando o susto dos desavisados. Pumm! E morreu de dar risadas. A alegria custa menos que 100 bi, que ela nem sabe o que é. Mulher banguela que solta traque vai lá saber quem é Delfim Neto? Custa cinco cruzeiros a risada do traque explodindo. Mais barato que esmola. Os incensos vão passando, custam por volta de 300,00, uns mais outros menos. Continental arrebeta peito para os homens de verdade, e Galaxie, decisão inteligente, para os que não querem ter câncer nos dois pulmões. Basta um. O povo ia passando, pendurando dívidas nos crediários, saindo felizes com suas sandálias de plástico. Ninguém ouvia os pregadores do Jornaal a Hora do Povo... Bateu meio dia no relógio da catedral, todo mundo fez o sinal da cruz, menos a hora do povo, de outra religião.

ARGENTINA PROPÕE AO BRASIL E MÉXICO ENFRENTARMOS JUNTOS OS CREDORES!
Movimento inclui também a Venezuela. Ninguém aguenta se submeter às exigências do FMI que só traz desemprego e recessão (Página 2)



O Brasil grita em coro:

FORA DELFIM!

HORA DO POVO
Ano IV - nº 150 - de 26-07 a 12-08 de 1983 - Cr\$ 250

120 mil nas ruas no Rio!
Manifestação colossal empolgou corações e mentes em defesa da pátria (pág. 4)



PRÁ FRENTE BRASIL!
 A independência é vital, inviolável e a submissão é a rendição.
Abandona a política pacifista e os meios de comunicação pacifistas. Não se espanta-se com a falta de apoio popularmente conhecido e a falta de apoio de Charles Chaplin (página 4-5)

Alerta: Governos estrangeiros que estão abertos para ouvir as ponderações da sociedade!

Paralisação total em São Paulo!

BICENTENÁRIO: VIVA BOLIVAR O LIBERTADOR!
Ver na página 2



AMÉRICA LATINA INSOLENTAMENTE ATACADA PELO COWBOY DECRÉPITO!
Ruínas ameaça invasão na Nicarágua e intervenção desesperada em outros países enquanto recusa negociar tratado de não agressão (Página 8)

VO PARAR...

J o r n a a a l a H O R A D O p o v v . . . n a a a l a H O R A D O p o v v . . .
J o r

Lembrei-me de eu adolescente, pregador protestante, na praça pública. Assimzinho. “Distintos ouvintes, chamo a vossa preciosa atenção...” Só que ninguém acreditava que sua atenção fosse preciosa para quem quer que fosse, quem fala deste jeito só pode estar tentando vender alguma coisa, continuavam a fumar Continental e Hollywood, cuspiam para o lado com desprezo, e não paravam para ouvir a mensagem de salvação. O Ramiro, português recém convertido, ficou indignado com tanta falta de educação, e jurou que descobriria um jeito de fazer os pecadores ouvir do princípio ao fim. Descobriu. Passou a pregar na barca Rio—Niterói, 40 minutos do puro evangelho, tempo suficiente para o arrependimento. Coitado. Nunca mais ouvi falar dele. Consta que morreu afogado, na baía. Parece que caiu na água, no meio da noite, quando ninguém estava olhando. Tive uma vontade enorme de descer para dizer aos moços da Hora do Povo que não pregassem na barca, a não ser que soubessem nadar muito bem.

Do lugar em que me encontrava, 2.º andar da sapataria, via tudo. Ninguém escutou. Ninguém parou. Mas os moços também não viam nada, afogados que estavam em suas próprias palavras de voz rouca e veia estufada no pescoço. Imaginei que depois eles teriam reunião para analisar a práxis, mais um dia de fidelidade à evangelização que ninguém queria escutar, pois os desejos estão nos crediários, nos traques, no Continental. Faziam suas análises de conjuntura, tudo o que diziam era verdade, ou quase verdade, só que ninguém quer escutar a verdade dos outros, pois eles também dormem com ela, na barriga vazia, no sapato furado, no jornal cortado em quadradinhos, no lugar do papel higiênico, que é coisa cara, para gente rica, e sabem que não vai adiantar nada. Cervejinha bem geladinha, uns minutos dentro da igreja fúnebre que mais parecia velório. Pelo menos, a salvo das análises. Pensei se, se por acaso eles ganhassem o poder, iriam continuar a falar daquele jeito, braço mecânico, polegar no indicador, o gesto obsceno, sem ouvir as fantasias que andavam na cabeça do povo. Falavam que o povo não agüentava mais. Pensei que povo era este. Tão abstrato que mais me parecia alma do outro mundo, o povo que andava ali não existia, por isto não importava que ele parasse para ouvir, nem mesmo tinha o direito de

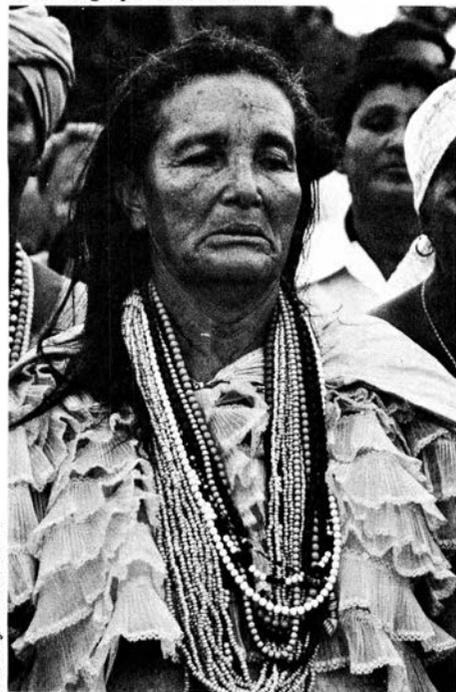
existir, porque não estava previsto na teoria, povo é coisa que tem a consciência correta, que pára, ouve e dá coleta, e como ninguém fazia isto o povo não existia. Tive vontade de dar uma caixa de traques para a mulher banguela. Coisa gozada, que o povo possa virar idéia na cabeça dos outros, sem cheiro ruim de sovaco, só entidade abstrata, boa para ser pensada e invocada contra o governo. O povo está sempre do nosso lado. Pensei no povo do presidente, que cheira pior do que cavalo. Gosto do cheiro de cavalos, porque me lembra minha infância em Minas. Pensei que povo que cheira mal é muito melhor que povo que não tem cheiro, porque povo que não tem cheiro é palavra de teoria, enquanto que povo que cheira mal é porque ainda está vivo.

Fiquei pensando nesta coisa estranha, que a gente fale, cada qual com a sua verdade, e fique bravo porque os outros não param... Por que haveriam de, se há sandálias de plástico a serem compradas, e traques a serem soltados, e Continentais a serem fumados? É, o mundo não se faz com análises. Me pareceu que esta fala analítica era só refrão de liturgia que os já convencidos trocavam entre si, para que ficassem tranqüilos, e certos de que o mundo andava nos trilhos das suas idéias.

E fiquei a pensar: qual seria a palavra que faria a mulher banguela parar e esquecer do seu traque? E o mendigo desanimado olhar para cima, com um sorriso? E os Continental e Galaxie se apagarem nos dedos esquecidos? E a menina deixar de olhar para a sandália de plástico, parar e olhar para quem está falando? E eu mesmo, preferir a conversa ao silêncio triste da catedral fúnebre em que entrei?

Parece que nos esquecemos. Já não temos palavras mágicas. Talvez, se mudássemos de companhia... Menos analistas e professores, mais bruxos e palhaços. Com estes, sei que todo mundo pararia. Quem não pára tudo para ver a banda passar, tocando coisas de amor? Ou o mágico de circo tirar pombas vivas de dentro da bexiga de festa?

Umbanda e Ecumenismo: a partir do ponto de vista dos grupos umbandistas



Sidney Waismann

umbanda: um desafio à reflexão ecumênica?

Eu também acredito em Deus e em Jesus, mas de outro modo.

D. Conceição. Mãe de Santo do Ilê de Oxalá e Obaluaê. Nova Iguaçu, Rio de Janeiro.

Pensar as relações entre Umbanda e Ecumenismo é tarefa difícil. Muitos já falaram sobre isso. Existem aspectos teológicos, doutrinários e filosóficos importantes e complexos.

Quero, aqui, pensar essa questão a partir do ponto de vista de certos grupos umbandistas. Pelo menos tentar. Falarei do ponto de vista de grupos umbandistas com os quais convivi nesses últimos dez anos. São grupos de pessoas pobres que vivem a Umbanda não como uma religião estrito senso, mas para os quais a Umbanda faz parte ou cria um modo de vida, uma certa identidade que os distingue de outros grupos também pobres mas, sobretudo, dos ricos. Nesse sentido, a Umbanda possibilita a reprodução desses grupos em termos culturais.

Existem algumas visões sobre a Umbanda que apontam para o seu caráter de alienação ou de aceitação do status quo da pobreza e da miséria. Segundo essa perspectiva, a Umbanda, embora religião dominada, não questiona as

causas da dominação. Outros a pensam como uma versão de ideologias ou religiões hegemônicas. Não pretendo, nessa oportunidade, esgotar essa discussão. Quero dizer apenas que os grupos com os quais convivo me ensinaram muito a respeito deles mesmos mas, sobretudo, a respeito de nós, “brancos com estudo”, como eles falam. Foram eles que me fizeram repensar e relativizar essas visões sobre a Umbanda. Esses grupos de umbandistas, pobres, vivendo na periferia do Rio de Janeiro, ensinaram-me, principalmente, que sabem ou podem falar nossa linguagem mas que também têm a sua linguagem que preservam e através da qual mantêm a solidariedade de seu grupo.

Os “terreiros” desses grupos são casas pobres onde qualquer um pode entrar e onde existe uma organização que permite a redistribuição de bens, de comida e de ajuda entre os participantes. Esses terreiros são, de um lado, locais de reunião e de realização de rituais e de outro, locais de conversa e troca de informações.

Entre essas conversas, uma das mais frequentes é a da relação entre a Umbanda e outras religiões. Essas conversas são como discussões entre filósofos sobre os princípios que organizam a vida, o cosmo, o universo e o sobrenatural. Nessas conversas fica clara a perspectiva de absoluta abertura em relação a qualquer outro credo. Em geral, todos se confessam católicos, como se sabe, e todos crêem em Deus e em Jesus mas do “seu modo” como dizem.

Em minha experiência de convívio com esses grupos observei inúmeros casos de discussões de seus conflitos com as Igrejas e sobretudo com a Igreja Católica.

Encaminharei a discussão a partir de um exemplo de conflito entre uma mãe de santo e membros da Igreja Católica para, em seguida, refletir sobre a frase que dá início a este trabalho: “Eu também acredito em Deus e em Jesus, mas de outro modo”.

Uma Mãe de Santo, certa ocasião, falou-me que não freqüentava mais a “Igreja do Bispo” de Nova Iguaçu. Disse-me que não ia mais porque “um sacristão” a tinha impedido de “baptizar uma criança” porque ela era “macumbeira”. Disse-me, ainda, que depois disso todos os rituais de Umbanda que necessitam ser realizados a partir de rituais católicos são realizados, em seu terreiro, na Igreja Católica Brasileira (do Bispo de Malta).

Perguntei a essa Mãe de Santo como sabiam que era de Umbanda. prontamente respondeu-me: “Ele é daqui do Bairro, me conhece há anos e sabe que eu bato macumba. O padre não sabe, mas eles, que conhecem a gente, sabem.”

Na percepção dessa Mãe de Santo o conflito teria surgido não por interferência do clero, que não conhecia sua vida de perto, mas de pessoas do bairro que convivem com ela e conhecem seu modo de ser. O conflito, a partir dessa percepção, não parte de questões de doutrina e sim de preconceitos sobre seu modo de vida.

A frase que inicia este artigo servirá para aprofundarmos a discussão: “Eu também acredito em Deus e em Jesus, mas de outro modo”.

Essa frase é muito comum nos terreiros de Umbanda e entre pessoas desses grupos umbandistas. Pensar seu significado implica em ir mais fundo e para além das diferenças de doutrina. Essas pessoas expressam seu modo de crer muito mais a partir do seu modo de “ser” que significa, para eles, seu modo de vida, sua cultura, seus valores. A crença nos orixás, nos espíritos, em Jesus e em Deus está profundamente ligada a uma certa maneira de viver que é fundamental para a construção de sua identidade como grupo e para sua reprodução cultural.

Seu modo de ser é construído, é claro, a partir de sua condição de classe e reflete suas condições de vida na pobreza. Os terreiros, no entanto, possibilitam a construção e organização de um ethos cultural próprio, que lhes confere dignidade e identidade. As pessoas se orgulham do seu “modo de ser”, de saber tocar um atabaque, de

ser “bom no santo”, de ter um orixá famoso, etc...

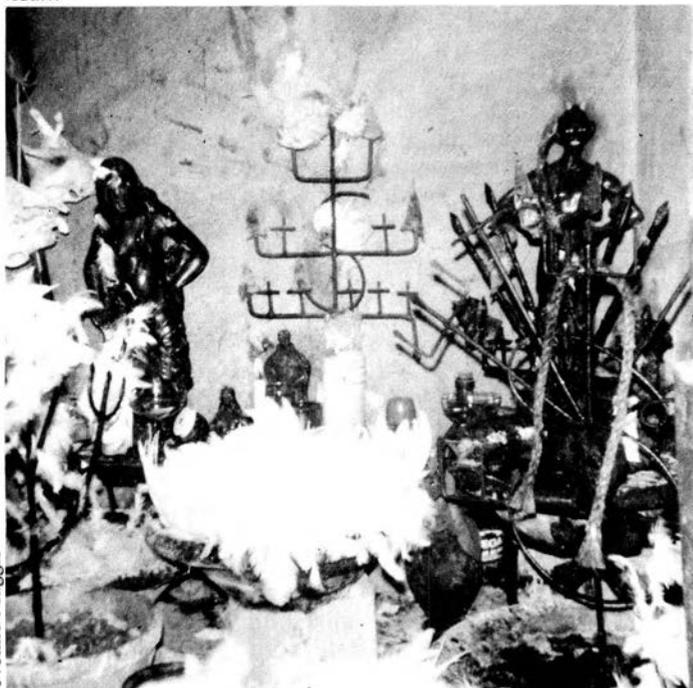
O exemplo de conflito citado acima parece refletir um enorme fosso entre esse tipo de identidade e modo de vida e a identidade de grupos religiosos católicos mesmo que sejam também pobres.

Para esses grupos umbandistas com os quais convivo ser “macumbeiro” significa ter um tipo de linguagem cultural e uma identidade específica enquanto pobres. Para eles, perder esse modo de ser seria impensável.

Se o Ecumenismo implica em unir cristãos preservando suas identidades específicas, penso que esses macumbeiros” se vêem como um certo tipo de crentes em Deus e em Jesus, cristãos, que vivem Cristo de outro modo.

Yvonne Maggie é professora do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ e autora do livro “Guerra de Orixá: Um Estudo de Ritual e Conflito”. (Rio, Zahar, 1975)

A Umbanda faz parte ou cria um modo de vida...



... e mantém a solidariedade do grupo.



Comunidades de Base na Itália: dois caminhos

João Carlos Oliveri, agente de pastoral, membro do programa de Novas Formas de Ser Igreja do CEDI e assessoria do IAJES/Andradina, descreve neste artigo a sua experiência e o desenvolvimento histórico das Comunidades de Base na Itália. Reconhecendo, através de suas publicações, “na origem um impulso vindo da América Latina e, especialmente, do Brasil”, mostra os caminhos que tomaram as Comunidades Eclesiais de Base.

1974: ROMA

Primavera de Roma de 74. Aquele clima gostoso de uma cidade ainda tão perto da natureza. Cidade boa de viver. Pelo mundo afora, há poucos meses, fala-se em crise. Mas nos ônibus de Roma escutam-se frases como esta: “Que crise, que nada! Agora o Papa abre um ano santo e a gente fica bem de novo, nem que seja vendendo sanduíches para turistas”. Estranha cidade, onde o poder eclesial está tão perto do poder político e da vida das pessoas...

Periferia de Roma. Cidade proletária. Construção de novos conjuntos habitacionais para os ex-moradores das “barracche” (as favelas romanas). Outra presença de Igreja. Em torno de agentes de pastoral e leigos engajados, grupos de Igreja discutem sobre a mudança da sociedade. Na Itália ferve a discussão sobre a lei do divórcio, um teste de braço de ferro entre forças conservadoras e progressistas. Neste ambiente tive o primeiro contato com a Comunidade “São Paulo” do ex-abade Franzoni.

Cheguei durante um encontro de representantes de comunidades de base de diversos lugares da Itália. Iriam discutir a relação Igreja-poder, em ocasião do debate e do plebiscito sobre o divórcio. Foi só falar que vinha do Brasil e trabalhava com CEBs para encontrar portas abertas e companheiros acolhedores. O local era um antigo cinema adaptado: um salão grande e algumas salas menores. O próprio Franzoni vivia lá com alguns colegas.

Tinha ouvido falar de Franzoni e desejava conhecê-lo. Beneditino, muito novo foi feito abade de um dos mosteiros mais famosos, o da Basílica de São Paulo em Roma. Abriu seus monges para a nova realidade de periferia urbana em que viviam. Abriu as portas do mosteiro para os leigos, operários, funcionários, pessoal de um bairro popular com dezenas de milhares de habitantes. Criou com eles uma das primeiras “comunidades de base” da Itália.

Rapidamente a comunidade, levada por uma séria reflexão sobre a Bíblia, tomou posição a respeito dos problemas humanos de Roma. Preparou em conjunto uma carta “pastoral” (assinada pelo abade Franzoni) denunciando, a especulação imobiliária: “A terra é de Deus”. Entre os mais atingidos estavam congregações e organismos eclesiais, donos de chácaras e jardins nas áreas mais valorizadas da capital. Não podia faltar a reação: Franzoni teve que dar as demissões e deixar de ser abade.

A própria comunidade de base teve que sair do mosteiro. Alugaram o velho cinema — e Franzoni pediu para se transferir para lá. Tinha iniciado a publicação do boletim “COM”, que dava notícias de outras comunidades italianas, também passando por problemas por causa de seu posicionamento no campo social. Agora, o assunto que dividia a Itália era a lei do divórcio. A hierarquia tinha se pronunciado apoiando o partido do governo (Democracia Cristã), aliado às forças reacionárias e fascistas. As comunidades fecharam com a tendência contrária. A comunidade de São Paulo publicou outro documento, “Meu Reino não é deste mundo”, criticando a intromissão política da hierarquia. Franzoni foi suspenso “a divinis”.

Voltei à comunidade no domingo sucessivo à suspensão de Franzoni. Treze padres concelebraram, para uma assembleia de trezentas pessoas: dois terços da comunidade, um terço curiosos, turistas, visitantes (como eu, no caso). Franzoni, humilde participante no meio dos outros, teve apenas uma intervenção na hora em que se comentava a Palavra. No fim, na hora dos avisos, pediu opinião da assembleia sobre a oportunidade da TV sueca filmar uma declaração deles. Só assim os visitantes perceberam que era ele o tão falado Franzoni.

Não havia sermão depois do Evangelho, mas comentários feitos por quem quisesse. Não eram deixados porém apenas à espontaneidade do momento. Toda quarta-feira, na reunião da comunidade, um dos assuntos era sempre a preparação da liturgia dominical e o aprofundamento das leituras bíblicas. Na última vez em que eu fui, fiquei impressionado pelo rigor exegético da intervenção de um dos 80 participantes. Fiquei sabendo depois que era Ramos Regidor, ex-professor do Pontifício Ateneu Salesiano, agora casado e membro da comunidade. Atualmente é um dos melhores conhecidos da teologia da Libertação na Itália.

1983: SICÍLIA

Sul da Itália. O “terceiro mundo” num país do primeiro. Apesar de grandes avanços, muitos problemas permanecem: baixo índice de industrialização, êxodo rural, migração para o Norte, cidades do interior estagnadas, máfia... Uma Igreja ainda forte e poderosa não consegue ser sinal de esperança. Na maioria dos fregueses normais, desânimo e acomodação. Passou o Concílio, mas não deu para mudar as coisas. De repente um cardeal, pela primeira vez, fala abertamente contra a máfia. Para muitos, é uma pequena luz que se acende.

Há também setores tremendamente auto-confiantes, achando que enfim encontraram a solução. São os cristãos dos “movimentos”: neo-catecumenais, carismáticos, até jovens do TLC importado do Brasil. Participamos, minha mulher e eu, de uma porção de reuniões, sempre bem acolhidos, pois a Igreja do Brasil é muito respeitada. Tivemos a impressão de que a Igreja italiana, no seu setor mais vivo, fosse um arquipélago de movimentos; ilhas, sem contato umas com as outras. E fomos perguntando sobre Comunidades Eclesiais de Base.

De repente, uma descoberta: existem CEBs no sul da Itália. Recebemos até de presente um livro, “Le comunità ecclesiali di base”, escrito por um sacerdote siciliano. De posse do endereço, saímos à procura. E encontramos o “Movimento Igreja-mundo”: uma comunidade de moças consagradas (instituto secular) a serviço das CEBs. Na biblioteca da casa, os relatórios de todos os encontros inter-ecclesiais do Brasil, assim como uma porção de livros de Carlos Mesters, Frei Betto, Leonardo Boff. Sentimo-nos em casa. E fomos convidados, finalmente, para uma reunião de CEBs, ou melhor, de animadores de CEBs.

Eram umas vinte pessoas, de vários lugares; absoluta maioria de classe média; um padre, alguns agentes de pastoral, diversos professores. Tratavam de como implantar CEBs em paróquias onde foram chamados pelo vigário para este fim. Ou de como estavam indo as experiências já

iniciadas em paróquias de diversas cidades, a maioria do interior da Sicília. Mas tinham também notícias de CEBs de outras regiões da Itália e um chamado para irem começar o trabalho numa cidade do Norte industrial. Em todos os casos, os problemas eram sempre o relacionamento CEBs-Paróquia.

Ficamos com a impressão de que na realidade se tratasse de um movimento a mais. De fato, eles mesmos sentiam esta ambigüidade. Perguntamos se sabiam alguma coisa sobre a Comunidade São Paulo em Roma, ou outras que tinham sido famosas no passado: o “Isolotto” de Florência, Oregina, de Gênua... Disseram que essas não eram CEBs: não eram eclesiais. Eram apenas CdB, comunidades de base, as comunidades da contestação, que tinham rompido com a hierarquia. E não tinham mais expressão na Itália.

Flagrantes de um Encontro Nacional das Cebes na Itália.



Pouco depois, ficamos sabendo que as tais CdB tinham realizado em novembro um encontro, com cerca de 1.200 participantes, de 105 comunidades, sobre o tema “Ser cristãos de base nos anos 80”. Valia a pena fuçar mais.

A HISTÓRIA DAS CEBs

Tentamos reconstruir parte da história das CEBs (aquelas que encontramos em 83) a partir de publicações que recebemos deles. Reconhecem na origem um impulso vindo da América Latina, e especialmente do Brasil, onde “nasceram as verdadeiras comunidades de base por volta dos anos 60”. Mas na Itália o fenômeno explode nos anos de fogo da contestação, do meio de 68 ao “outono quente” de 69. É visto como busca de independência e ruptura com os órgãos oficiais da Igreja.

De um lado, tratava-se de superar as antigas formas de associações católicas, estagnadas, conformistas e conservadoras; doutro lado, ao reagir ao fechamento de boa parte do clero e das autoridades leigas do mundo católico. Isso deu início aos grupos da “diáspora”, ou contestação católica. Seu valor consistiu em sacudir a letargia de muitos setores da Igreja, mas provocaram a reação preocupada do episcopado, brecando assim a possibilidade de uma incidência mais ampla.

No início dos anos setenta, no Sul da Itália, começa a surgir a exigência de realizar a “promoção humana” a partir de dentro das bases populares, com a formação de pequenas comunidades, “heterogêneas por idade, profissão e condição social, tendo por centro a Palavra de Deus, a Eucaristia e o serviço pluralista, em comunhão com os Bispos do lugar”. Nasceram assim numerosas CEBs (comunidades *ecclesiais* de base em comunhão com os Bispos), paralelamente às CdB (comunidades de base, quase sempre em ruptura com o episcopado).

A partir de 1974 surgiu a iniciativa de encontros (congressos) entre CEBs, primeiro a nível de uma região, depois inter-regionais e em fim, nacionais.

A autocompreensão dos grupos vai mudando. Um texto de 81, o livro “Gruppi e Parrocchie — quale rapporto” (ver 8º Encontro), propõe a Paróquia como um conjunto de grupos comunitários, relacionando entre eles as comunidades neocatecumenais, os cursilhos e as CEBs ligadas ao movimento Igreja-mundo. Já em 82, o livro “Le comunità ecclesiali di base”, do mesmo autor, subdivide os grupos eclesiais em: 1) querigmáticos (cursilhos, neocatecumenais, pentecostais...); 2) políticos (as CdB e os cristãos para o socialismo) e 3) sócio-eclesiais (as CEBs, mas também outros movimentos).

Também a compreensão do que seja base popular vai evoluindo. Um recente documento do Episcopado italiano fala de “partir dos últimos”. Os últimos são vistos como os marginalizados por qualquer motivo: drogados, deficientes físicos, presos; surgem então comunidades terapêuticas ou especializadas para estas categorias. Mas no encontro de 1982 se fala de “periferia como lugar teológico”, dizendo que “as CEBs, vivendo nos bairros pobres, sabem que não podem ser abertas aos pobres se não forem elas próprias comunidades pobres”.

Depois de nosso último contato com estas CEBs, minha mulher me dizia: “Falta-lhes talvez uma Teologia da Libertação”. Mas há todo um caminho aberto pela frente.

AS CdB

Para descobrir pelo menos em parte a história do segundo tipo de comunidades, servimo-nos sobretudo de uma publicação coletiva, que tem como subtítulo “Itinerários de fé na história das comunidades de base”. Já vimos como a origem destes grupos é vista nos movimentos de contestação global em fins dos anos 60. Em 68 (o ano de Medellín) grupos de católicos na Itália ocupam catedrais e faculdades católicas, e os casos são amplamente divulgados pela imprensa; no centro das atenções, o desejo de transformação política da sociedade, mesmo a partir de uma exigência de fé. Rapidamente nasce um primeiro boletim de ligação entre as comunidades, sobretudo no Centro-Norte da Itália, a região mais industrializada e operária.

O primeiro encontro nacional das CdB, em 1971, tendo como tema: “a luta contra o acordo Igreja-Estado na Itália”, acontecendo em plena Roma, centro dos poderes civis e eclesiásticos. De lá para cá se sucederam encontros quase que bienais.

Houve nos últimos tempos uma polêmica a respeito do “refluxo” das CdB, e até quem dissesse que a experiência tinha se encerrado, esmagada de um lado pela retomada de vitalidade da Igreja mais “institucional” (o fenômeno das CEBs do primeiro tipo pode ser visto nesta linha) e do outro pela crise em que estão mergulhados os movimentos de esquerda. Foi surpresa portanto o 6º encontro nacional: 105 comunidades, 1.200 participantes. Por meses, o boletim “Com — Nuovi Tempi” andou publicando experiências e reflexões sobre o tema “Ser cristão de base nos anos 80”, a partir de contribuição de todas as regiões da Itália.

Neste encontro, após uma introdução histórica sobre a experiência das CdB e de uma palestra sobre “Povos, Estados e Igrejas nos anos 80”, apareceram através das discussões três linhas de continuidade: 1. validade do compromisso no social; 2. opção por uma Igreja sem poder; 3.

ação em favor da paz, em sentido pleno. Franzoni, um dos organizadores, colocou as CdB como na encruzilhada entre um eixo religioso, constituído de um lado pela Igreja Católica e do outro pelo Protestantismo, e um eixo popular, que vai do movimento operário organizado aos grupos marginalizados da história. Certamente, aqui também há ainda muito caminho pela frente.

CONVERGÊNCIAS

Ficaram para nós, que olhamos as CEBs da Itália a partir do Brasil, duas perguntas: 1. Trata-se de dois caminhos que nunca vão se encontrar, ou é possível uma lenta convergência? 2. A caminhada das CEBs procede de forma

Comunidade de Base na Itália:
um impulso da América Latina



“paralela” em cada país, ou pode haver convergência na busca de uma nova forma de ser Igreja? E achamos algumas pistas de respostas.

Quanto à primeira pergunta, talvez o ponto de encontro esteja na busca de ser, de verdade, Igreja dos pobres. Eis dois testemunhos, vindos dos dois tipos de comunidades:

“As CEBs nascem do coração das massas populares, para assumir tudo o que pertence à vivência do povo, para caminhar juntos, ser ponto de referência, elemento de ajuda, união, fermento, renovação. Eles compartilham as doenças da sociedade, estudam as causas, até intervir na luta para mudar estruturas injustas e cortar o mal pela raiz. A periferia é a escolha prioritária das CEBs; o Senhor Jesus se colocou claramente do lado dos últimos, escolheu os pobres nascendo pobre entre os pobres. Na periferia e com a periferia as CEBs querem formar uma nova consciência popular, uma nova forma de comunhão e de serviço dos cristãos em todos os lugares onde há um “Sul”, ou seja onde reina uma situação de dependência” (IX encontro das CEBs).

“Devemos nos perguntar qual seja a base social da Igreja e das comunidades cristãs populares; existem comunidades formadas, em maioria, por operários, lavradores, classes populares. Necessita uma análise profunda das novas formas de pobreza na estratificação das classes sociais. Qual a relação que existe entre movimento operário e outros sujeitos sociais, camponeses, subproletariado, desempregados e subempregados, mulheres, jovens, aposentados, marginalizados... Nesta perspectiva se manifesta a revelação do Deus de Jesus Cristo como Deus dos pobres, dos pequenos: um Deus que manifesta seu caráter absoluto na gratuita predileção pelos pequenos e na capacidade de torná-los sujeitos de sua própria história” (José Ramos Regidor. “Gesú e il risveglio degli oppressi”).

A segunda pergunta está de certa forma respondida na primeira: se a nova forma de ser Igreja é a Igreja encarnada nos pobres, lá onde se fizer esta opção se estará caminhando por estradas convergentes. Talvez seja por isso que nos sentimos “em casa”, tanto na CdB na periferia de Roma, quanto nas CEBs no Sul da Itália. Ramos Regidor termina seu livro dizendo: “O futuro do cristianismo e de sua missão profética é ligado à aceitação por parte das igrejas dos países ricos do impulso reformador que vem da experiência das Igrejas dos pobres”.

Circulava na Itália, publicada pelas CdB, uma entrevista do teólogo holandês E. Schillebeeck, que resume um pouco estas convergências de esperanças numa nova forma de ser Igreja: “Vejo nas comunidades de base o único futuro para a Igreja. Não creio mais numa renovação vinda de cima. Os que estão em cima deverão ser empurrados a partir de baixo”.

Memória: Trabalhadores Rurais no Maranhão

Conflitos e lutas dos trabalhadores rurais no Maranhão
Alfredo Wagner, CPT/MA, 1982

Passamento
Alfredo Wagner e Murilo Santos,
Sociedade Maranhense de Defesa
dos Direitos Humanos, 1983

Duas publicações de caráter documental diferentes, porém complementares: **Conflitos e lutas dos trabalhadores rurais no Maranhão**, de Alfredo Wagner, e **Pensamento**, de Alfredo Wagner e Murilo Santos. O primeiro, constitui-se basicamente numa coletânea das notícias da imprensa local sobre o assunto. "Com o objetivo de documentar as ocorrências, que ilustram os métodos ilegais e truculentos de expropriação e as forças de mobilização dos trabalhadores rurais em defesa de seus direitos decidiu-se por realizar um inventário dos conflitos de terra mais recentes (81/82). Todos os acontecimentos arrolados foram extraídos de notícias divulgadas em jornais, que

circulam no âmbito estadual, tais como: Diário do Povo, o Estado do Maranhão, o Imparcial, Jornal de Hoje, Jornal Pequeno e O Jornal, além de outros.

Passamento, é um precioso álbum fotográfico com um texto explicativo sobre o funeral dos trabalhadores rurais mortos em conflitos de terra. Combina um ensaio poético/fotográfico de Murilo Santos, com a iconografia fotográfica conseguida sobre o tema. "As sociedades camponesas, a exemplo de outras sociedades, procuram preservar reminiscências de seus mortos, notadamente daqueles cuja morte condensa as representações, os princípios e as aspirações que servem de norma e perspectiva para os seus integrantes. Cada forma de memória encontra-se, entretanto, estreitamente vinculadas às práticas sociais e políticas de determinada época. Um inventário de algumas destas lembranças, com contorno geográfico e situação histórica definidos, é o que se objetiva expor no decorrer deste trabalho".

Dois Livros de Carlos Brandão Rubem Alves

Casa de Escola
1983, 248 pgs., Cr\$ 2.450,00

Ardil da Ordem
1983, 150 ps., Cr\$ 1.200,00

Carlos Rodrigues Brandão
Papirus Editora,

O leitor me acredite: Carlos Brandão acaba de publicar outros dois livros. Além de haver confessado isso, ele não esconde que ambos são sobre educação. Não escondo que entre todos sempre preferi os que ele escreveu como poeta ou antropólogo, sobre a sua poesia de ver-o-mundo, ou sobre a sua antropologia de explicá-lo. **Diário de Campo**, por exemplo, uma mistura de uma coisa e outra, onde o poeta convive com o antropólogo e os dois juntos escrevem poemas que são estudos e estudos que são poemas sobre índios daqui e do México, camponeses, lugares e pessoas. Ou então os estudos de pura e simples

antropologia, principalmente as pesquisas sobre religião popular. Assuntos que ele foi buscar nas roças de Goiás, de Minas ou daqui mesmo, em cidades e povoados cujos nomes eu imagino como num sonho bom: Diolândia, Mossâmedes, Goiás Velho, Catalão, Itapira, Caldas, São Luis do Paraitinga. Não tão cheio de poesia como o **Diário de Campo**. Os **Deuses do Povo** é um dos livros mais intrigantes que já se escreveu sobre a religião por aqui.

Ora, entre os livros de educação, até aqui o de que eu gostei mais foi **Lutar com a Palavra**. Devo perdoar os seus ímpetos às vezes juvenilmente políticos demais. Devo perdoar para reconhecer ali um livro em que o falar sobre um assunto afinal, leitor, tão mexido como a educação, vem misturado com poemas — um longo e estranho poema chamado "o educador", por exemplo — e com uma entrevista com um lavrador cheio de sabedo-

ria, mineiro como eu, Antônio Cícero de Souza.

Quando eu escrevi o meu **Conversa com quem Gosta de Ensinar**, pensava coisas assim também. Só que eu pensei antes. Queria falar sobre a educação que não fosse **pesado**, mesmo quando o assunto é sério, ou, talvez, por isso mesmo. Quis falar de meu pai, de sonhos, de amigos e bichos. Quis falar de árvores. Quis dizer as coisas que me pareciam mais importantes e urgentes do modo que eu achasse o mais pessoal, o mais simples. Você já reparou, leitor, que desde o começo do mundo até agora algumas das idéias mais necessárias para os homens de todos os tempos foram ditas e depois escritas com poemas, fábulas e parábolas?

Sabe de uma coisa? talvez por medo de que aos olhos dos outros a educação venha a parecer um assunto sem importância, muitas pessoas vestem casaca quando escrevem sobre ela. Convocam muitos números, nomes pomposos e idéias complicadas. Criam teorias de digestão difícil para explicarem, por exemplo, porque é que as crianças não costumam ser felizes nas escolas. Nunca vi um estudo que perguntasse isso às crianças, a não ser através de questionários onde no fim das contas aparece tudo, menos as crianças. Marx e Gramsci, então, não têm um minuto de descanso, e às vezes de uma maneira que nem eles mesmos entenderiam se fossem ler, explicam em livros e teses tudo o que se passa, desde a sala de aula até o "sistema educacional".

Você sabe o que Carlos Brandão fez em **Casa de Escola**? Ele deixou por momentos de lado "sistemas" e "problemas" complicados e encheu o livro, imagine, de "mestres da folga e da folia". Isso mesmo, leitor. Dessa gente que quando eu era menino em Lavras via às vezes da janela passar pela rua, tocando viola e desfilando com bandeiras de santos e anjos. Pois ele fez uma pesquisa demorada viajando com essa gente por Minas, São Paulo e Goiás. E pra que que ele foi fazer isso? Para aprender com esses tocadores de viola do Catolicismo Popular, como é que as pessoas do povo ensinam e aprendem entre si. Agora imagine, leitor, neste mundo onde parece que a educação nem existe, como ele mesmo diz num momento do livro, ali estava ela, viva, intensa, cheia de situações que muitas vezes são as mesmas que as escolas avançadas procuram realizar. Gostei muito de ler essas mais de cem páginas cheias de de-

poimentos dos mestres populares que Carlos Brandão convoca a que venham falar de si mesmos e dos outros como "mestres" e como "discípulos", como eles mesmo se chamam entre eles. Pela primeira vez eu vi um estudo de campo, como os antropólogos gostam de dizer, em que a educação sai do "sistema" e da "escola" e convive com a vida cotidiana e cheia de trabalho e beleza do povo do interior do país.

Não são muito diferentes os personagens dos outros três estudos de campo do livro. No **Casa de Escola**, o segundo, ele faz um longo relatório sobre uma viagem de barco entre escolas e comunidades ribeirinhas da Amazônia. Sabe quem são então os sujeitos da pesquisa? Professores leigos que de manhã ensinam e de tarde são lavradores de roças de mandioca e guaraná. A gente que anda tão acostumada a imaginar o professor como um sujeito solene — mesmo quando pobre e "em crise" — não imagina que muitos educadores de escola deste país são homens e mulheres de ranchos de palha que dividem o ensino com trabalhos de enxada e "casa de farinha". Mas eles estão ali, outra vez vivos e, tal como os mestres foliões, falam de suas vidas e esperanças, antes que Carlos Brandão misture as suas idéias com teorias e esquemas de que, afinal, nem ele escapa.

Em **A Fala Subalterna** e em **Escola dos Filhos, Escola dos Pais**, quem depõe sobre a vida rural, o trabalho do campo e as agruras de ser pai pobre de "menino na escola" são lavradores e outras pessoas do interior de Goiás.

No fim da **Introdução**, Carlos Brandão diz o seguinte: "Tenho esperanças de que a maneira pouco usual de tratar aqui a educação não desanime a leitura dos escritos de **Casa de Escola**. Acredito que uma das formas mais densas de afinal compreender o que ela é e como deve ser, está em fazer as suas perguntas às avessas. Deixar por momentos de pesquisar, por exemplo, o sistema de educação rural, e conviver com o mundo, a cultura e as pessoas onde existem os sistemas de educação e o seu trabalho". Eu também tenho essa esperança, e não só por causa de **Casa de Escola**.

Bom, e o outro livro, **O Ardil da Ordem**? Bem, este é um livro com outros 4 estudos, só que agora sobre Educação Popular. Assunto pra outro dia... e outra pessoa.

A LIBERTAÇÃO DA LITURGIA

Jaci C. Maraschin

Jaci Maraschin é ministro da Igreja Episcopal do Brasil Doutor em Ciências da Religião, Mestre em Comunicação, musicista e há muitos anos secretário geral da ASTE (Associação dos Seminários Teológicos Evangélicos do Brasil).

Dentre as tentativas de atuação mais coerentes junto às igrejas protestantes, está a busca de uma expressão mais brasileira, mais ligada às raízes da população. Os encontros da pastoral protestante têm apresentado diversas vezes a preocupação com a liturgia e sua roupagem ora estrangeira, ora distanciada. Esta é uma das abordagens que mostram com clareza a necessidade de uma mudança...

Chamamos de “liturgia” a reunião do povo de Deus para celebrar os atos libertadores de Deus na história dos homens e para anunciar ao mundo essa mesma libertação. Trata-se de uma reunião regular, alimentadora da vida e voltada para a realização plena das promessas de Deus ao seu povo. Nesse encontro, o povo de Deus toma consciência de sua realidade e da possibilidade de sua interferência na história da sociedade onde está inserido. Vê-se, pois, que o encontro se dá no interior de uma situação determinada e em relação com os problemas aí existentes. O momento litúrgico é sempre uma espécie de centro em que a memória da ação divina, vivida no passado, encontra-se com os desafios e com as exigências do que está por acontecer. Se a reunião emerge da tradição e não se fecha nessa tradição, mas por sua própria natureza se abre para o ainda não acontecido, faz da tradição não um modelo para o futuro mas o pressuposto da crítica. É por isso que o julgamento do presente procede da celebração do que se passou no tempo da libertação e é animado pela esperança do que poderá vir a acontecer em virtude de nosso engajamento e da nossa decisão.

A liturgia, entretanto, que temos experimentado em muitas de nossas igrejas não é nada disso. Nas suas muitas e variadas manifestações, são assembléias desprovidas da verdadeira memória da libertação efetuada por Deus junto ao seu povo, no passado, e sem qualquer possibilidade de crítica às estruturas do presente mundo. Nem tampouco se voltam para o futuro na esperança da implantação imediata do “novo céu e da nova terra”. Mas, que tipo de assembléias serão essas? São assembléias carcomidas pelo compromisso com os poderes deste mundo e cativas do sistema social, político e econômico em que vivemos. É por isso que, em geral, tornam-se cansativas, destituídas do elemento vital que as tornaria exultantes de alegria e interferidoras no social.

Juan Luis Segundo escreveu um livro muito importante para a teologia, chamado de “A libertação da Teologia”. Estou tomando emprestado dele a idéia para falar a respeito da liturgia em termos de libertação. Em termos, naturalmente, de “libertação da liturgia”, como bem poderia ser o caso com tantos outros elementos da nossa experiência cristã e eclesial. Parto do princípio de que nossas “liturgias” têm sido prisioneiras de inúmeros elementos estranhos à nossa cultura responsáveis pelo estrangulamento em que se encontram e pela necrose de que sofrem. Queremos, então, meditar por alguns momentos sobre esse humilhante cativo em que nos encontramos. De que precisa se libertar a liturgia?

1. A liturgia, para ser viva e brasileira, precisa libertar-se da dominação do clero. A ação litúrgica pertence ao povo. Compete ao povo decidir a respeito da agenda de sua assembléia dominical. Quero dizer que se faz necessária uma desestruturação da hierarquia para que livres de seu domínio possamos, enquanto povo, começar a pensar a respeito do que podemos e devemos fazer quando nos reunimos para a celebração semanal. Não estou pensando numa total anarquia litúrgica muito embora essa idéia possa ser tentadora para alguns. Quando penso em povo incluo nesse conceito as diversas ordens de ministros da igreja. Mais precisamente, os diferentes carismas florescentes entre os membros do grupo. É desse encontro onde as ordens “maiores” e as ordens “menores” se encontram que pode resultar a liturgia do povo. Talvez seja necessário desenvolver encontros preparatórios mais longos e frequentes do que se poderia imaginar à primeira vista. Mas não nascerá uma liturgia do povo de Deus sem esforço e trabalho. A liturgia que temos tido em boa parte de nossas igrejas tem sido clerical e a participação dos leigos no culto nada mais tem significado do que mera concessão. É claro que essa mudança de atitude no que concerne à produção da liturgia tem a ver com a teologia que praticamos. A liturgia do povo de Deus só tem sentido numa igreja que leva a sério a realidade teológica do “ministério de todos os cristãos”. E, também, a prática dessa teologia.



De que precisa se libertar a liturgia?

2. A liturgia precisa libertar-se da dominação das fórmulas estrangeiras herdadas dos nossos primeiros (ou segundos e terceiros) missionários. Sempre me pareceu curioso verificar que os movimentos de independência econômica levados a efeito por algumas de nossas denominações contentaram-se em proclamar a independência burocrática sem qualquer preocupação com a mais profunda e pertinente independência cultural. Os presidentes, ou moderadores, ou mesmo bispos, passaram a ser brasileiros. As liturgias, não. As liturgias permaneceram as mesmas dos países de origem, como se o fato de terem sido elaboradas lá longe tivesse poderes mágicos e sacrais suficientes para torná-las perenes. Em alguns casos a tradução da liturgia original pareceu aos dirigentes eclesiásticos um dos melhores sinais de sua fidelidade ao *ethos* original. Criou-se, ao lado dessa tendência privilegiadora das traduções, um mal bastante maior: o do fundamentalismo litúrgico. Partiu-se do princípio de que o texto litúrgico do passado (e do outro país) era sagrado, semelhante a um texto bíblico e que importava o seu cumprimento literalista a qualquer custo. Daí os arcaísmos, os preciosismos, a ininteligibilidade. A libertação das fórmulas herdadas deixará o caminho aberto para a criação litúrgica local a partir das experiências do nosso povo e da nossa integração na cultura local.

3. A liturgia precisa se libertar da tirania dos hinários também herdados e do tipo de música alienígena que trouxeram para nossas igrejas. Tenho percebido que os hinos que cantamos são os verdadeiros portadores da teologia disseminada entre o povo. São inúmeros os estudos sérios agora existentes entre nós sobre a carga ideológica presente

nessa teologia contrabandeada sob a musicalidade fácil das canções dos outros países. Em recente encontro na cidade de Vitória, ES, discutimos a questão. O grupo de cristãos ali reunidos parecia optar por uma teologia comprometida com a realidade de nossa gente. Entretanto, na hora de cantar os hinos, a teologia era bem outra. Falava-se apenas sobre a esperança da vida depois da morte. Do começo ao fim do culto. E eu me fiquei interrogando sobre o enorme desequilíbrio teológico que isso significava. A música, por sua vez, liga-se mais facilmente às emoções e representa fortíssimo elemento alienador em nossas congregações. Imaginem, falar-se mal do conhecidíssimo “Junto ao trono de Deus preparado”! Não creio, por outro lado, que se deva jogar fora toda essa herança que, afinal, já faz parte de nossa experiência evangélica brasileira. Seria, talvez, necessário abrirmos novos espaços para a hinologia, tanto no que diz respeito às letras como às músicas. Para isso precisamos libertar a liturgia dos tabus que a cercam. Desmitizar o órgão. Mostrar a sacralidade maravilhosa do violão, dos tambores, das flautas, dos pandeiros e das cuicas. E experimentar a beleza do nosso samba, da nossa marcharanchinho, do nosso xaxado. Mais ainda, a sua superioridade sobre os corinhos norte-americanos, sobre as tão divulgadas baladas do tipo rock que os grupos subjetivistas insistem em impingir sobre nossas congregações. Essa libertação só haverá de se tornar efetiva quando tomarmos consciência de que o hinário é o mais eficiente manual de teologia da comunidade cristã e que a teologia que mais se imprime no coração do povo é a que se canta e não a que fica encerrada nos textos eruditos.

4. Precisamos ainda libertar a liturgia da falsa espiritualidade em que caiu. Ela é a ação do povo de Deus que se apresenta diante de Deus com seus corpos. É nos corpos e só por meio deles que o espírito se torna presente e a comunidade se forma. A idéia de que a liturgia deve ser antes de tudo “espiritual” tem levado a igreja a certas engraçadíssimas conclusões. Entre essas, a de que o culto deve ser sério e solene. Com isto se quer dizer que o encontro da comunidade não pode ser uma festa. A eucaristia, que é o culto litúrgico por excelência da igreja cristã, é a celebração da vitória de Cristo sobre a morte, a festa das festas. Ora, a festa é uma atividade das pessoas que festejam com os seus corpos e que expressam a alegria festiva no balanço, no abraço, na dança, no ritmo, na marcha, na procissão, no gesto, no aperto de mão, no beijo, no sorriso, no canto e no grito. O bispo Sumio Takatsu sugeriu, num dia desses, que seria válido irromper em aplausos quando o leitor do evangelho, na eucaristia, anunciasse a leitura dessas palavras libertadoras. O cultivo de uma espiritualidade desligada do corpo só pode ser fantasmagórica. Muitos de nós, pela força da repetição, acreditamos que o espiritual seja equivalente ao sisudo, ao triste, ao entediante. Mas, se na verdade a celebração da liturgia é a celebração da vitória de Cristo sobre os poderes da morte, nada pode ser mais alegre e jubiloso do que o encontro dos que receberam o anúncio dessa libertação. A religião da subjetividade tem sido responsável pelo abandono do mundo e pela alienação em que se meteu a igreja cristã em nosso Brasil. Na verdade, a relegação do religioso ao âmbito do subjetivo tem implicações ideológicas bem visíveis. Libera o objetivo para outros fins. A liturgia é a celebração da objetividade da ação de Deus na história e, portanto, nos nossos corpos. E a espiritualidade significa o descobrimento de que nossos corpos, afinal, são o templo do espírito, a sua expressão mais plena e real.

5. Precisamos libertar a liturgia das falsas celebrações. Devemos nos perguntar pelo Deus que é adorado em nossos cultos. Pois, além do único Deus revelado em Jesus Cristo, e na face dos pobres e oprimidos, como se vê nos evangelhos, há muitos outros deuses que, por natureza, são falsos. A liturgia que é a reunião do povo de Deus para celebrar os atos poderosos do único Deus, deve desmascarar os deuses falsos que se infiltram nas congregações e exigem nossas reverências e serviços. Numa sociedade dividida entre opressores e oprimidos, ricos e pobres, faz-se necessária a distinção entre o Deus que optou pelos pobres e oprimidos e o Deus dos ricos e poderosos. Que celebramos em nossas igrejas? Celebramos a estabilidade do sistema econômico em que vivemos? Celebramos a vitória das multinacionais, das grandes empresas que nos oprimem e nos desempregam? Ou celebramos a esperança dos pobres? As falsas celebrações são as celebrações da adoração dos falsos deuses do dinheiro, do capitalismo, do lucro, do sucesso da instituição, do bem estar da hierarquia. A celebração da esperança da vitória de Jesus sobre os inimigos do povo desmascara as falsas celebrações que nada dizem, nada ouvem, nada fazem. As celebrações que nos retiram desta vida e das suas preocupações, elevando-nos para o oásis celestial, não são celebrações da esperança do Cristo que viveu entre nós e morreu numa cruz.

6. Precisamos libertar a liturgia do espaço consagrado e do tempo específico. Que quer dizer isto? É provável que o

espaço consagrado que nós chamamos de templo tenha feito mais mal do que bem. Não que eu não goste de templos. Acho-os, às vezes, bonitos e inspiradores. Mas, outras vezes, não. Se o espaço consagrado acabou sendo um espaço limitador para a expressão da liberdade e da alegria, esse espaço deve ser rejeitado. Nossas igrejas em geral são lugares desumanos. Alguns acham que são “casas de Deus”. Então, porque Deus não gosta da vida, a gente fala baixinho, ou nem fala, e se comporta como se estivéssemos na presença do Deus da morte. Imagino o seguinte teste. Podemos modificar o espaço consagrado? Ele se presta à mudança, ao novo? Ou é ele um desses costumeiros “para-sempre”? Uma das primeiras iniciativas a tomar para libertar a liturgia dos espaços consagrados seria tornar os espaços flexíveis e abertos. Um dos maiores impedimentos ao exercício da criatividade litúrgica são os bancos a que nos acostumamos. Seu peso, volume e sacralidade são as tricheiras do conservadorismo litúrgico. Neles não se mexe. Aliás, nem seria possível. Tudo no templo deveria ser móvel e provisório. Como se o templo fosse uma tenda. E teríamos a possibilidade de santificá-lo cada vez de um jeito diferente. Assim também com os nossos tempos específicos. A santificação do tempo está ligada à santificação do espaço. Todos os tempos são santificáveis como qualquer espaço. E consagráveis. Essa liberdade em relação ao espaço e ao tempo pode nos devolver o caráter de peregrinação que caracterizou a igreja dos primeiros tempos e que representou para eles uma das marcas da sua criatividade e da sua liberdade.

CONCLUSÃO

Estas coisas todas nos remetem, naturalmente, à missão. Liturgia é missão de Deus para o mundo. Não é apenas uma preparação. O que nós fazemos enquanto estamos reunidos é de importância fundamental. Nosso encontro comunitário é, de certa forma, a coisa mais importante que podemos fazer enquanto cristãos. É por isso que a liturgia sempre foi uma preocupação básica da igreja em todos os tempos. É nela que nos damos conta do fato de sermos “corpo de Cristo” disseminado no seu mundo. E portadores do Espírito Santo, Senhor e doador da vida.

A tarefa da “libertação da liturgia” está por ser feita no Brasil. Há grupos isolados que começam a se dar conta dessa urgência. Sempre achei muito bonita a liturgia inglesa, realizada na Abadia de Westminster, em Londres, por exemplo, com seu coral de meninos e homens, na deslumbrante cerimônia da adoração de Deus com todo o requinte da cultura clássica européia. Mas sempre achei inadequada, pobre e até mesmo desengonçada a imitação daquilo que na Inglaterra era autêntico e próprio em países que nada têm a ver com a secular experiência daquele povo. Este exemplo se aplica, *mutatis mutandis*, a todos os outros grupos denominacionais.

A libertação da liturgia do cativo em que se encontra poderá transformar a igreja no Brasil numa comunidade verdadeiramente cristã a serviço da libertação de todos os pobres e oprimidos de nossa terra. Na verdade, não há razão melhor para encetarmos a caminhada nessa direção.



Carlos Cunha

Tu és o Cristo!

Se alguém quer vir... negue-se, tome a sua cruz...

Mestre, bom é estarmos aqui, queres que façamos três tendas...

...roguei a teus discípulos que o expelissem e não puderam...

(Marcos 8.22, 35; 9.5, 18, 19)

1. Os quatro textos formam o contexto da transfiguração, e é de transfiguração que desejo falar. A cena é incrível, irreal, alienante em si mesma. Parece uma certa maldade de Jesus. Como iria ele mostrar a três broncos — ainda não afeitos à caminhada em direção à cruz e, até, eles mesmos, resistentes à idéia da cruz — uma cena daquelas! E, por que o fato não se deu, digamos, após a ressurreição, como prelúdio à ascensão? Seria bem mais correto, mais ao gosto daqueles discípulos e de tantos cristãos “festivos”. Seria quase barroco. A transfiguração tem algo do barroco em sua apoteose que apela a subir às alturas ao espetacular. Entretanto não é só isso, como veremos adiante. A cena é aperitivo fino, bebida de deuses (ou de Deus) anterior a uma ceia de comidas ruins, de vinhos mal fermentados, de bebidas amargas.

2. A transfiguração tem os ingredientes fundamentais da fuga ao real, ao mundo. Vejamos:

- Um pequeno grupo selecionado (que critérios?) *se afasta*.
- Dirigem-se parnasianamente (afastamento dos “leigos”) a um *alto monte*.
- Vestes resplandecentes, incrivelmente brancas; *imagem irreal*.
- Dois *heróis*, “super-homens” ou “supra-homens” entram em cena.
- Uma nuvem; uma voz; uma *proclamação solista* dos céus.

O efeito sobre o auditório, três homens, é de tal modo eficaz que, mal se recuperam, falam: “Bom é estarmos aqui...” Os três são espertos e se dispõem a descer “na moita”, de noite talvez, pegar material e nada mais nada menos — fazer três tendas. Note-se uma certa humildade cínica. Uma tenda para Jesus, outra para Moisés, outra para Elias. E eles? Num bem-bom-tão-bom até abriam mão disso. Quem sabe, imaginavam: Pedro vai ficar com Moisés, Tiago com Elias, João com Jesus. Ajudantes. Tudo arumadinho. Os outros que se arrajassem.

3. Não se esqueça de que, antes de subirem, eles tinham ouvido uma palavra chata: “Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me” (8.34). Ora, se Jesus separou os três, era predileção. Aquela negação e cruz não valia para eles. Um mundo sem lutas ou só de vitórias era bem melhor. Uma fé sem autonegação. Ou uma ressurreição sem Calvário. A utopiazinha dos sonhos de tantas cabeças vazias. As sínteses definitivas. A Xangrilá bem xangrilazinha. A Jerusalém jerusalenzinhada, particularizada.

4. Aqueles três judeus eram vivos. E se aliavam a três superjudeus para fazerem a Terra Prometida dos seus sonhos. Problema de comida? Não havia. Jesus era especialista em fazer pães sem plantar trigo nem colhê-lo, amassá-lo, assá-lo. Até podia arranjar peixes sem pescaria demorada (coisa chata! horas perdidas a mendigar a boa vontade dos peixes para com as redes). Jesus podia... A lista é grande. Ele era o quebrá-galhos perfeito. Depois os três iriam pelos recantos do monte rir-se ou lastimar a sorte dos que ficaram lá embaixo a “curtir” a negação de si mesmos, o tomar a cruz. Não pensaram — ou teriam pensado? — no fato de que os outros também podiam descobrir o lugar onde estavam. Sim, como não pensei nisso? Bom, os outros viriam.

5. Encaixa-se aqui a outra traição dos pietistas, dos beatos, dos “santos”, dos “bons crentes”. A gente — acrescentam — pode até chamá-los, mas a ordem já está montada. Que se vão arrumando pelo monte, monte abaixo, pela planície. Mas ali, no pedaço, nós já estamos, viemos primeiro, fomos selecionados. Temos Moisés — a Lei. Temos Elias — a jurisprudência. Temos Jesus — a nova justiça. Uma tróica perfeita. Os três, liderados por Pedro (ele não estava convencido de que Jesus tinha que ir a Jerusalém para sofrer e morrer; aquele “arreda, Satanás” — Mt 16.28 — fora um momento de raiva do Mestre), os três tinham chegado à síntese: “bom é estarmos aqui”.

6. Tinham chegado à “utopia” deles. Só não podiam entender que a utopia é dinâmica, faz parte do processo, é peça do processo. A utopia não é estágio final. Não há estágios finais. A utopia como estágio final é sinônimo

de mentira. Há, na linguagem cristã, um conceito também empobrecido pela basbaquice de uns tantos, parusia. Em parte alguma do texto bíblico se sugerem idéias definitivas de um mundo definitivo. Os “novos céus e a nova terra” não se traduzem como deradeiros. E o “eis que faço novas todas as coisas” se lê no contexto de “estou fazendo novas”. Também a “consumação dos séculos” não é uma consumação de *um* século.

7. O episódio da transfiguração precisa ser lido no conjunto de mil transfigurações. E o centro do episódio não está no cenário nem no ambiente em si, mas na verdade à qual serve de fundo. Esta sim, eterna: “Este é o meu Filho amado! *ouvi-o*”. Ou seja: uma Pessoa, suas palavras e seus gestos que se seguiriam. Palavras e gestos já tinham precedido o evento. Palavras e gestos consumariam séculos. Palavras e gestos fariam sempre novos céus e novas terras. Por fim palavras e gestos continuariam a fazer parte de outras transfigurações com outros personagens em cena.

8. A transfiguração ilumina todo aquele negócio de ir a Jerusalém, dar vez até aos anciãos, sacerdotes e escribas de o matarem (Mt 16.21). Aquela entrada em cena de Moisés e Elias (dois símbolos históricos de lutas do passado nos campos político e religioso) em companheirismo com o Mestre era para que aqueles três pudessem sentir mais tarde (só depois da ressurreição) que o *novo* está naquelas coisas velhas que nunca deixaram de ser novas: caminhar por desertos, enfrentar sacerdotes de ídolos. E é aqui que a transfiguração é admiravelmente barroca. No barroco, a síntese está nas antíteses, nos paradoxos.

9. Quando Jesus desce com os três, desfeita e apagada a cena há pouco vivida, diz-lhes para não contarem nada até que ele ressuscitasse. Fico pensando a droga que seria um bocado de gente (milhares):

— Ah! faz uma transfiguração pra gente também! a gente também é filho de Deus! só uma transfiguraçozinha, vamos!

Lembra-me Paganini ao final de seus incríveis improvisos com o violino, o auditório a bater palmas e a gritar “bis! bis!”. E Paganini, agradecido e sorridente: “Paganini non ripete”.

Eram improvisos e ponto final. Uns, com respeito religioso ao gênio, iriam para casa levando no coração os admiráveis sons das quatro pequenas cordas tocadas (em inglês e francês é brincar. Jesus também brincou de vencedor). Outros saíam decepcionados. Por isso, depois da ressurreição, Jesus escaparia aos chatos. Não há dúvida de que, na ascensão, os discípulos também ficaram apalermados olhando para cima e foi preciso um anjo para fazê-los voltarem à realidade.

10. Mas acabou. Agora, lá embaixo, na planície, há um aglomerado de gente, muita confusão e decepção: “... o meu filho, possesso de um espírito surdo... e eles não puderam...” Este me parece ser o quadro típico de uma situação “largada” por muitos “cristãos”. Entre aspas a fim de caracterizar um evangelho particularizado, individualizado. “Eu quero o Tabor (Hermom?), o tabor é meu.” Ou talvez: “A planície que suba ao Tabor, porque o Tabor não vai descer à planície.”

11. Há, porém, um parêntese no relato bíblico. É a conversa de Jesus na descida. Fala sobre Elias. Corrige o erro de análise dos que dizem: “Elias vindo restaurará...”. Não é por aí. Jesus conserta: “Eu, porém, vos digo que Elias já veio, e fizeram com ele tudo o que quiseram...” (Mc 9.13). Se lermos o texto paralelo de Mateus (17.12), veremos Jesus acrescentar que assim vai ser com ele, como foi com Elias (e será com os discípulos). Jesus não descarta a temporalidade de sua missão. E muita gente nem percebe que precisa ser assim, que sempre vai ser assim. O “estarei convosco” de Cristo se define no “Indo por todo o mundo, pregai... batizando...”

12. Não podemos perder de vista um relato lá no final de João (21.25). Esse relato não tem nada de bobo, ou de inocente, ou de piegas. Ele é que nem as reticências que deixam em aberto o texto para o leitor. João escreve assim: “Há, porém, ainda muitas coisas que Jesus fez. Se todas elas fossem relatadas uma por uma, creio eu que nem no mundo inteiro caberiam os livros que seriam escritos”. Ou seja o Evangelho continuou e continua a ser escrito.

13. E a proposta de Jesus que enfeixou a transfiguração, quase uma apoteose roubada, é o enfrentamento de um pai angustiado a queixar-se: “... e eles não puderam” (9.18). Esse pai acrescenta: “... mas, se tu podes alguma coisa...” (9.22). (Quando os outros duvidam da fé que há nos cristãos, acabam por duvidar do próprio Cristo.) E é Cristo, ainda “suportando a geração incrédula” que acrescenta: “Se podes! tudo é possível ao que crê”. E o cura.

14. Quero finalizar estas considerações. Ninguém queira ler isto como uma interpretação. O meu papel é o estudo do texto que eu começo (ou continuo) para outros. Para, tanto deixem-me trazer à baila os estágios dos quatro textos da abertura em forma de propostas e contrapropostas:

(a) Tu és o Cristo, o filho do Deus vivo.

— É preciso que vá para Jerusalém, sofra e morra.

(b) Os que quiserem vir comigo neguem-se e peguem a cruz.

— Depois, só depois, se poderá ter o sabor de rebentar túmulos.

(c) Vamos ficar por aqui, está bom demais, a gente faz tudo, vai ser um “barato”.

— Até pode, mas agora não, agora vamos mergulhar na confusão lá embaixo.

(d) Ó geração incrédula!

— Recebereis poder e sereis testemunhas.

14. Eu escrevi isto por causa de Vancouver. Esperamos que os milhares de cristãos que estão, ali, no Canadá, celebrando a transfiguração (dia 6 de agosto), após uma vigília noturna, possam ter uma visão clara (dialética?) da presença do Evangelho do Reino que estão proclamando: “Jesus Cristo — a vida do mundo”. Nessa assembléia, avanços e recuos são subidas e descidas de Tabores. Transfigurações e/ou desgraças nas planícies não são eternas. Nada é eterno senão o “estarei convosco todos os dias...”

TERRA, TRABALHO E AÇÃO PASTORAL: Dois relatos de experiências concretas

Cadernos do CEDI 10 ROÇAS COMUNITÁRIAS

Ilustrado com fotos
Este caderno é resultado do *Encontro sobre Coletivização* promovido pelo CEDI, em junho de 1981, no Centro de Treinamento de Líderes de Moquetá, em Nova Iguaçu, município dentro da Grande Rio de Janeiro. Participaram lavradores, agentes de pastoral e assessores do CEDI. As roças comunitárias, assim como as cooperativas, os movimentos de saúde comunitária e os mutirões têm sido algumas das formas de ação adotadas pelos setores da Igreja ligados à pastoral rural no sentido de fortalecer a capacidade de fixação e resistência dos trabalhadores rurais face à situação de miséria, exploração e às ameaças de expulsão que os atingem. A leitura deste trabalho abre pistas importantes para as práticas de ação coletiva que implicam no uso comum da terra, na organização



Cadernos do CEDI 10
ROÇAS COMUNITÁRIAS
& outras experiências
de coletivização no campo

coletiva do trabalho e nas formas igualitárias de distribuição do produto do trabalho. O fato de serem estes temas discutidos pelos próprios lavradores e agentes pastorais recomenda a leitura.

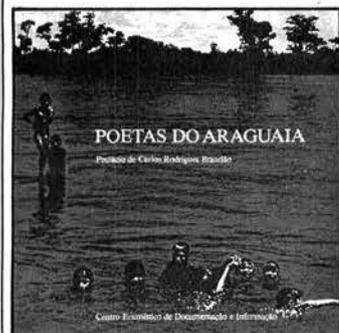
Cadernos do CEDI 11 PEÕES E GARIMPEIROS, TERRA E TRABALHO NO ARAGUAIA

Ilustrado com fotos e mapas
Já experimentadas no compromisso com as comunidades indígenas e de posseiros, na luta contra a usurpação de suas terras, as equipes de pastoral das Igrejas de São Félix e Conceição do Araguaia foram tomadas de perplexidade diante do surgimento de dois novos contingentes sociais, formados pelos peões das grandes empresas agropecuárias e pelos garimpeiros atraídos pelo "surto do ouro". Quem seriam os peões e garimpeiros, estas enormes levas de homens apartados de suas famílias e de suas origens? A que formas de exploração estariam sendo submetidos no trabalho que realizavam? Em torno de que reivindicações seria possível que se mobilizassem e se organizassem? Finalmente, em que medida a possibilidade



aberta de trabalhar nas fazendas a troco de salário, e escavocar o solo em busca de ouro afetaria a capacidade de resistência e a vontade de continuar lutando pela terra, numa região tão marcada por conflitos. O singular neste Caderno 11 é que os próprios agentes pastorais puseram mãos à obra, fazendo-se pesquisadores do melhor calibre, para investigar as questões colocadas à sua prática e envolvendo nesta tarefa seus amigos de longe e de perto para produzir um texto cheio de informação, ilustrado com mapas e fotos da região.

"Araguaia, que histórias há nessas águas..."



POETAS DO ARAGUAIA
Como diz Carlos Brandão no prefácio deste livro: "Aqui, neste lugar de bichos e índios, de posseiros e agentes de pastoral — militantes armados de palavras em luta — a poesia de poetas do povo e com o povo quer compreender a história. Quer transformar o destino da história. Quer decifrar a vida e o compromisso. Vir a ser com o posseiro, com o lavrador do Norte, um irmão de destino. Não nos iludamos. As beiras do rio estão cheias de história. Dela falam estes poetas do Araguaia. Saibamos ouvi-los."

132 pp. Ilustrado com fotos

As lutas populares, toda semana

ACONTECEU SEMANAL
Fatos destacados da Imprensa Assinatura anual
Publicação semanal mimeografada com fatos destacados da imprensa diária e outras fontes. É dedicada ao acompanhamento das lutas levadas por diversos setores populares. As notícias da semana estão agrupadas em: *trabalhadores urbanos, trabalhadores rurais, índios, movimentos populares, igreja, política nacional, internacionais e outras*. Contém também uma seção de Cartas do Leitor, onde são divulgadas datas de cursos, seminários, manifestações, atos públicos etc. Nesta seção os leitores têm um espaço aberto para a divulgação das notícias que não saem na imprensa. O ACONTECEU SEMANAL tem como assinantes Comissões Pastorais, comunidades de base, missio-

nários, operários, sindicatos e demais órgãos de classe, camponeses, lideranças indígenas e outros. Ideal para quem não tem acesso a jornais diários.



Igreja/Desenvolvimento e Participação Popular

Cadernos do CEDI 8 IGREJAS/DESENVOLVIMENTO E PARTICIPAÇÃO POPULAR

Ilustrado com fotos
A problemática do desenvolvimento e da construção de uma sociedade onde haja menos injustiças e desigualdades tem sido preocupação constante de muitas Igrejas Cristãs nos últimos anos. No Brasil como em toda a América Latina, muitos evangélicos e suas Igrejas têm-se comprometido para que os setores populares dos seus países possam desempenhar o papel principal que lhes cabe, na construção de uma sociedade que corresponda aos seus direitos, rompendo com uma situação de injustiça que se prolonga e se acentua há tantos anos. Este caderno é resultante das discussões de cristãos de vários países da América Latina, representantes de muitas Igrejas, de grupos eclesiais e de programas de serviço, quando se reuniram em Itaiç, setembro de 1980. Eles foram convocados pela Comissão de Ajuda Intereclesiástica, pelo Serviço Mundial de Refugiados e pela Comissão para a Participação das

Igrejas no Desenvolvimento, do Conselho Mundial de Igrejas. *Igrejas/Desenvolvimento e Participação Popular* espera servir para estudo e reflexão a todos cristãos que estejam dispostos a responder, corajosamente, ao desafio que a situação latino-americana está impondo a todos que desejam uma sociedade onde os sinais do Reino de Deus se façam visivelmente presentes.



FAÇA SEU PEDIDO AINDA HOJE

Preencha o cupom anexo à revista e junte a ele um vale postal ou cheque nominal para Tempo e Presença Editora Ltda. Envie para a Caixa Postal 16082 Rio de Janeiro RJ CEP 22221.

Renove sua assinatura também no cupom anexo. Se você ainda não é assinante, está aí a oportunidade.

Em Canindé, Ceará, realizou-se o V Encontro Intereclesial das Comunidades Eclesiais de Base 4 a 8 de junho de 1983.



Cerca de 500 pessoas, a maioria trabalhadores rurais e urbanos, 35 bispos, 15 assessores, 60 agentes de pastoral de 146 dioceses, reuniram-se, durante uma semana, para avaliar a caminhada das CEBs, analisar a realidade e discutir novos planos. Foi um acontecimento significativo na vida da Igreja no Brasil. O povo dirigiu o encontro, contou a situação em que vive, expressou seus desejos e reforçou sua forma de ser Igreja. As celebrações, organizadas e dirigidas por esses trabalhadores de uma forma criativa e impressionante, reafirmaram o que realmente significa ligar a fé com a vida.

No decorrer do encontro foram aprovados quatro documentos que mostram a vitalidade das CEBs e são testemunho da sensibilidade do nosso povo e da Igreja comprometida com a construção da nova sociedade.

O CEDI, publicando esses documentos, pretende fazer com que a corajosa atitude que eles representam seja compartilhada com todos aqueles que participam dos mesmos compromissos.

Bispos reafirmam seu apoio às CEBs e dão testemunho do seu significado

Bispos das diversas regiões do Brasil, em número superior a trinta, nos encontramos em Canindé, junto à Basílica de São Francisco das Chagas, como participantes do V Encontro Intereclesial das CEBs.

Nessa oportunidade de uma grande assembleia religiosa que foi idealizada, assumida e promovida graças à participação e vitalidade das próprias CEBs e que contou com a presença e o apoio da Hierarquia e com o especial serviço do Regional Nordeste I, queremos louvar ao Senhor que revela aos pequeninos suas maravilhas, e dar um testemunho do que para nós significaram estes dias.

Não foi propriamente um encontro de estudos o que aconteceu em Canindé, de 04 a 08 de julho de 1983. À sombra do Santuário de São Francisco, o que houve foi uma grande celebração pelas CEBs. Elas expressaram no canto, na prece, nos gestos, nos depoimentos, na fraternidade e no serviço, a fé, a esperança e a alegria de um povo que sabe que tem Deus do seu lado.

A cada passo do Encontro, pudemos verificar que a Palavra de Deus é o ponto fundamental de referência das CEBs. É à luz da Palavra de Deus e guiadas pelo Espírito Santo que procuram ver e interpretar os acontecimentos.

A comunhão com os pastores foi outro sinal das CEBs que se tornou visível no entusiasmo com que se referiam à participação de seus bispos e sacerdotes e até nas lamentações de um ou de outro quando isto não aconteceu.

Aqui, em Canindé, tornou-se bem clara a verdade do que afirma nosso documento sobre as CEBs: "É ao redor das comunidades de base que se desenvolve e se desenvolverá, cada vez mais, no futuro, a ação pastoral e evangelizadora da Igreja". (As CEBs e a Igreja no Brasil, n.40).

Ficamos profundamente edificados com a esperança do povo, revelada nesse Encontro das CEBs e com sua capacidade de enfrentar as dificuldades e os desafios que acompanham a vida do pobre, seja no campo,

seja na periferia e nos bolsões de pobreza das cidades.

Se o que predominou no V Encontro foi o clima de celebração, não faltou a reflexão séria sobre problemas importantes como a situação da Igreja e do País, a seca e a fome no Nordeste, a posse e uso da terra, o desemprego e subemprego, a participação política e uma autêntica organização sindical. Em tudo se procurava encontrar os caminhos pela fé e pela solidariedade dos pequenos.

Finalmente, percebemos com alegria, uma vontade sincera de somar forças com tantos outros companheiros da cidade e do campo, das Igrejas Evangélicas e de outras comunidades religiosas, das associações e dos movimentos que estão na mesma caminhada e têm o mesmo compromisso de trabalhar na construção da nova sociedade baseada na justiça e na participação fraterna.

Por tudo isso que vimos, vivemos e sentimos, podemos testemunhar que as Comunidades Eclesiais de Base, no Brasil, são, verdadeiramente, um novo modo de ser Igreja". "São centros de evangelização, instrumentos para a construção do Reino e agentes de libertação e desenvolvimento na busca da concretização das esperanças do povo" (CNBB-Diretrizes).

Nesta terra sofrida e religiosa do Nordeste, nesta cidade-santuário de Francisco, o pobre-seguidor-fiel de Jesus, a quem o Espírito chamou para reconstruir a Igreja, nossa comunidades, evangelicamente pobres e disponíveis, renovaram seu compromisso de contribuir efetivamente para a revitalização "das comunidades mais amplas, especialmente das nossas Igrejas Particulares". Elas são "uma esperança para a Igreja Universal". (Evangelii Nuntiandi 58). Para a América Latina e, de modo particular para o Brasil, elas são uma semente fecunda da nova sociedade que almejamos.

Aloísio Cardeal Lorscheider — Arcebispo de Fortaleza

Pompeu Bezerra Bessa — Bispo de Limoeiro do Norte

José Mauro Ramalho — Bispo de Iguatu

Joaquim Rufino do Rêgo — Bispo de Quixadá

Paulo Eduardo Andrade Ponte — Bispo de Itapipoca

Augusto Alves Rocha — Bispo de Picos

Aloísio Roque Oppermann — Bispo de Ituiutaba

Angelo Domingos Salvador — Bispo Auxiliar de Salvador



Discussão em plenário do resultado dos Trabalhos de Grupo.

Final da Oração da Manhã feita por São Paulo: A Nova Sociedade, Novo Céu e Nova Terra.

Pedro Casaldáliga — Bispo de São Félix do Araguaia
Reinaldo Punder — Bispo de Coroatá
Gilberto Pereira Lopes — Bispo de Campinas
Walfredo Teixeira Vieira — Bispo de Sobral
José Freire de Oliveira Neto — Bispo Coadjuutor de Mossoró
Manuel Edmilson da Cruz — Bispo Auxiliar de Fortaleza
Ladislau Biernaski — Bispo de Curitiba
Geraldo Nascimento — Bispo Auxiliar de Fortaleza
Gerardo Andrade Ponte — Bispo de Petrolina
Afonso Felipe Gregory — Presidente do Regional Leste I da CNBB
Celso Queiroz — Bispo Responsável na CEP pelas CEBs
Olívio Anselmo Fazza — Bispo de Foz de Iguaçu
Luis Fernandes — Bispo de Campina Grande
Antônio Fragoso — Bispo de Cratêus
José Brandão de Castro — Bispo de Propriá
José Maria Pires — Arcebispo da Paraíba
Luciano Mendes de Almeida — Secretário Geral da CNBB
Ricardo Pedro Paglia — Bispo de Pinheiro
Valfredo Tepe — Bispo de Ilhéus
Tomás Balduino — Bispo de Goiás Velho
Aldo Gerna — Bispo de São Mateus, Espírito Santo
Waldyr Calheiro — Bispo de Volta Redonda
Mathias Schmidt — Bispo de Rui Barbosa, Bahia
Silvestre Scandian — Bispo de Vitória, Espírito Santo
Adalberto Paulo da Silva — Bispo de Viana, Maranhão

Mensagem das CEBs às Igrejas no Brasil

Meus irmãos e minhas irmãs, companheiros e companheiras de caminhada, de luta e de perseverança na força do Evangelho de Jesus Cristo, vivido nas CEBs do Brasil inteiro.

Como vocês, somos todos membros de CEBs. Viemos dos fundos de nosso interior e das periferias de nossas cidades para o 5º Encontro Intereclesial de CEBs de todo o país, juntos com 243 irmãos e irmãs das bases, mais de 30 bispos, 60 agentes de pastoral, 15 assessores, 16 observadores, um representante da Igreja Evangélica, alguns irmãos do México, da Bolívia, da Colômbia; ao todo, com o pessoal da Imprensa e a equipe de serviços, 490 pessoas. Ficamos contentes com a presença do irmão, o Cardeal D. Aloísio Lorscheider, que coordenou o grupo do Ceará, do Maranhão e do Piauí, responsável pela preparação deste Encontro. Alegrou-nos igualmente a presença de D. Luciano Mendes de Almeida, secretário-geral da CNBB e D. Celso Queiroz, responsável das CEBs dentro da Conferência Nacional dos Bispos. A presença destes irmãos e bispos nos deu força na caminhada e nos confirmou na certeza de que somos verdadeiramente Igreja que nasce do povo pelo Espírito de Deus, povo unido semente de uma nova sociedade.

Este 5º Encontro Intereclesial se realizou em Canindé do Ceará, nos dias 4-8 de julho. Trata-se de uma região assolada pela seca que castiga vastas regiões do Nordeste já há quase cinco anos. Nesta cidade se encontra o grande santuário popular de São Francisco das Chagas. Para este santuário chegam anualmente milhares e milhares de irmãos sofredores para reforçar sua fé e alimentar sua esperança. No pavilhão do Encontro havia vários mandacarus (espinho típico da região que fica sempre verde no rigor da seca). Havia junto à inscrição: "só mandacaru resistiu tanta dor". E o símbolo da fé e da esperança de nossos irmãos nordestinos e de todos nós que também padecemos sob o pecado da opressão e da injustiça social.

Nos dias em que estivemos reunidos parecia que vivíamos do jeito dos primeiros cristãos descrito nos Atos dos Apóstolos: éramos um só coração e uma só alma na oração; trocamos experiências sobre nossas

lutas e celebramos nossas vitórias; vivemos da partilha de bens porque toda a comida que fartamente tínhamos sobre as mesas foi dada de graça pelos irmãos das comunidades do Maranhão e do Ceará.

O tema que refletimos nos grupos e discutimos nos plenários foi: "CEBs: povo unido, semente de uma nova sociedade". A riqueza de idéias e sugestões foi tão grande que achamos bom comunicar um pouco disto tudo para vocês. Principalmente gostaríamos de transmitir a vocês a esperança que brota do nosso sofrimento e que nos faz renovar o compromisso de lutar pela libertação de todos, a começar pelos mais carentes que Deus ama de forma especial. Vamos contar para vocês de maneira resumida o que ocorreu nos quatro dias em que estivemos juntos dentro de muita alegria e fraternidade.

No primeiro dia nos ocupamos com a seguinte questão: como está a vida do povo em sua região? E como o povo está reagindo? Os relatórios dos Regionais revelaram a grande via-sacra de sofrimentos de nosso povo, via-sacra com estações sem conta nas quais o servo sofredor Jesus Cristo está sempre de novo sendo massacrado, torturado e crucificado na pessoa dos nossos irmãos pobres. Constatamos cinco grandes problemas:

1. a falta de terra no campo e na cidade, para plantar e para morar;
2. o crescente número de agricultores que perdem as terras e se tornam assalariados rurais e até bóias-frias, que já somam 7 milhões no Brasil;
3. desemprego desesperador de milhões de brasileiros;
4. a seca do Nordeste que castiga o povo, sem soluções efetivas do Governo, pois mantém a dependência dos pobres;
5. a fome generalizada que jamais houve maior em nossa história, trazendo doenças para todos, dizimando nossas crianças. O Brasil é tão grande, mas não é suficiente para os milhões de migrantes que, como novos Abraões, estão em busca da Terra Prometida para si e para seus filhos; o Brasil é tão rico que poderia ser a mesa posta para as fomes do mundo inteiro e, apesar disto, está cheio de marginalizados e famintos. Estas injustiças clamam aos céus; nossas comunidades, em nome de Deus, estão ouvindo o grito do irmão oprimido e se decidem com a força de Jesus Cristo e do Espírito Santo a ajudar na libertação.



Para libertar de verdade e não fazer apenas remendos na roupa velha e rasgada, precisamos conhecer as causas destas misérias. Estudamos nos grupos e vimos que o principal produtor da desgraça social é o sistema em que se organizou a sociedade brasileira. Ele funciona bem só para os ricos, mas não se preocupa com os pobres; esse sistema aperta mais e mais a cintura deles e quase os está matando de fome. São os grandes projetos como Carajás, Jica, Pró-Álcool, Ferrovia do Aço, Projeto Nuclear, as grandes barragens que consomem nossas economias e dão vantagens ao capital multinacional. É a nossa própria desorganização como os sindicatos pelegos, como os movimentos populares divididos e prejudicados pela repressão e pelo controle por parte dos órgãos de segurança.

Mas constatamos também que o povo está reagindo. A cada ponta de unha da besta-fera as comunidades e o povo organizado apresentam uma defesa. Compreendemos que não basta atacar as unhas da fera, mas precisamos atingir-lhe o coração e, assim, afastá-la do caminho da libertação. Em razão disto, cresce cada dia o número das CEBs: os bispos e os agentes de pastoral as apóiam com mais força, os sindicatos autênticos aumentam, muitos deles criados com ajuda dos cristãos das comunidades do campo e da cidade; as associações de bairro se multiplicam bem como os grupos de ação e reflexão e os mutirões; as mulheres, os índios e os negros estão despertando e assumindo de forma organizada a sua parte na caminhada da libertação; políticos de raízes populares reforçam a causa do povo. Em tudo isto nós vemos a presença de sinais do Reino de Deus e a força da ressurreição de Jesus Cristo. Em nossas celebrações cantamos e agradecemos por estas vitórias que nos custaram tantos sacrifícios.

Neste contexto recordamos nossos irmãos, torturados, assassinados e mártires na luta pela justiça: índios, lavradores, operários e agentes de pastoral; dezessete participantes do Encontro já conheceram a bem-aventurança das perseguições e das prisões por causa do seu compromisso com os irmãos ameaçados de expulsão de suas terras.

No segundo dia refletimos nos grupos esta questão importante: Por que as CEBs querem uma nova sociedade?

Vocês podem imaginar as mil razões que surgiram nos grupos para mudar esta sociedade que aí está. Relatamos apenas algumas razões principais. A primeira é conhecida de todos: do jeito que está organizada, a sociedade é *ruim e pobre*; produz mais e mais a pobreza e a morte dos pobres de nosso povo. Se a razão de tudo é gerar a vida, defender a vida e promover a vida, então nesta sociedade não se pode mais viver. Descobrimos em nossas trocas de experiências que outras Igrejas cristãs estão se comprometendo na derrubada desta árvore de morte e estão se unindo para plantar, adubar e regar a árvore da vida; outros movimentos e muitos outros companheiros, mesmo não meditando o Evangelho, igualmente lutam pela vida do povo. Eles realizam sem o saber, a vontade de Jesus de nos trazer vida e vida em abundância. Como se vê, muitos querem a libertação. Nós cristãos das comunidades eclesiais de base queremos a libertação dentro da fé, a libertação que nasce do Evangelho e de nossa aceitação do Reino de Deus.

Aqui está, queridos irmãos e irmãs de caminhada, a razão principal por que queremos a mudança desta sociedade: *porque Deus quer, porque Jesus Cristo pregou, porque o Espírito Santo nos inspira*. O projeto de Deus Pai é que todos nos sintamos como filhos, nos amemos como irmãos e coloquemos os frutos da terra a serviço da necessidade de todos. Ele fez uma aliança conosco para que vivêssemos na justiça, no direito e na fraternidade. Se existem pobres entre nós é sinal de que aliança foi rompida. E se o pobre grita, Deus o escuta, denuncia nosso pecado e pede conversão e mudança da sociedade. Nela não deve haver nem rico nem pobre, mas todos trabalhando e colaborando juntos para o bem de todos.

Jesus Cristo pregou o Reino que aparece no nosso meio quando irmão ajuda a irmão, quando os homens se dão as mãos para trabalhar juntos, quando a vida doente e sofrida for libertada, os ódios derem lugar ao perdão e a justiça sorrir nos nossos rostos. Os frutos do Reino de Deus na nossa caminhada aparecem na participação da comunidade e nas nossas associações, no ter voz e vez em todas as coisas que nos dizem respeito, na igualdade e fraternidade que vamos criando. Precisamos mudar a sociedade humana para que ela devolva a dignidade a cada pessoa. Se machucamos o rosto do irmão, não podemos mais re-

conhecer o rosto de Cristo estampado no rosto de cada filho de Deus. O Espírito Santo nos dá força para que lutemos na mudança da sociedade; só assim, as sementes da ressurreição de Jesus começam a crescer dentro de nossa vida e a produzir frutos de comunhão e participação na Igreja e na vida social.

No fim do segundo dia fizemos uma belíssima celebração da misericórdia e do perdão de Deus, orientada pelo nosso irmão D. Pedro Casaldáliga. Foi impressionante ver os negros, as mulheres, os homens, os operários e lavradores, ficarem de pé, estenderem as mãos sobre os vizinhos e simbolizarem a comunicação da graça de Deus. Depois, os bispos se ajoelharam na frente da assembléia, pediram perdão, e nos deram em nome de Deus e da Igreja o perdão divino. Todos se abraçavam, comovidos, porque sentíamos a paz e o amor do Pai em nossos corações e nos rostos de nossos irmãos e irmãs.

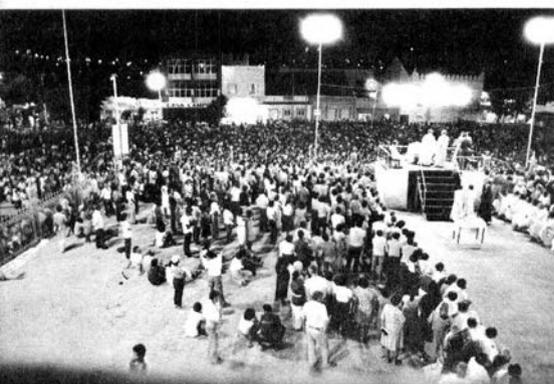
No terceiro dia discutimos problemas bem concretos: entre os vários que nem dá para apresentar, queremos destacar dois: para chegar a uma nova sociedade, quais são nossas sugestões frente ao problema da terra no campo e na cidade? E quais as sugestões concretas frente à atuação da Igreja? A reflexão foi muito boa e rica. Queremos dizer só o essencial.

Com relação à terra: queremos a reforma agrária. Todos os presentes nos comprometemos com isto; pedimos também que vocês se comprometam nas bases apoiando a campanha nacional pela Reforma Agrária. Desde 1964 existe a aprovação do Estatuto da Terra. Se fosse aplicado ele ajudaria a milhões de famílias sem terra. Mas nunca foi aplicado. Vamos lutar, irmãos, para que as autoridades realizem o que está prescrito na lei. Assim estaremos ajudando na paz social, na permanência das famílias no campo, na realização da justiça agrária. Todas estas coisas são bênçãos de Deus e sementes do Reino que Cristo pregou.

Com referência à Igreja: todos somos corresponsáveis para que a Igreja seja mais evangélica e mais conforme à vontade de Jesus. Sentimos o apoio crescente dos bispos e dos padres; vemos com alegria que religiosos e seminaristas entram na caminhada das CEBs. Todos passaram por um processo de conversão: os bispos estão ficando mais simples; escutam nossas reflexões,

mudam de estilo pastoral na linha da fraternidade e da comunhão. Precisamos que mais bispos compreendam este modo de ser da Igreja, cujas raízes se encontram na comunidade dos apóstolos e se disponham a caminhar com todo o povo que no Brasil é, em sua grande maioria, religioso e pobre. Gostaríamos que nos criassem mais espaço de participação e de decisão na vida pastoral. Queremos que seja verdade, mesmo também com eles, aquilo que Jesus nos disse: "Vós sois todos irmãos" (Mt 23,8). Cada um de seu jeito testemunha o Evangelho, sendo todos discípulos do Senhor.

Na noite do terceiro dia, fizemos uma grande celebração na frente do Santuário de São Francisco das Chagas. Confraternizamos com inúmeras comunidades da região. No ofertório, um irmão fez um símbolo muito significativo: rompeu, com as mãos, uma gaiola para expressar a destruição das correntes que escravizam a vida dos pobres. E libertou uma pomba, que, feliz e livre, foi pousar na torre da Igreja. Começamos orando a terminamos rezando. Fizemos, novamente, a procissão que inaugurou nosso Encontro. A luz do Cristo presente do cirio pascal ia à frente. Depois, vinha num cartaz, a locomotiva da esperança. Em seguida, os cartazes dos quatro vagões que simbolizavam os quatro primeiros Encontros Intereclesiais de CEBs. Fizemos uma parada de quatro dias em Canindé. Mas o trem segue adiante, com mais um vagão, carregando esta carta para vocês. E ele viajará até o próximo Encontro. Enquanto isso, irmãos e irmãs, permaneçamos unidos no mesmo corpo de Cristo, cheios de sua Graça, de sua força e de sua esperança na construção de uma nova sociedade. Desta sociedade nova as CEBs querem ser uma semente e um primeiro fruto promissor. Amém.



Apelo às Igrejas dos Estados Unidos para que continuem a sua luta contra a política do presidente Reagan na América Central.

Graças e Paz no Senhor!

Reunidos em Canindé, Ceará, de 4 a 8 de julho de 1983, no 5º Encontro de Comunidades Eclesiais de Base do Brasil, sentimos muito de perto o sofrimento e a luta dos nossos irmãos da América Central, principalmente na Guatemala, El Salvador e Nicarágua.

Já expressamos a eles, por carta coletiva, a nossa solidariedade. Em nome da unidade do Corpo de Cristo, queremos também, por meio desta carta, apelar a todas as Igrejas cristãs dos Estados Unidos para que continuem seu empenho de ajudar a conter a política agressiva do governo Reagan contra a autonomia e a paz desses povos centro-americanos.

A América Central tem o direito de construir a sua liberdade e de reger os seus destinos, sem interferências externas. Cada povo, igual aos outros povos em dignidade e diferente em cultura e em história, sabe como organizar a própria vida.

O sangue dos mártires da América Central e o clamor de seu povo, que há muito tempo vem chegando a Deus, deve chegar também a nós. Sabemos quanto muitos de vocês, irmãos dos Estados Unidos, têm sido sensíveis ao sofrimento da América Central. É nessa certeza que tomamos agora a liberdade de dirigir-lhes um novo apelo veemente, a fim de que intensifiquem sua solidariedade com as Igrejas e os Povos dessa região sofrida.

Que a presença do Espírito de Jesus, o Morto Ressuscitado, continue guiando nossas Igrejas e todo o continente americano, para que sejamos sempre um testemunho evangélico de Justiça e Fraternidade.

Missa final na praça da Basílica: 7 mil pessoas participaram da celebração.

As CEBs do Brasil apresentam seu apoio e solidariedade aos povos da América Central.

Reunidos no 5º Encontro de Comunidades Eclesiais de Base do Brasil, em Canindé, no Ceará, no Nordeste de nosso país, nós, leigos, religiosos, padres e bispos, queremos lhes manifestar, por esta carta, nossa solidariedade fraterna.

Estamos acompanhando, com oração e com angústia, todos seus sofrimentos e suas lutas para se libertarem do cativo e construir uma Nova Sociedade, mais conforme com o projeto de Deus, nosso Pai.

Com esta carta coletiva queremos também protestar, como cristãos latino-americanos, pela agressão que vocês estão sofrendo por parte dos poderosos que não aceitam a libertação do Povo e o direito que temos de organizar nesta América Latina um mundo de irmãos.

À luz da Fé e pelas lições da História estamos certos de que todo o martírio que vocês estão sofrendo é a semente mais fecunda da libertação de nossos Povos. O sangue de seus filhos sacrificados, como o sangue do justo Abel, reclama por Justiça e com o sangue de Jesus alcança Libertação.

Neste grande Encontro Intereclesial, em nome de todas nossas comunidades do Brasil, renovamos o compromisso de seguir orando com vocês e por vocês, de acompanhar e apoiar dia a dia suas lutas e de ir celebrando com vocês as vitórias que vão conseguindo.

Em nome do Deus da Libertação, exigimos de seus opressores que respeitem o direito que vocês têm à Justiça, à Liberdade e à Paz.

Recebam, irmãos, o abraço amigo destes companheiros de caminhada, que querem conquistar, com vocês, o novo Céu e a nova Terra que o Pai nos prometeu.

O Socialismo em Angola e as Igrejas Protestantes

As relações entre Igreja e Estado, Igreja e Sociedade, e Igreja e Revolução, têm sido objeto de intensa especulação, na maior parte das vezes de caráter teórico. Entretanto, quando analisadas em casos concretos, surpreendem, na medida em que apresentam soluções e acomodações nem sempre previstas ou esperadas. É o caso, por exemplo, das Igrejas Evangélicas de Angola, como mostra nesta entrevista o Bispo da Igreja Metodista Unida de Angola, Emilio Julio Miguel de Carvalho. Tratando das questões mais delicadas, referentes às posições exigidas das igrejas durante as lutas de independência e, depois, no processo de reconstrução angolano, o Bispo não se furta a dar com a maior clareza, como as Igrejas estabeleceram essas novas relações.

Natural de Cazengo, Angola, o Bispo Julio Miguel de Carvalho, bacharelou-se em Teologia na Faculdade de Teologia da Igreja Metodista de Rudge Ramos, Brasil, e titulóu-se em Master of Arts, na Northwestern University, Evanston, Illinois. Entre outros cargos, hoje, é membro da Comissão das Igrejas para os Assuntos Internacionais, do Conselho Mundial de Igrejas, e presidente da Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo.

CEDI: Qual a situação das Igrejas, hoje, em Angola?

Os senhores sabem que, antes da Independência, nós atravessamos um período colonial em que, praticamente, a Igreja oficial foi a Igreja Católica Romana. Angola foi uma colônia de Portugal e isto estava mesmo consignado na própria Constituição portuguesa, em que a religião católica teria um estatuto privilegiado. Isto significou uma situação de dificuldades para as convicções não católicas. Uma situação que se alterou após a Independência, quando todas as Igrejas passaram a ser consideradas no mesmo pé de igualdade no país. Hoje, cada uma das Igrejas trabalha à frente de seus próprios programas, mas a cooperação ecumênica tornou-se, realmente, uma das

grandes realidades nas Igrejas de Angola, não apenas entre as próprias denominações evangélicas, mas mesmo em relação à Igreja Católica Romana. Nós temos tido alguns encontros, alguns programas de cooperação, e este é um dos grandes aspectos que caracteriza a vida das Igrejas Evangélicas em Angola: a cooperação ecumênica.

De que modo, por exemplo, o novo Estado Angolano facilita a vida das Igrejas: e de que forma as Igrejas participam também das dificuldades econômicas e sociais que existem no país?

Pois é... Eu não sei se diria "facilita", não é? Eu estava dizendo, ontem, que não conheço governos que facilitem. Conheço a vida das Igrejas. A vida das Igrejas nunca é fácil, em qualquer sociedade. Mormente numa sociedade em transformação, transformações radicais como a nossa. Não é fácil. A sociedade em Angola está passando por transformações tão profundas, que tornam muito difíceis as atividades de qualquer Igreja. Não temos problemas do ponto de vista da Lei do país; está muito facilitado, até, porque está consignado na Constituição de que a República é um Estado laico, onde qualquer cidadão é livre de crer ou de não crer, é livre de ir à Igreja ou de não ir à Igreja. Quer dizer, que está muito claro que o Estado dará proteção às Igrejas e, neste aspecto, não podemos dizer que haja no país uma situação que impeça atividades das Igrejas. Creio que as grandes dificuldades que as Igrejas enfrentam em Angola, hoje, são as de saberem como se constituir em Igrejas relevantes numa sociedade em transformação.

E como as igrejas vêem estas transformações ou esta transformação radical?

É claro que a atitude geral das Igrejas em Angola, da maior parte delas, é de se inserirem no processo que está em curso no país. Não há outra maneira! Quer dizer: vivemos numa sociedade em transformação. Estamos, ainda, a estudar várias maneiras de sermos Igrejas que vivem e trabalham numa sociedade em transformação. Eu diria, por exemplo, que, da parte de algumas Igrejas, nota-se uma certa... vamos dizer... relutância em aceitarem as novas diretrizes políticas, econômicas e sociais que estão sendo impostas no país pelo sistema. Mas eu creio que, da maior parte das Igrejas Protestantes, isto não ocorre, uma vez que os senhores compreendam que a maioria dos protestantes no meu país viram-se envolvidos na luta de libertação nacional, e aquilo que temos hoje em Angola é fruto do nosso próprio esforço.

Os protestantes participaram ativamente do movimento de libertação de Angola?

Eu não digo todos, mas, de uma maneira geral, as Igrejas Protestantes — que eram as mais oprimidas durante o Colonialismo — certamente tinham como objetivo, realmente, a eliminação da opressão do sistema colonial que nos oprimia, que tolhia a liberdade dos cristãos.

Nesse rol de Igrejas Protestantes, incluem-se, também, as Igrejas Pentecostais?

Eu diria que algumas Igrejas Pentecostais. Nós temos pelo menos doze Igrejas Pentecostais em Angola que não são muito abertas, mas nem todas elas. Eu vejo o perigo de se falar sempre de uma maneira genérica. Nós não podemos falar de uma maneira genérica, não é?

Para as Igrejas Protestantes, a Independência significou colocar as Igrejas Protestantes em pé de igualdade com a Católica. Como a Igreja Católica de Angola sentiu isso, viu isso, reagiu a isso?

Eu não posso precisar. Eu não posso precisar, mas eu sei que, para a Igreja Católica em Angola, a Independência foi uma resposta às mais justas aspirações do povo angolano. E estivemos afirmando, numa declaração especial transmitida em 1975 — alguns meses antes da Independência — considerando-a como a realização das mais justas aspirações do povo angolano. Eu creio que a Igreja Católica recebeu bem a Independência. Pode não ter recebido bem o movimento de libertação que veio ao poder, o movimento de independência não capitalista, não é? Você sabe que a Igreja Católica tem uma certa relutância em aceitar este tipo de Independência, mas acho que receberam bem a Independência. Não sei como elas reagiram à passagem de uma Igreja privilegiada do Estado para uma Igreja não privilegiada. Presumo que isto deve ter sido uma experiência um pouco dolorosa para eles. Mas eu acho que a Igreja Católica em Angola tem reagido positivamente a essa transição.

Como os protestantes participam da vida política angolana enquanto protestantes ou através de partidos políticos? Como se organiza a vida política angolana?

Enquanto cidadãos. Quer dizer: não podemos dizer que há uma participação de protestantes ou não-protestantes em Angola. O povo angolano forma um todo, quer católicos, quer protestantes, quer não-cristãos. Eles participam — nós participamos — da reconstrução do país. Não como protestantes, mas como cidadãos. Claro, eu poderia dizer que, dentre os cidadãos em Angola, há muitos protestantes. Eu acho que, como cidadãos, nos seus próprios contextos sociais em que eles vivem, eles participam das tarefas de reconstrução.

E a vida política lá é organizada partidariamente? Que partidos políticos existem lá?

Há um partido, que tomou o poder em Angola durante a segunda guerra da libertação, em 1975 e 76, e o país é governado por este partido. Mas é uma democracia representativa. O governo de Angola, a governança de Angola, começa das massas, nas bases, até o partido. Nem todos de Angola fazem parte do partido.

Mas não existe o mesmo risco dos países de partido único, de se criar uma burocracia e...

Eu creio que o problema da existência de partidos únicos em África é um problema geral, sendo que a maioria dos países africanos são governados por partidos únicos. Este até não seria o problema. Nós, em Angola, ainda não estamos a sentir este problema, porque as forças que governam o país hoje são, efetivamente, as forças que lutam contra o Colonialismo. Então, não se põe o problema em Angola, de partido único ou pluripartidarismo. Como os senhores sabem, há grupos contra-revolucionários a lutarem pelo poder em Angola, mas eles já lutaram na mesma altura em que esse governo agora tomou o poder, também eles estavam lá para tomar o poder. Ainda que eles também ganhassem, também teria um partido único lá. Entenderam o problema que se põe em Angola? O problema que se põe, é se as forças que tomaram o poder em Angola são

ou não são as forças libertatórias que nós necessitávamos, ansiávamos. Efetivamente são, porque lutaram contra o Colonialismo e propõem-se a satisfazer as necessidades mais profundas do povo. E é isso que o povo quer. E é isso que o povo quer: que as suas necessidades mais profundas sejam satisfeitas.

O que diferencia as Igrejas Protestantes de Angola das de, por exemplo, Moçambique?

A situação é praticamente idêntica. Claro que, se olharmos para a história colonial de Angola e Moçambique, não obstante o poder colonial ter sido o mesmo, talvez a sua política foi um pouco diferente. Eu creio que o colonialismo português agiu de uma maneira diferente em Angola e Moçambique, impondo padrões de política diferentes. Isto significou que em Angola, por exemplo, eles haviam dado maior ênfase à Educação e, portanto, a camada intelectual que saiu de Angola talvez fosse um pouco mais numerosa do que aquela que saiu de Moçambique. Portanto, a maneira como as populações de Angola reagiram ao Colonialismo pode não ter sido da mesma maneira como as populações de Moçambique reagiram ao Colonialismo. Mas os movimentos que tomaram o poder, tanto em Angola como em Moçambique, têm aproximadamente a mesma orientação ideológica. A situação que as Igrejas enfrentam é a mesma, talvez, a maneira de reagir difere de país para país. Isso também depende do tipo de liderança que as Igrejas têm em Angola e Moçambique. O senhor nota, por exemplo, que a Igreja Católica de Moçambique foi muito mais explícita, em rejeitar ou em reagir à tomada do poder por um grupo de orientação socialista, do que em Angola. De maneira que há certas diferenças, mas eu creio que os contextos são os mesmos e, ideologicamente falando, quer as Igrejas de Angola, quer as Igrejas de Moçambique, elas estão num mesmo contexto.

O senhor já se referiu à orientação ideológica. A revolução angolana se propõe, hoje, à construção do Socialismo em Angola?

Sim, a revolução em Angola dá por nome "socialismo". Nisso não há dúvidas: tem sido dito e, na prática, é esta mesma. É uma revolução de orientação não-capitalista. O senhor pode não chamá-la, ainda, socialismo, porque nós dizemos em Angola que a luta continua e não se pode fazer socialismo em 6-7 anos. É uma orientação não-capitalista, dá no mesmo que o nome "Socialismo": ninguém esconde esse fato.

Como, no plano ideológico e teológico, as Igrejas se relacionam com o... vamos dizer... o Marxismo?

Não chegamos ainda a esse ponto. De sentarmos à volta de uma mesa, de um lado os cristãos e do outro os marxistas. Ainda não chegamos a definir bem esse ponto em Angola. Mas o que está a haver em Angola é que estamos esclarecendo algumas coisas, e chegamos à conclusão com o fato de nós crermos em Deus, não é? E eu acho que não há incompatibilidade dentre os princípios que nós aceitamos como da fé cristã e os princípios que defendem a paz e a justiça. Mesmo em Angola, não se vê o problema do ateísmo, também. Normalmente, quando se fala em Marxismo, as pessoas pensam logo no ateísmo... O Marxismo, em Angola, é uma política econômica, social — sem dúvida nenhuma — e, até agora, não está de tal maneira sofisticada a ponto de entrarmos em choque, marxistas e cris-

tãos, em Angola. Não existe, ainda, esse choque ideológico entre marxistas e cristãos, como existe, por exemplo, nos países tradicionalmente socialistas da Europa Oriental.

É que geralmente, estes conflitos se expressam no nível de uma política cultural ou educacional. Isto não se verifica? Sim. E as massas populares de Angola foram de tal maneira conscientizadas para o processo revolucionário que... Eu não sei o que aconteceu na Europa Oriental, há 30 anos atrás, mas me parece que não houve este processo preparatório na Europa como houve em Angola. Não houve esta luta de libertação preparatória como houve em Angola, uma luta colonial, contra o colonialismo. Eu não digo que não houve uma luta na Europa. Houve, mas uma luta "tipo união", como houve em Angola, não se processou na Europa.

A questão do racismo na África

Bom, falando de uma maneira geral, há racismo em toda parte do mundo. Eu não posso dizer que não há racismo em África. Mas também não posso dizer que não há racismo em Angola. Não obstante os angolanos terem tomado o poder das mãos dos colonialistas portugueses, ficou sempre aquele ressentimento da maneira como os negros em Angola foram violentados pelos colonialistas. Há um certo ressentimento, não é? É um ressentimento que também pode gerar uma atitude de racismo; porque o racismo não é só da parte do branco em relação ao negro, mas também do negro em relação ao branco. E eu não duvido que, na mentalidade de muitas pessoas, haja este ressentimento.

É profundo, não é?

Profundo. Profundamente enraizado. Não podemos negar o fato.

A Igreja Protestante é predominantemente negra ou branca, em Angola?

Sim, é predominantemente negra. Angola é um país predominantemente negro. O senhor pode encontrar poucos brancos nas Igrejas, mas é predominantemente negra. Foi sempre. Sabe por quê? Porque nunca a missão se dirigiu à população branca, nem mesmo na Igreja Católica. Os católicos brancos já vinham católicos de Portugal. Os protestantes, normalmente, estabeleciam-se nas zonas rurais, para converter os africanos, e nunca nas urbanas, para converter os portugueses. Daí que, em toda África, as Igrejas são predominantemente negras, com exceção da África do Sul. Também onde? Nas Igrejas brancas... Mas não há uma situação de racismo em Angola. Não existe. Eu creio, mesmo, que a sociedade angolana é uma das mais pluralistas em África, onde negros, brancos, mulatos ou mestiços se misturam. Existem mestiços e brancos no governo, até. Não temos esse problema em Angola. Agora, não digo que nos indivíduos não haja, de vez em quando, estes conflitos. Há. Agora, o senhor não confunda isto que eu estou dizendo com a situação clara e específica que nós temos na África do Sul. Eu não sei... Não vale a pena falar aqui do "Apartheid", porque isto é um problema conhecido. Já foi condenado por todo mundo. E este é um problema que aflige a África do Sul, hoje, até mesmo nas Igrejas. Há Igrejas completamente segregadas. Há, até, duas Igrejas Reformadas que foram expulsas da Aliança Reformada Mundial, por causa de sua política de "Apartheid". Este é um problema mundialmente conhecido.

Sobre a Associação dos Teólogos do Terceiro Mundo, da qual o senhor é presidente, sabemos que eles têm alguns teólogos da Associação agora na Europa, falando alguma coisa a respeito da visita do Papa na Nicarágua, que não resolveu grandes problemas... Há alguma manifestação, alguma posição oficial dessa Associação em relação a isso? Eu não creio que haja agora na Europa alguém falando em nome da Associação. Eu sou o presidente desta Associação, não tenho conhecimento direto de membros da Associação... talvez haja alguns em viagem à Europa, mas, se estão falando, devem estar falando em nome pessoal deles e não em nome da Associação. A Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo reúne cerca de 70-80 teólogos na África, na América Latina, na Ásia, nas Caraíbas e nas minorias étnicas nos E.U.A. O que nós tivemos, ultimamente, foi um diálogo — o primeiro no gênero — um diálogo entre teólogos do Terceiro Mundo e do Primeiro Mundo, na Europa. Este diálogo teve lugar em Genebra, nos primeiros dias de janeiro deste ano, e ali nos reunimos para analisar o tema: "Fazendo Teologia num mundo dividido". E esses teólogos, que vieram do Terceiro Mundo e da Europa, teólogos em situação de opressão, teólogos liderando movimentos para a paz, teólogos liderando movimentos para a justiça entre os imigrantes, feministas, estavam lá para discutirmos como nós temos "teologizado" em meio das nossas lutas. Foi muito interessante. Aparecem histórias reais de lutas e chegamos a algumas conclusões. Esta foi a última realização da Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo. Esta Associação foi organizada em 1976 e é uma associação de cunho muito restrito, mas que tem uma produção teológica de grande respeito, que é uma Teologia Contextual. Quer dizer, nós mudamos o "locus" de teologizar e achamos que podemos mesmo, na América Latina por exemplo (já que estamos no Brasil), fazer a nossa própria produção teológica, sem depender dos mitos e de outros métodos de teologizar tradicionalmente conhecidos. Nós não rejeitamos cem por cento a Teologia tradicional, mas achamos que ela tem a sua própria época e nós criamos uma nova época. É interessante notar como, no Primeiro Mundo, há já teólogos que estão fazendo o mesmo que nós estamos a fazer.

A quem fala esta Associação? Qual o público com quem essa Associação dialoga? Ela fala com a Igreja? Qual a relação dessa Teologia com a Igreja?

Não. São indivíduos. Os membros da Associação estão lá como indivíduos. Nós não estamos lá representando Igrejas. Claro, é sempre difícil dizer que eu, como metodista, não falo pelos metodistas. Eu não falo pela Igreja Metodista; eu estou lá como indivíduo, não é? Nós não podemos dizer que representamos Igrejas, mas que a nossa Teologia tem impacto sobre as Igrejas, isso tem. A produção teológica está aí, e muitas das nossas posições, embora não oficialmente endossadas pelas Igrejas como tal, têm tido aceitação mesmo de altos membros da hierarquia, tanto das Igrejas Católicas como das Igrejas Protestantes. É um associação de indivíduos. Temos muito pouco ainda. Aqui no Brasil devemos ter, por aí, meia-dúzia apenas. E esperamos que o trabalho da Associação irá continuar a nível de regiões, na América Latina, Ásia, África. Estamos organizando, agora, conferências regionais e esperamos que os objetivos dessa Associação irão influenciar outros teólogos do Terceiro Mundo a meditarem um pouco mais profundamente neste tipo de Teologia Contextual, que é

muito importante para nós, hoje. Fazer teologia a partir das nossas próprias situações: isso é muito importante.

A tônica dessa Teologia equivaleria, assim, à Teologia da Libertação no Brasil?

Bem, há também uma Teologia da Libertação na África e na Ásia. Também há uma Teologia da Libertação. Pode variar nos seus conteúdos, nos seus métodos, da Teologia da Libertação da América Latina. A nossa Teologia africana é também uma Teologia da Libertação. Pode não ser nos mesmos moldes que a Teologia latino-americana, mas também é uma Teologia de Libertação.

Como as Igrejas Protestantes de Angola vêem as crenças tribais? Como se comportam com relação a elas?

Nós não as consideramos *crenças tribais*, neste sentido. Não é que tivemos que arranjar um nome para elas, mas, desde há muito, que elas são consideradas como *religiões tradicionais africanas*. Deixe-me pôr isto num contexto mais pluralista: a religião tradicional africana. Embora possa dizer “religiões tradicionais africanas”. Elas existem. Mesmo antes do Cristianismo ter chegado na África, elas existiam. Aliás, a maioria do povo da África professa estas religiões tradicionais, uma vez que, na África, o Cristianismo é minoria. Como nós vemos, elas existem e temos que considerá-las como tais. O senhor sabe que, no princípio, a obra missionária considerou-as como religiões pagãs. Nós não as consideramos religiões pagãs. Elas são o que são. Não são paganismo. Criaram-se muitos nomes pejorativos para essas religiões: magia, fetichismo, animismo, totemismo... Uma série de nomes, não é? Mas elas são religiões. E o povo da África é tão profundamente religioso que nós pensamos até, às vezes, que, como disse um dos grandes teólogos africanos, estas religiões talvez fossem até uma preparação para o Evangelho. Quando os missionários chegaram à África, eles já encontraram no povo uma disposição para a fé, para crer. E isso já havíamos aprendido através das nossas religiões tradicionais. Claro que o senhor sabe que ainda há cristãos, ainda há Sociedades Missionárias, que ainda consideram essas religiões como pagãs e os africanos como seres a evangelizar, não é? Ganhar para Cristo, não é? Não é nova a tendência de muita gente fazer as malas na Europa ou na América para ir à África evangelizar os pagãos. Nós as consideramos como religiões tradicionais e, no trabalho de evangelização, é de lá que nós vamos ganhar os adeptos para o Cristianismo.

NÃO PRECISAMOS DEIXAR DE SER AFRICANOS PARA SERMOS CRISTÃOS

Um cristão convertido, ele abandona ou deve abandonar as práticas das religiões tradicionais? Ou se combinam?

Depende de que práticas. Pode ser que haja práticas que sejam incompatíveis com as práticas da ética cristã. Mas, o que nós queremos, em Angola — não posso dizer pela África toda — é que não precisamos deixar de ser africanos para sermos cristãos. Agora, como conjugar estas duas coisas, isto é uma tremenda tarefa para a Igreja hoje; mas ninguém me obriga a deixar de ser africano para ser cristão.

É que existe um caso de um bispo católico da Zâmbia que

está, hoje, recluso em Roma, acusado de conviver com as práticas das religiões tradicionais africanas.

É o Arcebispo Milingo. Nós em Angola já estamos a apelar ao Vaticano para nos devolver o Arcebispo Milingo à África. Se tivéssemos um grito para o Vaticano seria: “devolva-nos Milingo à África!” Claro que isto é uma questão interna da Igreja Católica, mas é um bocado insólito. Eu não estou devidamente informado, mas fosse o que fosse o que acontecesse com o Arcebispo Milingo, lá no Zâmbia... precisa ser devolvido à África.

Nas Igrejas Protestantes, estas práticas são toleradas?

Tudo depende de que tipo de Igreja. Na minha Igreja, nós não damos ênfase de cura, mas há Igrejas que dão ênfase de cura. Depende como isto é feito, como os métodos são utilizados, como a liberdade do indivíduo é respeitada, como os princípios fundamentais da ética cristã são observados. Mas, será que Milingo está sendo condenado apenas por isso? Isso nós não sabemos. Não sabemos...

O Papa proibiu também, aqui no Brasil, a chamada “Missa dos Quilombos”. Não sei se o senhor recebeu uma revista “PRESENÇA” sobre os Quilombos, que é o texto da missa que foi proibida no Brasil pelo Papa, porque é uma missa em que a liturgia era feita a partir de uma cultura afro-brasileira, dos cultos afro-brasileiros...

Sim. Só por causa disso, eu acho que não devemos condenar. Claro que depende de seu conteúdo, não é? Nós em África, por exemplo, temos dois fenômenos. Um é o surgimento, no seio do Protestantismo, das chamadas “Igrejas Independentes Africanas”, Igrejas Indígenas Africanas. E elas são o que são: são as Igrejas Indígenas Africanas. Elas saíram das Igrejas da Missão, “africanizaram-se” e tornaram-se o que elas são. Entretanto, as chamadas “Igrejas Tradicionais do Cristianismo” — batistas, metodistas, congregacionais — elas são o que são. Eu não acho que as Igrejas que permanecem na linha tradicional devem condenar as Igrejas Indígenas Africanas. Quer dizer, elas próprias no contexto da cultura africana. E são isso mesmo. Se esta Igreja... como é que chama? Quilombos, o senhor disse?

“Missa dos Quilombos”.

“Missa dos Quilombos”...Se pode ser posta no contexto das chamadas “Indígenas Africanas” em África... Estas Igrejas, em África, são as que estão a colocar o Cristianismo em África no seu verdadeiro contexto. Claro que o Brasil não é a África, não é? Se estes grupos estivessem em África, não teriam sido condenados tão violentamente como o foram aqui, porque nós em África — você veja bem — nós não condenamos as Igrejas Indígenas Africanas. Para nós, até, elas expressam, de uma melhor maneira, o que chamamos agora, em África, a “encarnação do Cristianismo na realidade africana”. Elas expressam da melhor maneira, muito mais enfaticamente.

A relação aí, então, é de convivência, mais do que simples tolerância?

Sim. Encarnação cultural da fé, também. Isso, para nós, é muito importante. Porque normalmente... O senhor pega a Macumba... Essa Macumba é praticada pelos negros aqui no Brasil, por exemplo. Não é isso? Isto é que é uma cultura que eles trouxeram da África. É cultura deles, uma cultura negra. Nós não podemos compreender isto bem.

Aqui, as Igrejas Protestantes em geral rejeitam, de uma forma muito violenta, essa manifestação cultural africana. Mas isso é uma coisa que não se pode rejeitar. Uma manifestação não se pode rejeitar. Quer dizer, nós não podemos pensar que os negros manifestem sua fé em Cristo da mesma maneira como os brancos o fazem ou os brancos manifestem como os negros o fazem. Nós não podemos esperar isso. É o mesmo que obrigar, por exemplo, um negro da minha terra a cantar de mãos amarradas — é ou não é? — sentado, amarrado a um branco. Isto é uma coisa impossível! Ele tem que mexer o corpo, ele tem que bater palmas, ele tem que gritar. É isso o que ele é.

Nesse sentido, o conceito “negro” é muito mais profundo que o conceito cultural, não é?

Eu acho que sim. Nós temos opções culturais. Talvez a maior parte do povo, aqui no Brasil, não tenha opção cultural. É ou não é? Não tem opção cultural.

Ou tem tantas que não tem identidade.

Não tem, não tem. Continua a adorar como se adora na Europa, na América. Não tem uma opção cultural. Nós em África temos, temos uma opção. Nós podemos deixar de cantar os hinos da Inglaterra ou da América; podemos deixar a Teologia de lá, e nós temos, ainda, outras opções para mostrarmos, para pormos em prática a nossa fé em Jesus Cristo. Isso é muito importante. Agora, põe-se o problema, certamente, de que a particularização da fé não pode destruir a sua universalidade. É uma questão de manter o equilíbrio, um certo equilíbrio entre aquilo que é e aquilo que deve ser. Mas, como mesmo em África muitos africanos não conseguiram manter o equilíbrio, eles preferiram afastar-se completamente e criarem as chamadas “Igrejas Independentes Africanas”. Enquanto que nós, que ficamos na linha tradicional, estamos a tentar manter esse equilíbrio.

E como se dá o relacionamento dessas Igrejas Independentes com aquelas que ficam, ainda, numa linha mais tradicional? Elas participam de um mesmo conselho ecumênico?

Em Angola, elas participam. Nós temos, por exemplo, a Igreja Quimbandista, que até é membro do Conselho Mundial de Igrejas. E temos algumas Igrejas Independentes Africanas que colaboram no movimento ecumênico.

Qual é a diferença mais aparente de uma Igreja Independente Africana, que para nós brasileiros é uma realidade muito nova? A gente não tem muita idéia de como ser cristão, se não for nesse “esquemazinho” que se aprendeu dos missionários.

Uma característica muito profunda desses movimentos de Igrejas Independentes Africanas... Bom, eu coloco primeiro o aspecto positivo que é, realmente, esta tentativa de “encarnar” a mensagem de Cristo a qual eles nunca questionam. Cristo é, para eles, uma realidade presente, “encarnado” numa cultura. Isso é muito importante. Eles também partem da Bíblia. Eles usam a Bíblia. Outro, é seu aspecto profético-messiânico. São muito dirigidos por líderes carismáticos. Não são movimentos carismáticos. São movimentos profético-messiânicos. Claro que não podemos esquecer, também, o seu cunho nacionalista. Porque o senhor pode ver, por exemplo, na África Austral, na África

Central, os movimentos nacionalistas africanos tiveram suas origens, fundamentalmente, nas Igrejas Independentes Africanas. Foram, também, movimentos políticos, nacionalísticos.

E o culto dessas Igrejas, como que é?

É um culto movimentado, é um culto vivo.

Tem um pastor à frente que prega a Palavra?

São Igrejas eminentemente laicas, até. E algumas delas são até dirigidas por mulheres.

E com relação ao comportamento? Poligamia, organização familiar...

Ah, nem podemos pôr certas interrogações junto à sua ética. Varia de Igreja para Igreja.

Essas Igrejas Independentes aceitam, por exemplo, um casamento não monogâmico?

Sim. Bom, aceitam sim. O senhor sabe que o casamento não monogâmico é bem africano, não obstante a monogamia ser o mais geral no Continente Africano. Outra coisa, por exemplo, desses movimentos, é que são iconoclastas. Eles não aceitam a representação da divindade em imagens. Até cruzeiros não têm. Combatem o alcoolismo, esses movimentos. Claro, depende de que ponto nos encontramos para poder apreciar, verdadeiramente, estas Igrejas. Temos que ser muito isentos das nossas próprias posições éticas, porque nem sempre elas coincidem com as práticas éticas destes movimentos. Não estamos a condenar. É: ou... ou. Deixe-as onde elas estão e nós ficamos onde estamos. Ou eles deixam-nos onde estamos e eles ficam onde estão.

Com relação a Vancouver, a análise que nós fazemos aqui no CEDI é que a VI Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas vai dar muito menos ênfase às Igrejas em má situação na América Latina e vai se voltar um pouco mais para a África; e, também, vai se afastar um pouco da ênfase que houve, em Nairóbi, de favorecer, incentivar e incrementar os chamados “movimentos populares”, em favor de uma força e de um trabalho mais juntos às instituições eclesiais.

Sabem que o mundo está mergulhado numa série de situações... A mim me parece que vai ser difícil para esta Assembléia, realmente, fazer uma cobertura integral, tomar posições a respeito. A situação internacional deteriora-se cada vez mais. Não há sequer um canto do mundo onde não há conflitos. Eu creio que o Conselho não poderá se reunir, em Vancouver, sem pelo menos lembrar-se da África Austral. É ou não é? Do Médio Oriente, dos chamados “pontos quentes do mundo”: a Irlanda do Norte, a Polónia, Nicarágua, El Salvador... Eu não acho que o Conselho irá a Vancouver e sairá de lá sem sequer mencionar a Nicarágua ou a América Central. Eu não sei.

Mas é que o Conselho tem recebido muitas críticas da chamada “direita americana”: a Rede de Televisão CBS, a revista “Reader’s Digest”. São críticas, justamente, por causa da posição do Conselho Mundial de Igrejas, favorável à política mais voltada ao Terceiro Mundo, em favor dele.

Sim, efetivamente, o senhor tem razão. Eu não sei por que, todas as vezes em que se aproxima uma Assembléia Geral

do Conselho Mundial de Igrejas, esses grupos, essas organizações, têm que dizer alguma coisa. Já da outra vez, algumas Igrejas foram se retirando do Conselho Mundial porque o Programa de Combate ao Racismo ofereceu fundos aos movimentos de libertação. É ou não é? E, agora, o Conselho é acusado de distribuir verbas para movimentos comunitas, marxistas. É ou não é? Acho que ninguém vai se deixar intimidar por isso, não é? Eu não acho que Vancouver será um fracasso por causa disso, porque, afinal de contas, as próprias Igrejas do Terceiro Mundo estão lá representadas. E pode ser que não façam resoluções suficientemente fortes a respeito destas situações, mas eu não vejo que as críticas ao Conselho Mundial de Igrejas, por causa de sua solidariedade aos movimentos de libertação, irá influir no sucesso da Assembléia. Porém, os nossos temores podem ser justificados, o senhor tem razão. E, precisamente, estas críticas tendem a fazer isso — eu usaria a palavra “sabotar”, não sei se os senhores usam essa palavra aqui. Por outro lado, nós do Terceiro Mundo temos, outros receios. Os senhores têm estes, eu vou dizer mais um. É que, talvez, o Conselho Mundial de Igrejas possa concentrar mais as suas discussões no problema de desarmamento, o desarmamento que para nós do Terceiro Mundo não é prioritário. Não é prioritário. E, então, iremos lá tratar disso. Eu acho que esta Assembléia estará em condições de cobrir um certo número de aspectos da situação internacional e acho que as críticas foram muito infelizes e até irresponsáveis.

PARA NÓS DO TERCEIRO MUNDO AINDA O PRIORITÁRIO É A FOME, A IGNORÂNCIA, O COLONIALISMO, A EXPLORAÇÃO

O senhor diz que o problema do desarmamento não é prioritário para a situação particular do Terceiro Mundo. Mas, para a definição de uma política geral do Conselho Mundial de Igrejas, é prioritário?

Sim, porque, realmente, parte das Igrejas, eu diria as Igrejas — eu não gosto da expressão — mais poderosas têm por assunto número um o problema do desarmamento, que pode dominar grande parte das discussões das Igrejas vindas da Europa, quer Oriental quer Ocidental. Tem também as dos Estados Unidos, as do Canadá. Para eles o problema do desarmamento está em primeiro lugar. Para nós, do Terceiro Mundo, ainda é fome, miséria, ignorância, o Colonialismo, o Neocolonialismo, a exploração. Esses são, talvez, os problemas fundamentais.

Não seria prioritário no sentido dos recursos utilizados na fabricação de armamentos que podiam ser...

Eu sei, nós estamos ameaçados, também. Eu sei disto. Mas veja, por exemplo, o problema da fabricação e da exportação de armamentos convencionais, comercialmente, tradicionais ou não. Para nós, realmente, é um problema grande. Para muitos de nós, que estão na África Austral... Falar em desarmamento hoje, em Angola? É uma situação um pouco difícil. Nós estamos sendo ameaçados pela África do Sul. Vocês sabem que a África do Sul bombardeou Maputo ainda ontem, e o senhor não vai pedir a Moçambique para se desarmar! Isto já digo assim ingenuamente, não é? Isto pode ser considerado um argumento fútil, mas o problema de desarmamento para a Europa não é no mesmo nível que o nosso, não é? É uma questão agora de

discutir-se se deve ou não deve estacionar mísseis na Europa. É ou não é? Eles têm medo! Desarmamento em termos de Europa, é um problema que é “medão” em termos europeus. E, a partir dessa situação de medo, o senhor explica os movimentos pela paz que estão agora aí. É ou não é? Quando eles falam “paz, tirem daqui estes mísseis” e mais nada, eles não dizem “dêem pão aos povos do Terceiro Mundo”. Não, eles não dizem... “Tirem daqui esses mísseis, que vão explodir mais além”. Mais além.

“Põe na África!”

É... isso mesmo!

Se tirassem os mísseis da Europa e pusessem na África eles estariam satisfeitos... Neste sentido, as tropas cubanas em Angola são bem vindas?

Eu acho que sim. Nós é que as chamamos para lá, até nós dizermos “vão embora”, isso já pondo de uma maneira muito simples. Se as tropas cubanas saírem de Angola hoje os sul-africanos não vão entrar! Eles entram! Isso é que é verdade. Nós não somos estúpidos nem nada, não é? Eu acho que, quando se fala sobre esse tema — talvez não interesse muito para a entrevista — “o que é que as tropas cubanas estão a fazer em Angola”...: Elas não estão sendo envolvidas em ações de guerra. Elas estão lá, todo mundo sabe que estão lá. Em circunstâncias históricas foram solicitadas pelo atual partido no poder que está lá, com o que a presença cubana tinha que ser vista além da presença militar. Como nós dizemos sempre, lá não há só militares. Quando nós falamos de cubanos em Angola não podemos falar só nos soldados; temos que falar em outros, que não são soldados, e que estão a prestar ao país uma contribuição valiosa.

E são muitos, também?

Não sabemos quantos, mas poucos não são. Médicos, enfermeiros, professores, professores de ensino secundário, técnicos em construção civil. Eles constroem bairros enormes para as populações que moravam nas favelas. Isso é uma grande contribuição, que um país como Cuba está a prestar a Angola. Países economicamente mais poderosos poderiam estar a fazer até mais para Angola! Os senhores sabem que Cuba construiu, na ilha da Juventude, escolas para alunos da Etiópia, Moçambique, Angola. Milhares e milhares de estudantes destes países estão em Cuba. Quantos estudam nesses países que criticam a presença cubana em Angola? Quantos? A questão é ter que fornecer este contexto. Cuba não invadiu Angola. Não era possível invadir um país que fica a 10.000 ou 14.000 km. de distância.

Qual o nível de relacionamento de Angola com a União Soviética? Qual o nível de influência da União Soviética em Angola?

Acho que Angola tem relações preferenciais com a União Soviética. Agora, a nível de influência... Mas que influência? Angola enveredou para o socialismo e isto significa, certamente, relações preferenciais com os países que enveredaram pela mesma linha, não é? Mas Angola é Angola. Angola é governada pelos angolanos. Isso aí é uma coisa que nós deixamos bem clara! Nós nunca seremos colonizados por mais ninguém! Mais ninguém! Mas há relações preferenciais. E, indo um pouco mais longe com a sua pergunta, isto significa uma coisa interessante até, que

muitos não sabem: que apenas 14 por cento das nossas relações comerciais são com a Europa do Leste. O resto é todo com a Europa Ocidental e o Brasil — que é o nosso segundo parceiro comercial. Não é nenhum país socialista: é o Brasil! É o segundo parceiro comercial de Angola, no momento. O primeiro lugar é Portugal, evidentemente.

Existem muitos brasileiros lá?

Sim. Não sei quantos, mas a colônia brasileira em Angola aumenta. Eu vim no vôo Varig. A Varig agora voa diretamente, Luanda—Rio de Janeiro—São Paulo, uma ponte, um vôo semanal. E nós temos trocas comerciais com o Brasil significativas. Nós exportamos o petróleo e outras coisas.

Uma questão que se coloca é a questão da sobrevivência das Igrejas nos países socialistas. Como é em Angola, um país caminhando para o socialismo?

As Igrejas vão muito bem em Angola. Não se põe uma questão de sobrevivência. Não há o problema. Elas sobreviveram durante o Colonialismo, que foi até um tempo mais difícil que este tempo. Não há comparação nenhuma. Não há comparação: uma Igreja no Colonialismo; uma Igreja na libertação — chamem de Socialismo ou como os senhores quiserem. O senhor veja, por exemplo, mesmo as antigas colônias francesas e inglesas, a Igreja não se desenvolveu mais no Colonialismo que hoje. E não digam que, hoje, as Igrejas nesses países estão a se desenvolver, porque esses países adotaram uma via capitalista de desenvolvimento. Isso não é verdade. Só se desenvolveram porque estão livres! Estão livres do Colonialismo, isso aí é que é a verdade.

A Igreja em Angola possui escolas e hospitais?

Foram nacionalizadas. O governo nacionalizou todo o ensino, todo o programa de saúde. Toda saúde e ensino foram nacionalizados. As Igrejas não têm mais escolas, não têm hospitais. O ensino é gratuito no país, a saúde também é gratuita.

Todo o ensino, desde o Primeiro Grau?

Desde o Primeiro Grau até a Universidade.

E a informação e a comunicação? Jornais, rádio, Televisão?

Ah, isto é controlado, é partidário, é controlado pelo Estado, é estatal. Agora, as Igrejas têm as suas publicações.

E a circulação?

Circulam. Tudo.

Rádio?

Rádio, não. Nenhuma Igreja tem Rádio. Rádio e Imprensa são oficializados. Quando eu digo que as Igrejas têm as suas publicações é que temos os nossos jornais, as nossas revistas, os nossos boletins. Isso temos.

E o acesso, por exemplo, a um jornal, é fácil?

O acesso ao jornal é fácil para toda matéria de caráter teológico ou religioso. Nós podemos pôr um anúncio no jornal, mas não podemos publicar um artigo teológico. Fazemo-lo nos nossos jornais. Por exemplo, também a religião não pode ser ensinada nas escolas públicas. Não se ensina religião nas escolas públicas.

E, por exemplo, um jornal publica uma versão de um determinado fato, se uma Igreja não concordar ela tem espaço para replicar?

Não como Igreja. Quer dizer, nós vemos isso através de indivíduos. Claro que nós podemos fazê-lo de outras maneiras; ou fazemos nas nossas próprias publicações ou escrevemos nos próprios jornais. Eu não vi polêmicas; respostas a perguntas nos jornais eu não vi. Claro que, na situação que se vive em Angola, hoje, uma situação muito delicada, nós não podemos dizer que em Angola o mesmo acesso aos meios de comunicação, a mesma abertura aos meios de comunicação, como existe em certos países. Quer dizer que um jornalista que saísse daqui — não conheço a situação do Brasil — e fosse para Angola, notaria que há diferenças profundas. Mas não se põe em questão a sobrevivência das Igrejas. Até estão crescendo, não é? Há muitas Igrejas em Angola que estão a crescer a um ritmo de 10 por cento ao ano. Há aí países capitalistas em que ela está a decrescer a um ritmo de 20 por cento ao ano. Não se compreender! Não se pode pensar que a Igreja só pode sobreviver numa sociedade capitalista. Isso não.

Não existe, então, contradição da Igreja com a orientação estatal da comunicação e informação? Aqui, os órgãos de comunicação são dos donos que usam, controlam, manipulam segundo a sua vontade, a sua política, o seu acordo com o Estado. Mas a visão que temos da imprensa, em que os órgãos de comunicação e informação são controlados pelo Estado, é pior.

Eles são controlados pelo Estado, mas não atacam as Igrejas nem nada. A menos que tenham aparecido algumas reações nos jornais. Especialmente, quando certas Igrejas, certos indivíduos, certos grupos religiosos, adotam posições reacionárias, contra a posição do próprio Governo. Mas não há... O senhor pega nos jornais, um jornal diário — nós só temos um diário em Angola, o “Diário de Angola” — o senhor pode ler o jornal inteiro, ninguém mexe com as Igrejas. É interessante que, ultimamente, o jornal tem mencionado algumas conclusões dos comunicados do Conselho Angolano de Igrejas. Isso eu posso mencionar. É interessante notar que quase todas as posições do Bispo Tuttle, na África do Sul, a nossa Rádio, a nossa Televisão, publicam e mesmo do Conselho de Igrejas da África do Sul. Todas as posições que as Igrejas tomam ao redor do mundo, que interessam, então publicam. É interessante isto.

Então, existe uma política do Estado aberta à crítica?

Eu acho que sim. Depende como a crítica é feita, mas eu acho que sim. Aliás, eu acho que o problema da crítica e da autocritica caracteriza este Governo que temos em Angola. É um Governo até que critica-se a si próprio. Claro, este sempre é um assunto difícil. Qualquer governo tem suas prioridades, seus objetivos. É ou não é?

A posição das Igrejas com relação à propriedade, qual é? A propriedade privada, a acumulação, a estatização, a nacionalização?

Acho que existem as duas coisas em Angola. Foram nacionalizadas as propriedades daquelas pessoas que se ausentaram do país, mas nenhuma propriedade foi nacionalizada do indivíduo que está no país. Existe ainda a propriedade privada em Angola. Há uma lei no país, como eu disse esta

manhã: a terra pertence a quem cultiva. E as Igrejas concordam com isto. Hoje em dia, em Angola, todo mundo pode ter terra, todo mundo tem terra. Cada um pode construir a sua casa onde quiser; pode guardar o seu dinheiro no Banco, em seu nome, onde quiser; pode ter a sua propriedade. Isso existe. A Igreja também tem a sua propriedade. Mais a Igreja Católica do que as Igrejas Protestantes, mas há algumas Igrejas que herdaram as antigas propriedades missionárias, como a nossa, por exemplo. Nós temos ainda diversas propriedades. Simplesmente, aconteceu que foram nacionalizadas as escolas e os hospitais. Os prédios também teriam que ser utilizados. Para quê? Para os mesmos objetivos para os quais as Igrejas os utilizavam: como escolas, como hospitais. Não há qualquer problema para nós. Mas é bom que fique certo que o Estado lá não está a confiscar ou nacionalizar aquelas propriedades que não foram abandonadas pelos seus proprietários. Há milhares de portugueses que ainda continuam a ausentar-se do país, mesmo agora, sem informar. Ficam fora do país 45, 60, 90 dias, e o Estado... são fábricas, são indústrias que não podem ficar paralisadas. E o Estado confisca.

E o nível de participação do trabalhador nessas comunidades, numa escola ou no hospital? A direção é nomeada pelo Estado?

A maior parte destas comunidades estão sob o controle dos trabalhadores, são nomeados pelos trabalhadores. O Estado nomeia os diretores-gerais; os administradores-gerais. Mas, normalmente, a gerência destas indústrias nacionalizadas é feita pelos trabalhadores. Isso é um fenómeno corrente em Angola, hoje. Claro que, se há uma empresa, uma organização, que tenha os seus mantenedores, compete aos mantenedores, pelo menos, nomearem as direções máximas, mas a nível dos trabalhadores há sempre qualquer organização.

Qual a relação entre o sindicato e o partido?

Até onde eu sei, existem os sindicatos. Os sindicatos fazem parte das chamadas organizações de massa. Há várias organizações de massa no meu país: organizações de jovens, de mulheres, os sindicatos, a União dos Trabalhadores Angolanos.

E são independentes do partido ou se subordinam a ele?

Eu acho que se subordinam ao partido, à orientação do partido, embora o senhor encontre sindicatos... os sindicatos são para todo mundo, até mesmo os que não são do partido são do sindicato. Todos os trabalhadores estão nos sindicatos. Mas, é claro que os sindicatos, até onde nós podemos ver, obedecem às orientações do partido. Pelo menos é isso que nós vemos, não é?

Os sindicatos têm direito de greve?

Lá? Não tem havido greves agora. Nunca houve greves.

Mas, então, um sindicato teria o poder de decretar greve?

Eu não sei. Os sindicatos em Angola, não sei. Não houve ainda, greves até agora, pelo menos depois da Independência, e, talvez, não haverá, porque as greves, para serem decretadas pelos sindicatos, têm que ter como motivo o descontentamento dos trabalhadores, que impõem esse tipo de greve. Mas eu não sei como os trabalhadores, que regem uma indústria, eles próprios vão ficar em greve com

eles próprios. O problema das greves põe-se exatamente ali, não é? Quando os trabalhadores não participam das decisões e quando as suas reivindicações não são satisfeitas pelos empregadores. Ali, quem é o empregador? O Estado? Não sei, estas normas estão de tal maneira estabelecidas, que eu não sei de onde é que vem a greve, senão deles próprios? Não tem havido greves em Angola e eu acho que a razão principal é esta.

E a questão das minorias. Existe o problema de minorias, em Angola?

Não temos minorias. Minorias o quê? Raciais?

Assim... Sei lá! Tribais ou étnicas?

Não. Angola é um povo só, uma só Nação. Não temos minorias. Têm os grupos étnicos maiores que os outros, mas não há, no meu país, maiorias ou minorias.

Não existe uma maioria dominante?

Não, não, não! Isso não. Não existe! Do ponto de vista político, governamental, aquilo é tão misturado até que não existe maioria dominante nem minoria. O senhor encontra gente de todas as partes da Angola a governar aquele país. Não existe este problema das minorias.

Por exemplo, a UNITA parece que tem uma identidade maior com certos grupos étnicos de Angola. É isto ou não?

Isto tem, mas há ministros, até, que pertencem às mesmas tribos. Isto não é problema em Angola.

O senhor disse que, em Angola, havia uma situação delicada. Por quê? Por causa da presença da África do Sul?

O problema das destabilizações da África do Sul ajuda a própria UNITA, também. O problema econômico é sério. Aliás, é sério para qualquer país do chamado Terceiro Mundo. O fato de que Angola tem uma opção não-capitalista de desenvolvimento... Isto tem lhe trazido muitas dores de cabeça, não é? Não é fácil. O senhor veja, um país como a África do Sul bombardear uma capital... civis... não é brincadeira nenhuma. Não é brincadeira nenhuma! Alegando que os países vizinhos albergam no seu seio os guerrilheiros do Congresso Nacional Africano.

Pode-se dizer que Angola vive hoje quase que uma situação de guerra?

Uma guerra não declarada. Nós não estamos em guerra com a África do Sul.

Isto coloca Angola, hoje, numa situação excepcional...

É uma situação difícil, realmente.

Em um outro momento, que não fosse considerado uma situação excepcional, determinados problemas aflorariam?

Sim, eu não acho que deixaríamos de ter dificuldades. Nós sempre temos dificuldades, dificuldades causadas pelos nossos próprios erros. Nós também cometemos erros, não é? Nós não podemos dizer só que são os outros que estão a trazer dificuldades. Nós também cometemos nossos erros, mas eu acho que, no momento atual, Angola não pode prosseguir com a sua reconstrução nacional por causa dessas ações da África do Sul. Isto é verdade. E nenhum país conseguiria melhor. Nenhum!